

A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza

Portfólio de Projeto Final de Arquitetura 2021/ 2022 - Iscte

Os casos de Matosinhos, Viana do Castelo, Vila do Conde e Chaves

Docentes

Paulo Tormenta Pinto (Coord.)

Pedro Pinto

Ana Brandão

Catarina Santos

Filipe Prudêncio

Francisco Freitas

Rita Rodrigues

Estudantes

Afonso Simão

Bárbara Monteiro

Bernardo Vicente

Carlos Marques

Cátia Meireles

Daniel Gomes

João Ovelheira

Madalena Lopes

Maria Fróis

Mariana Almeida Brito

Marta Vieira da Fonte

Miguel Almeida

Ricardo Ferreira

Tomás Gomes Oliveira

Ficha técnica da edição

Título: A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza. Portfólio de Projeto Final de Arquitetura 2021/2022 - Iscte. Os casos de Matosinhos, Viana do Castelo, Vila do Conde e Chaves

Editores: Paulo Tormenta Pinto, Pedro Pinto e Ana Brandão

Coordenação da edição: Elodie Marques

Estudantes: Afonso Simão, Bárbara Monteiro, Bernardo Vicente, Carlos Marques, Cátia Meireles, Daniel Gomes, João Ovelheira, Madalena Lopes, Maria Fróis, Mariana Almeida Brito, Marta Vieira da Fonte, Miguel Almeida, Ricardo Ferreira e Tomás Gomes Oliveira

Orientação: Paulo Tormenta Pinto (Coord.), Pedro Pinto, Ana Brandão, Catarina Santos, Filipe Prudêncio, Francisco Freitas e Rita Rodrigues

Design: Bernardo Gaspar Vicente

Depósito Legal: 523156/23

ISBN: 978-989-781-857-8

Direitos de autor:

© desta edição, editores

© dos textos, os autores

© das imagens, os autores

Este livro é publicado no âmbito do projeto de investigação "A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza - Projetos de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998", SIZA/CPT/0031/2019, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através de fundos nacionais.

Reprodução autorizada, desde que seja referenciada a fonte e autoria de textos e de imagens, exceto para fins comerciais.

Ficha Técnica do Projeto de Investigação

Título: A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza - Projetos de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998

Investigador principal: Paulo Tormenta Pinto

Co Investigador principal: Ana Tostões

Investigadora FCT: Ana Brandão

Equipa de investigação: Alexandra Saraiva, João Paulo Delgado, José Luís Saldanha, Pedro Baía, Rui Póvoas e Sandra Marques Pereira

Consultores: Inês d'Orey, José António Bandeirinha, Magda Seifert e Raquel Henriques da Silva

Bolseiras FCT: Elodie Marques e Joana Coutinho

 **Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia**

 **município de
Chaves**

 **INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA**



Vila do Conde



VIANA DO CASTELO

 **dinamia
'cet' _iscte**

 **matosinhos**

04	Nota prévia
08	Sobre Álvaro Siza Paulo Tormenta Pinto
10	Matosinhos Intervir na frente de água
12	O novo Centro Cívico e a Estação do Senhor de Matosinhos Mariana Brito
16	Parque Desportivo e Centro de Fisioterapia do Vale do Leça Madalena Lopes
20	O novo CIIMAR de Matosinhos - Boa Nova Bernardo Vicente
24	Extensão da Marginal e novo Centro Multidisciplinar da ETAR de Leça da Palmeira Tomás Oliveira
28	Viana do Castelo O território de mediação entre a cidade, o rio e o mar
30	Reabilitação da Frente Marítima da Praia Norte Miguel Almeida
34	Alojamento Rural da Nossa Sr ^a das Areias Afonso Simão
38	Vila do Conde Vazios urbanos em Vila do Conde
40	Revitalização do Mercado Municipal Cátia Meireles
44	A piscina no Pinhal Daniel Gomes
48	Entre o Mar e o Rio Marian Fróis
52	Cais Cultural da Seca do Bacalhau Ricardo Ferreira
56	Chaves Novas ligações entre a cidade e as margens do rio Tâmega
58	O novo Terminal Rodoviário Carlos Marques
62	Expansão do jardim do Tabolado Bárbara Monteiro
66	O novo recinto da Feira Marta Vieira da Fonte
70	Centro Interpretativo e Recreativo da Paisagem do Rio Tâmega João Ovelheira
74	Agradecimentos

Nota prévia

Entre 2021 e 2023 uma equipa coordenada por Paulo Tormenta Pinto e Ana Tostões, desenvolveu o projeto de investigação “A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza – Projetos de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998 (Expo’98)”.

No âmbito deste projeto de investigação, um dos estúdios de Projeto Final de Arquitetura do Iscte (ano letivo 2021/ 22), orientados por Paulo Tormenta Pinto, Pedro da Luz Pinto, Ana Brandão, com a colaboração de Catarina Santos, Elodie Marques, Filipe Prudêncio, Francisco Freitas e Rita Rodrigues, participou na partilha científica e pedagógica realizada entre investigadores, professores e estudantes de arquitetura. Este livro apresenta os resultados desse trabalho pedagógico desenvolvido em torno da monumentalidade crítica.

O exercício lançado debruça-se sobre obras de Álvaro Siza em Matosinhos, Viana do Castelo, Vila do Conde e Chaves, procurando compreender e decodificar os territórios nos quais estão inseridas.

Num primeiro momento, o trabalho em grupo, permitiu o levantamento das obras de Álvaro Siza nas quatro cidades, bem como a análise das transformações desses territórios, traduzindo-se na proposta de uma estratégia de intervenção urbana e no debate sobre a importância das obras de Álvaro Siza nesses contextos.

Num segundo momento, cada aluno desenvolveu um projeto de uma intervenção arquitetónica que concretiza a estratégia proposta e dialoga criticamente com a análise e reflexão realizada.

Um conjunto de visitas, ao Pavilhão de Portugal, às quatro cidades em estudo e ao atelier de Álvaro Siza, permitiram contextualizar e debater a sua prática e experiência em programas de espaços e equipamentos públicos.





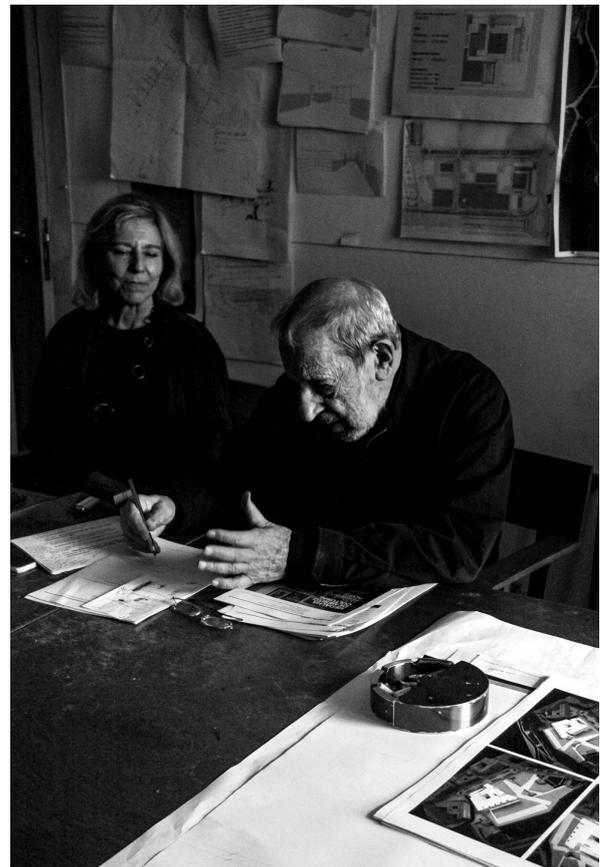
Álvaro Siza com investigadores e estudantes, 30 de outubro de 2021



Visita ao Banco Borges & Irmão, Vila do Conde, 31 de outubro de 2021



Visita à Quinta da Conceição, Leça da Palmeira, 31 de outubro de 2021



Visita ao atelier de Álvaro Siza, Porto, 30 de outubro de 2021



Visita ao Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, Chaves, 29 de outubro de 2021



Visita à obra da adaptação do Pavilhão de Portugal, Lisboa, 01 de outubro de 2021



Visita à Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 30 de outubro de 2021



Visita à Piscina das Marés, Leça da Palmeira, 31 de outubro de 2021

Sobre Álvaro Siza

Paulo Tormenta Pinto

(...) Mas talvez seja exatamente esta oposição a razão do seu sucesso: representar algo totalmente diferente, nevroticamente isolado, tenazmente afetuoso, duramente tímido, desinteressado da acumulação do capital comunicativo de massa, poeticamente interessado na economia da expressão, no ser minimalista não por uma posição formal, mas por orgulho da pobreza, nas exigências dos gestos necessários, no ser "habitante da solidão", como ele a si próprio se define.

Gregotti, Vittorio (1998) "O Outro", em **Imaginar a Evidência**, Edições 70

A partir do diálogo entre 'Civilização Universal e Culturas Nacionais' lançado por Paul Ricoeur em 1961, Kenneth Frampton constrói no seu texto seminal, de 1983, 'Prospects for a Critical Regionalism' uma teoria de 'resistência' que associa à obra de Álvaro Siza à importância de uma cultura que se sustenta à margem da hibridização dos centralismos globais. As piscinas das marés e a Casa de Chá de Leça da Palmeira são evocadas como obras de exceção, sensíveis à singularidade dos lugares e à fenomenologia do espaço.

Este alicerce presente nas primeiras obras do mestre da Escola do Porto, foi sendo explorado em obras de maior complexidade e em contextos de maior pressão urbana e política. O convite para a elaboração do projeto do Pavilhão de Portugal, aquando da Exposição Internacional de Lisboa de 1998 (Expo'98), corresponde um momento fundamental que vem colocar à prova a teoria de 'regionalista' equacionada por Frampton no limiar da década de 1980.

Após sedimentação do processo democrático, a Expo'98 corresponde a um momento de afirmação e de representação internacional de Portugal enquanto parceiro europeu. No quadro de uma operação de profunda requalificação da zona oriental de Lisboa, o Pavilhão de Siza seria implantando junto à doca dos Olivais, sobre a 'tábua rasa' da nova cidade, desenhada a régua e esquadro, na circunscrição do recinto da Exposição Internacional.

Sem uma atribuição programática específica, para além daquela que lhe foi conferida na altura da exposição, o Pavilhão, foi concebido como uma estrutura horizontal, desenhada na base da cidade, integrando uma ampla praça cerimonial aberta para o rio, coberta por uma fina lâmina de betão. A fachada voltada para o rio foi demarcada por uma por colonata, mediando a relação entre a cidade e plano de água. A cadência de elementos clássicos, evocam no seu conjunto a expressão secular da Praça do Comércio, desenhada aquando da reconstrução da Lisboa depois do terramoto de 1775. Para além da sua composição volumétrica, o Pavilhão constitui uma proposta de espaço público, com percursos de luz e sombra, concentrando referências relativas à história da arquitetura portuguesa, em diálogo permanente com o vocabulário do movimento moderno.

A crise da modernidade, espelhada no texto de Frampton, pressupõe a reivindicação por um 'retorno do real' e um embate com a história. Estes argumentos podem ser utilizados como chave de leitura para qualificar o modo como Siza participou das estratégias da Expo'98 e como questionou, o valor simbólico inerente à obra do Pavilhão de Portugal.

Sob a égide disciplinar dos elementos clássicos e das bases tipológicas da arquitetura, Siza explorou a 'qualidade espiritual da construção', em linha com o pensamento de Louis Khan, quando, em 1944, dissertava sobre o sentido de monumentalidade. Uma monumentalidade crítica, que no domínio da forma e da matéria, regressa a uma essencialidade afetuosa, e colaborante na construção de uma nova representação do sítio.

Em 2000, após a Expo'98, é promovido pelo governo, o Programa Polis (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades), com o objetivo de proliferar a experiência de renovação urbana testada em Lisboa, portuguesas. As dinâmicas geradas pelo Programa Polis constituíram uma referência para o desenvolvimento estratégico de vinte e oito cidades de norte a sul do país. Álvaro Siza participou, de modo intenso, em quatro cidades, produzindo várias obras no âmbito deste programa. Os projetos de espaço público como o Parque Atlântico de Vila do Conde (2005) e a marginal de Leça da Palmeira em Matosinhos (2007), e os equipamentos culturais como a Biblioteca Municipal de Viana Do Castelo (2008) e o Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, em Chaves (2015), são exemplos desse envolvimento.

Estas obras estimulam extrapolações que permitem equacionar o impacto e a cultura de projeto de Álvaro Siza em processos de requalificação urbana, numa época dominada pelo deslumbramento mediático das grandes obras que marcam o período de transição para o novo milénio.

Em todos estes casos, emerge uma compreensão da fragilidade dos territórios. Sendo que os projetos incorporam, essa mesma debilidade, através de gestos precisos e sensíveis. Também nestes projetos emerge a noção de monumentalidade, que para além do postulado de Khan, antes referido, se acerta também com a interpretação formulada por Ignasi Solà Morales, quanto este relaciona o conceito com o "gosto da poesia depois de a ter lido, o gosto da música depois de a ter ouvido, o prazer da arquitetura depois de a ter visto".

Matosinhos

Intervir na frente de água

Bernardo Vicente | Madalena Lopes
Mariana Brito | Tomás Oliveira

A cidade de Matosinhos é, fisicamente e socioeconomicamente, fortemente caracterizada pela presença de grandes complexos industriais, tais como o Porto de Leixões e a Refinaria da Galp, que deixaram marcas no tecido urbano. Pelo que, na constante evolução e transformação que a cidade veio a sofrer ao longo dos tempos, é impossível ignorar a indústria, havendo a necessidade de se trabalhar com ela de forma a mitigar o seu impacto negativo no restante território.

Este trabalho aborda, assim, esse impacto, bem como o projeto da Marginal de Leça da Palmeira, da autoria de Álvaro Siza Vieira, enquanto elemento estruturador e agregador de uma malha urbana profundamente influenciada pela indústria.

Resultando numa estratégia geral de intervenção à escala da cidade de Matosinhos, assente na análise crítica do passado com foco no futuro. Esta estratégia tem como objetivo resolver as fragilidades e debilidades do território, marcado pelas duas grandes áreas industriais, com vista a colmatar a fratura entre as duas margens do rio Leça e a unificar as duas zonas urbanas de Matosinhos e Leça da Palmeira. Assenta ainda em três principais fatores: a frente de água e o sistema verde natural – que se veio a perder com a evolução da cidade –, o eixo de mobilidade – com o prolongamento da linha do metro superfície até Leça da Palmeira – e os vazios urbanos presentes na malha urbana que carecem de qualificação.

Inserem-se nesta estratégia quatro zonas de intervenção mais pontuais: o Novo Centro Cívico e Estação do Senhor de Matosinhos; o Parque Desportivo e Centro de Fisioterapia do Vale do Leça; o novo CIIMAR de Matosinhos na Zona da Boa Nova; e a extensão da Marginal e novo Centro Multidisciplinar de Leça da Palmeira.

Estratégia geral de intervenção, incluindo os sistemas verdes do vale do rio Leça, a Quinta da Conceição e a Marginal de Leça da Palmeira

1 - Hospital Pedro Hispano; 2 - Palácio da Justiça de Matosinhos; 3 - Bombeiros de Matosinhos; 4 - Câmara Municipal de Matosinhos; 5 - Passeio pedonal "Broadway", memória do antigo troço do Ramal de Leixões, preservada por Álvaro Siza no plano de Matosinhos Sul aprovado em 2009 (CMM, 2018); 6 - 3 blocos habitacionais de Alcino Soutinho e Marginal de Matosinhos - Programa POLIS, de Eduardo Souto de Moura; 7 - Complexo industrial, EXPONOR; 8 - Complexo industrial, MarShopping; 9 - Oleodutos; 10 - Complexo Industrial, Refinaria de Leça da Palmeira; 11 - Linha do metro de superfície e proposta de prolongamento para Leça da Palmeira, destacando os vazios urbanos e os principais eixos na malha urbana de Leça; 12 - Rio Leça; 13 - Área de intervenção do novo Centro Cívico da estação do Senhor de Matosinhos; 14 - Área de intervenção do novo Parque Desportivo do vale do Leça; 15 - Área de intervenção do novo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental; 16 - Área de intervenção do novo Centro Multidisciplinar da ETAR de Matosinhos



O novo Centro Cívico e a Estação do Senhor de Matosinhos

Mariana de Almeida Brito

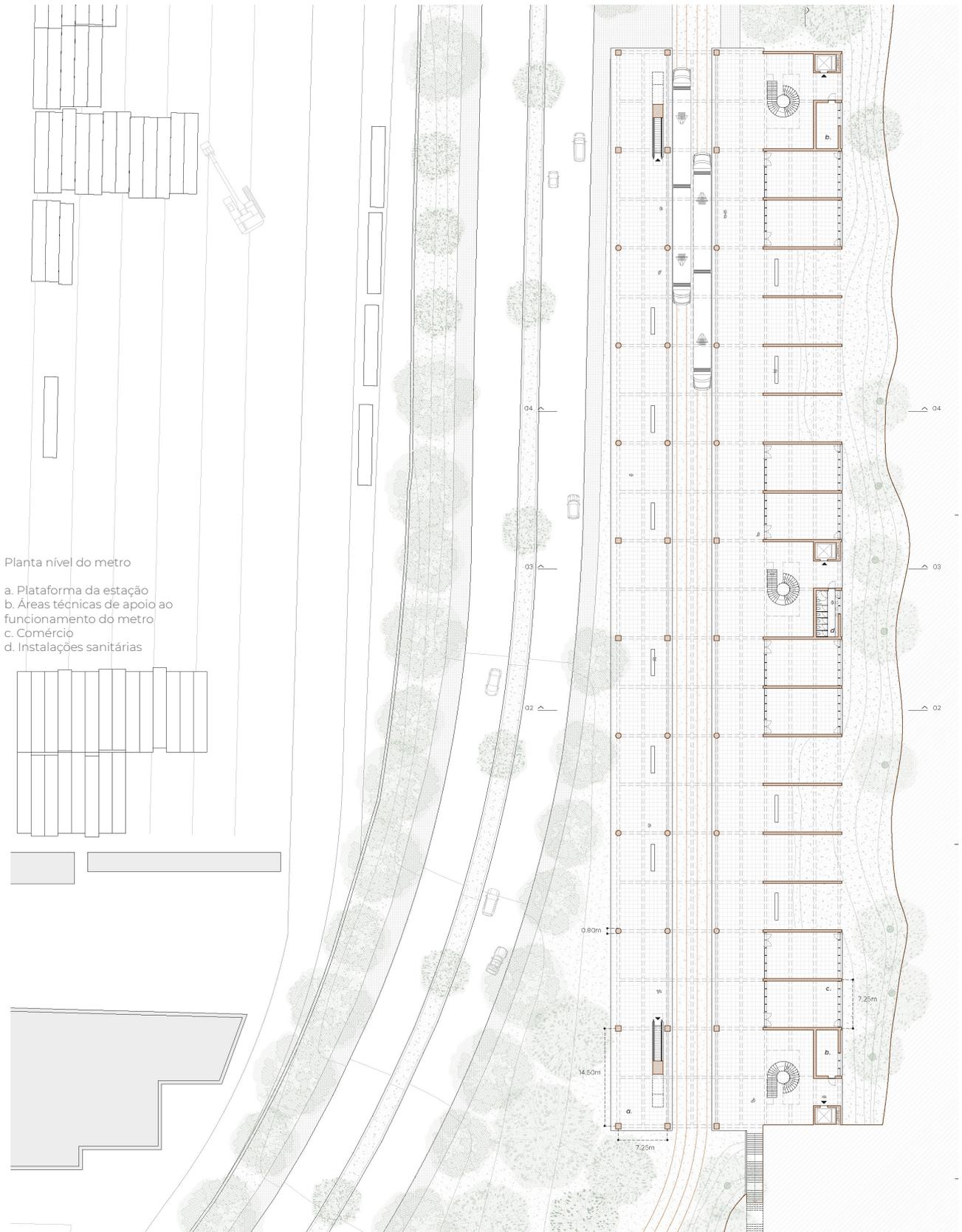
Partindo da estratégia geral e tendo em vista o prolongamento da linha do metro de superfície até Leça da Palmeira, desenha-se um novo espaço público – uma nova infraestrutura capaz de criar condições de permanência que possam viabilizar vários programas, pretendendo estabelecer uma coesão social e territorial.

Espelhando a intervenção do sistema verde da Quinta da Conceição, e estabelecendo uma relação com as infraestruturas industriais, a proposta de projeto, pode ser vista como um arranque para a requalificação do parque do vale do rio Leça.

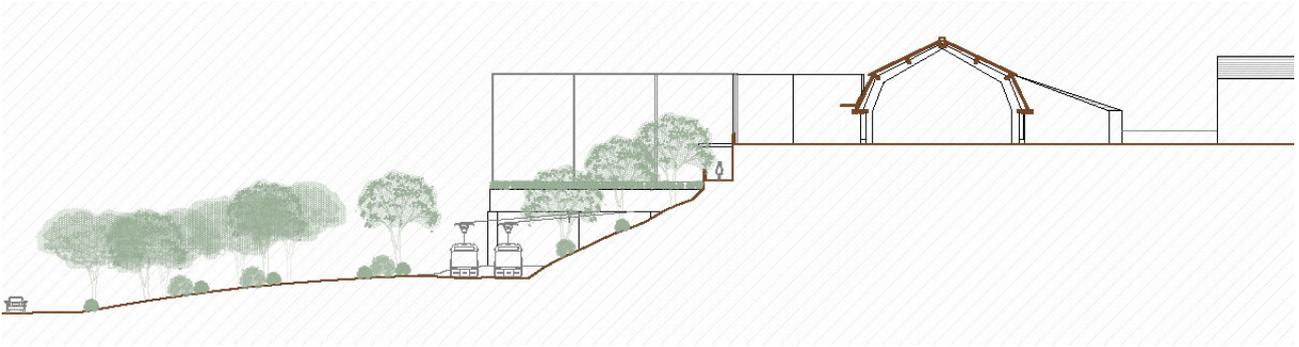
Assim, foi imprescindível olhar não só para a escala da cidade - a indústria, a malha urbana e o metro de superfície -, mas também para a escala do bairro e dos elementos que se destacam no topo do talude - como o Centro Paroquial de Matosinhos, o prédio que se impõe na paisagem e as características habitações - com o objetivo de coser e conectar as partes que constituem esta frente.



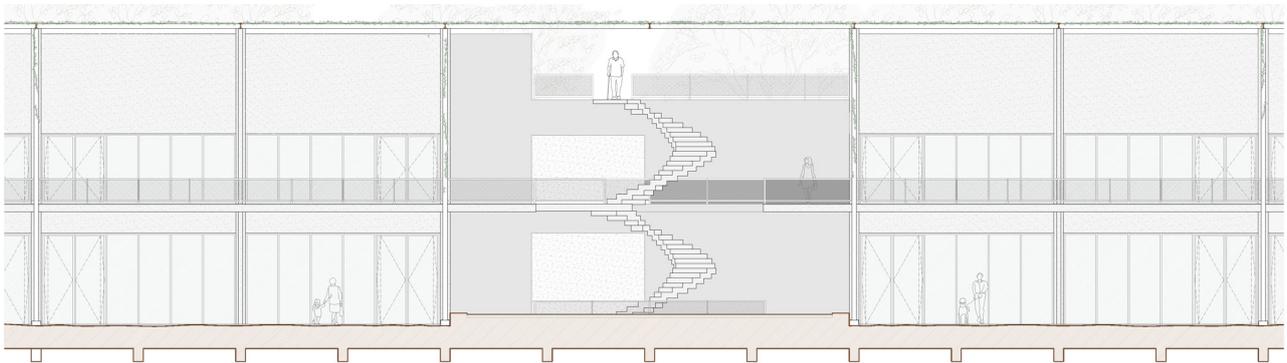
Planta de implantação com indicação do percurso na frente do bairro



Alçado principal



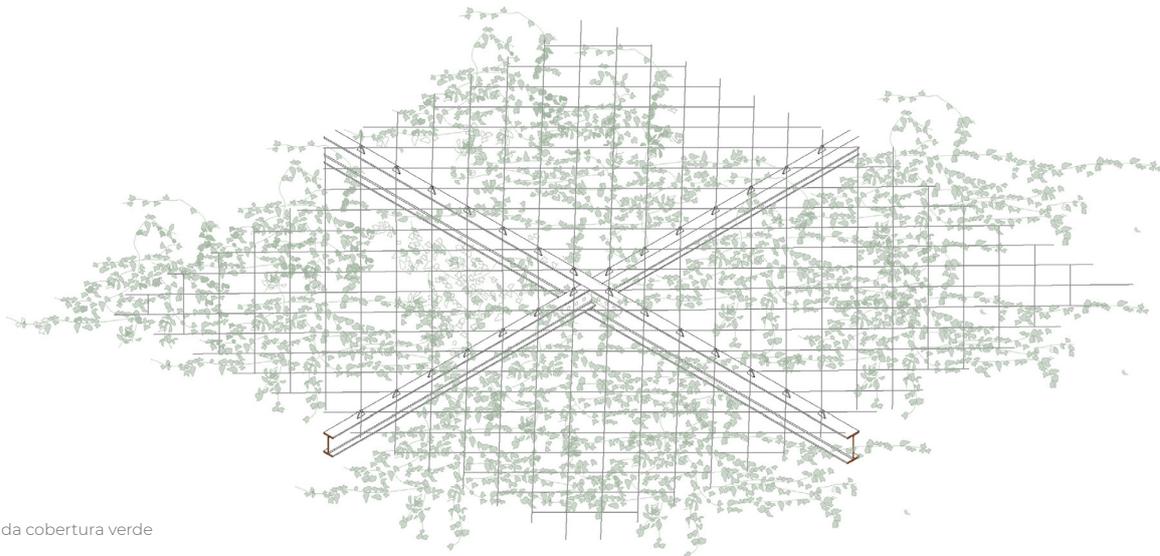
Corte pelo Salão Paroquial



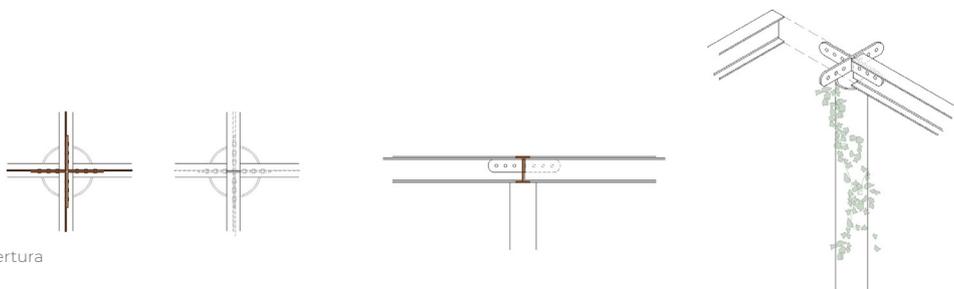
Pormenor do nível da praça e da fachada



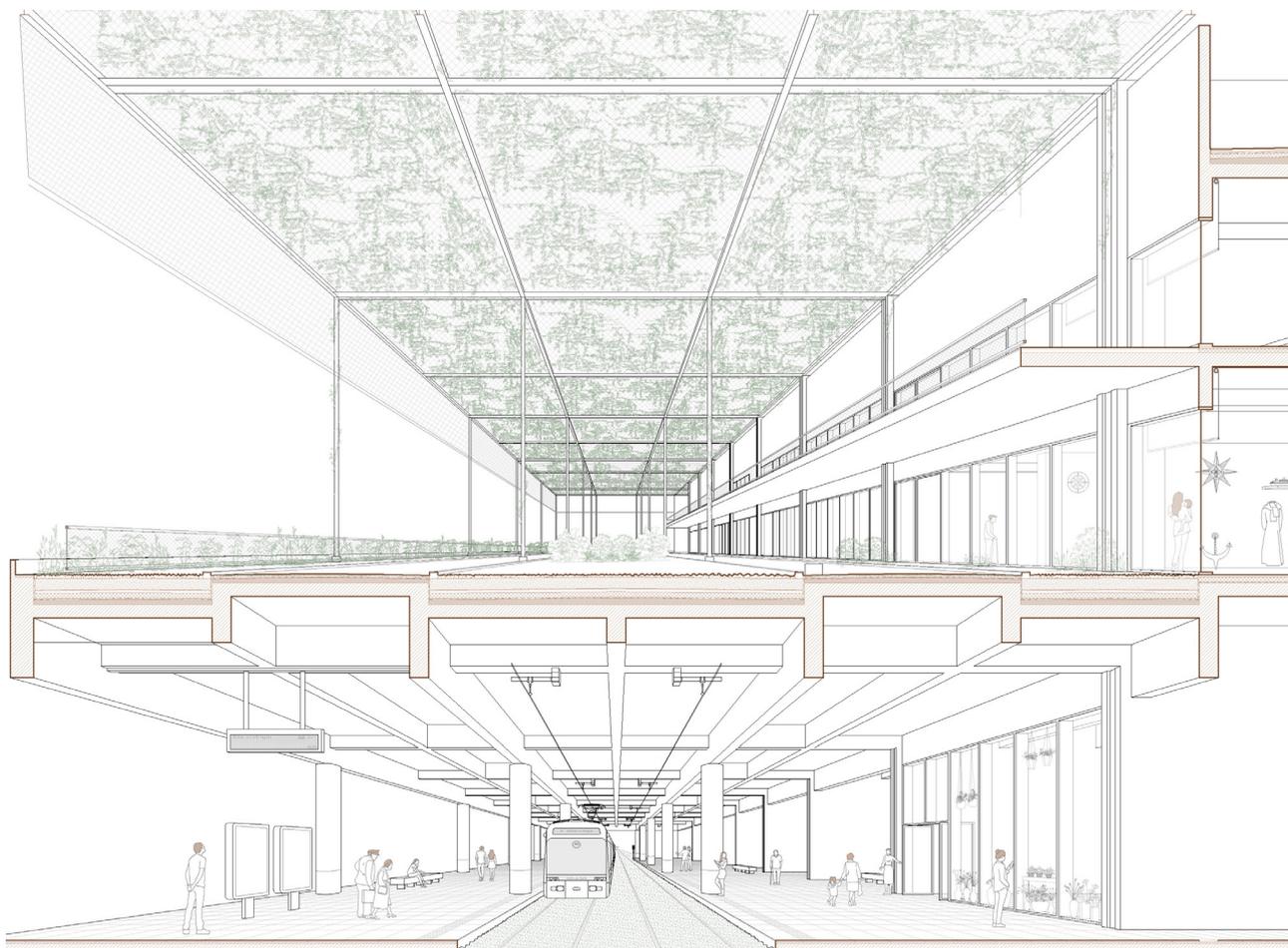
Pormenor do nível da praça e da fachada



Pormenor da cobertura verde



Pormenores da cobertura



Perspetiva do ambiente

Parque Desportivo e Centro de Fisioterapia do Vale do Leça

Madalena Carvalho Lopes

O Parque Desportivo e Centro de Fisioterapia do Vale do Leça, implanta-se numa área periférica do concelho de Matosinhos, junto à A28. Este procura responder à descontinuidade territorial provocada pela construção do Porto de Leixões e de pesadas infraestruturas rodoviárias, durante o século XX.

Os equipamentos projetados para o Vale do Leça procuram gerar novos fluxos, restabelecendo continuidades, através de corredores verdes que se contrapõem à densidade construtiva das grandes infraestruturas.

Desenha-se, assim, um parque com 8 hectares, que envolve os bairros habitacionais da margem esquerda do rio Leça. Esta ação urbana promove uma nova plataforma de aproximação entre a periferia e o centro, ao mesmo tempo que se lançam as bases para a revalorização das estruturas ecológicas do vale do rio Leça e do património arqueológico existente no local.

A vertente desportiva explorada no projeto permite ensaiar um programa de uso coletivo, com enfoque em atividades de lazer e reabilitação.

O projeto é informado pela intervenção de Fernando Távora na Quinta da Conceição, articulando-se com este no plano programático e paisagístico. Desenvolve-se a duas cotas

distintas, unidas por percursos pedonais que fluem ao longo da encosta.

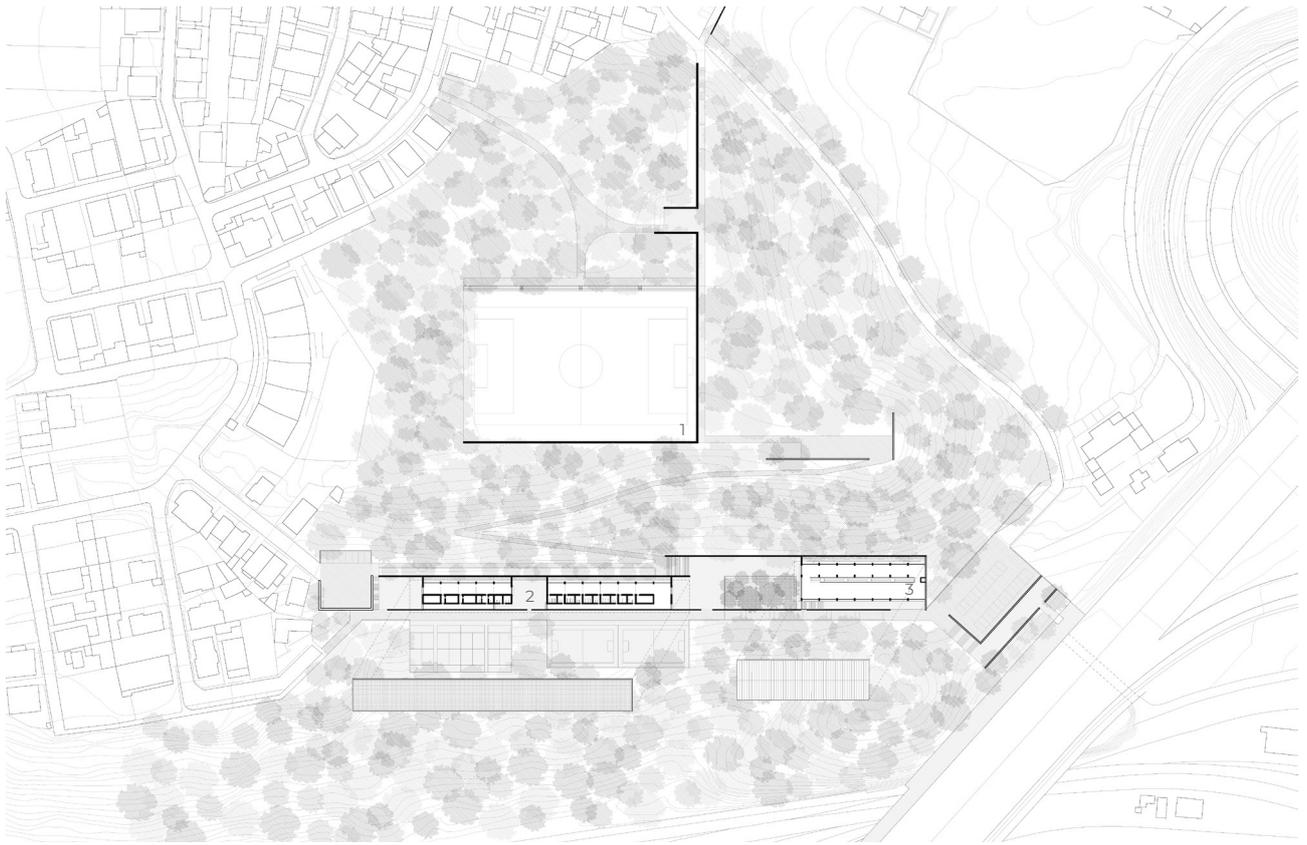
À cota alta desenha-se um campo de jogos, com ambiente de clareira/ terreiro na floresta. À cota baixa, desenham-se campos de futebol 5 e de padel, delimitados por um volume comprido e estreito que integra os balneários de apoio. O Centro de Fisioterapia surge também nesta continuidade morfológica. A intervenção a esta cota é marcada por dois muros em betão que fazem a contenção do terreno e os ajustes de cotas, contendo todo o programa funcional.

Estes elementos perenes, foram traçados como linhas estruturantes do território e foram pensados como base de organização tipológica de outros programas que no futuro possam vir a ser implantados no local, utilizando estrutura em betão e interiores aligeirados, onde predomina o uso da madeira.

Planta do edifício de balneários, área administrativa e campos de jogos

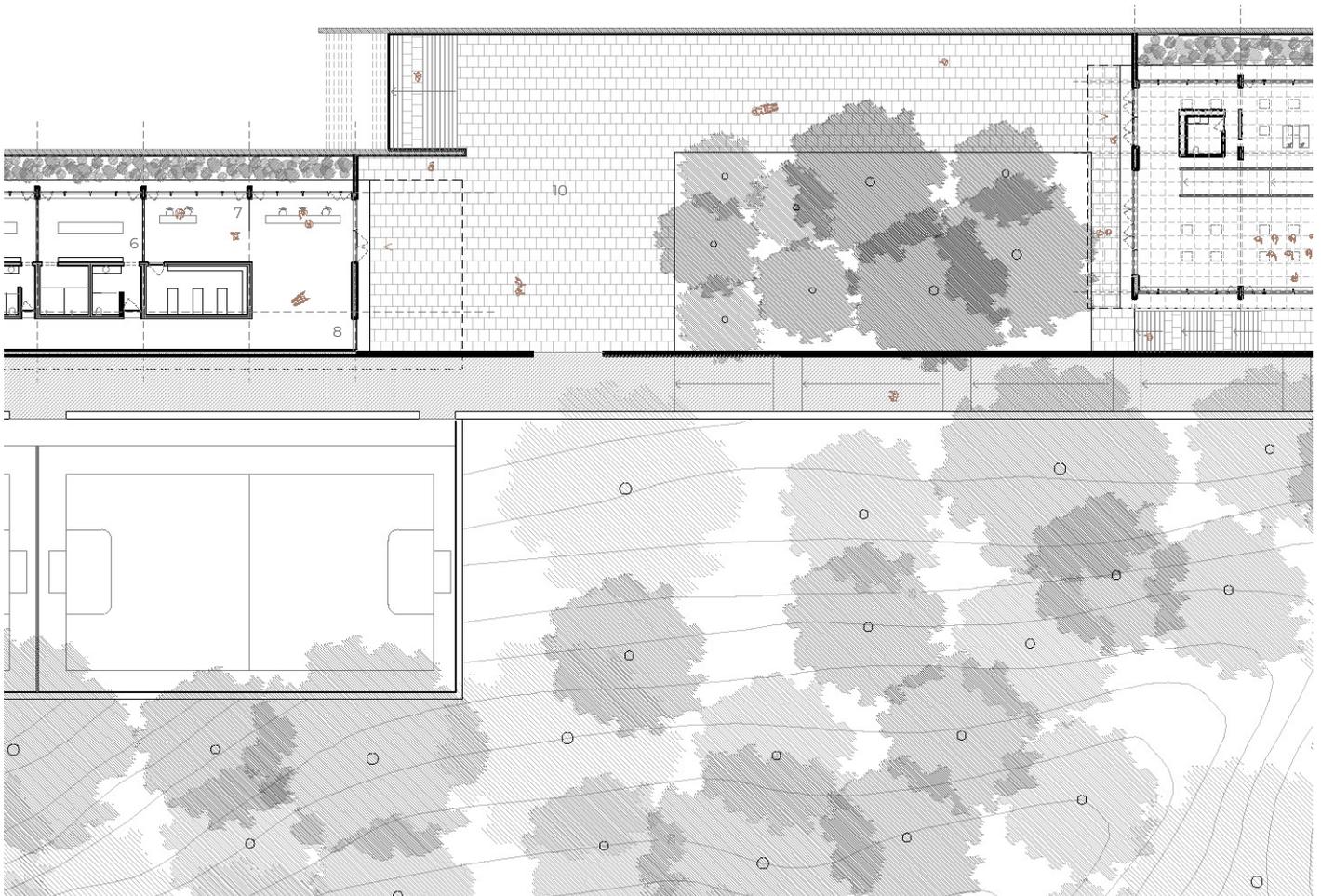
1 - Área administrativa; 2 - Balneários de treinadores; 3 - Sala de Reuniões;
4 - Instalações sanitárias; 5 - Campos de padel; 6 - Balneários e vestiários;
7 - Loja de aluguer de material; 8 - Recepção; 9 - Campos de futebol 5;
10 - Pátio/ praça central

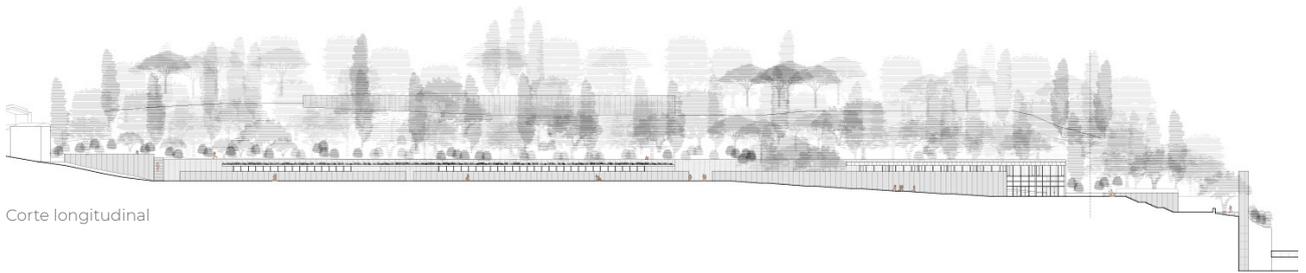




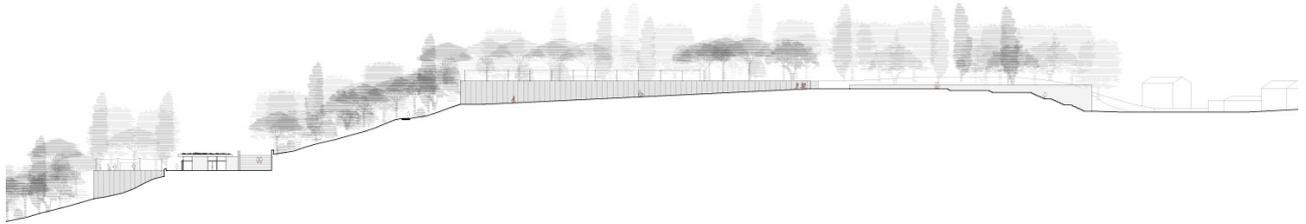
Planta de implantação

1 - Campo de jogos à cota alta; 2 - Equipamentos; 3 - Centro de Fisioterapia à cota baixa





Corte longitudinal



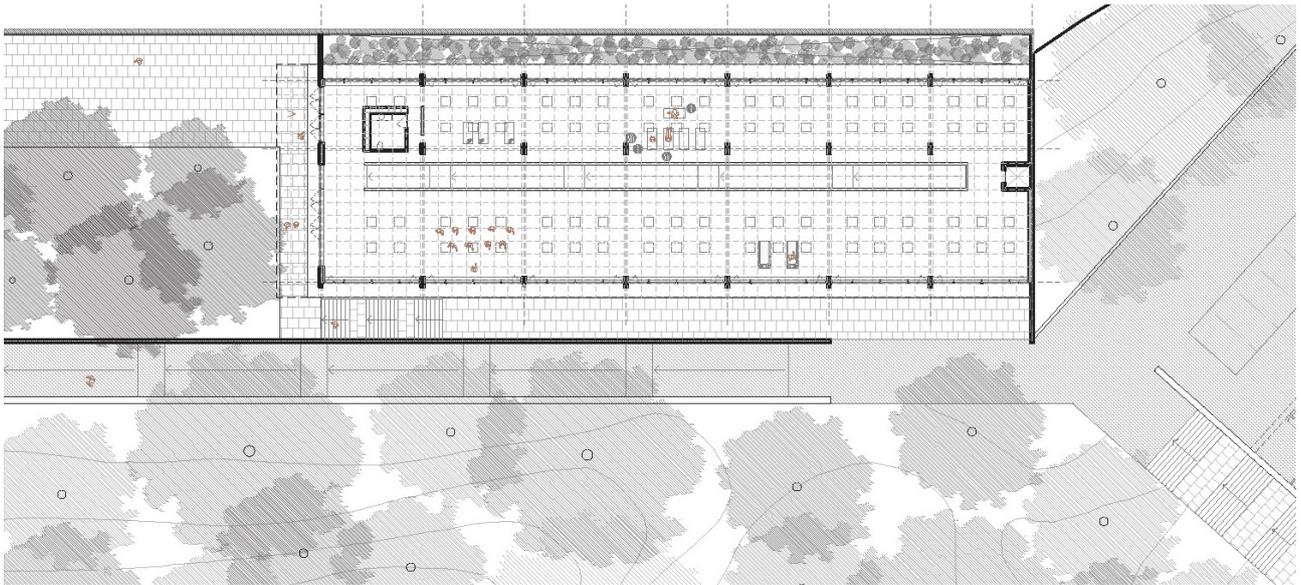
Corte transversal



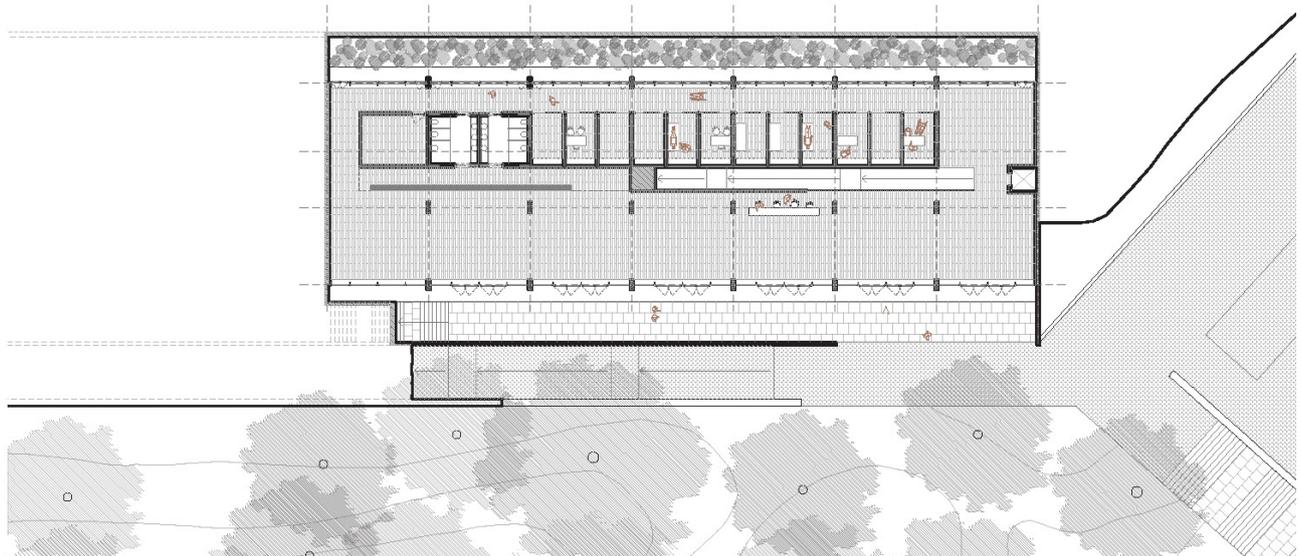
Corte (D) pelos campos de jogos e balneários/ vestiários, com o percurso pedonal ao centro



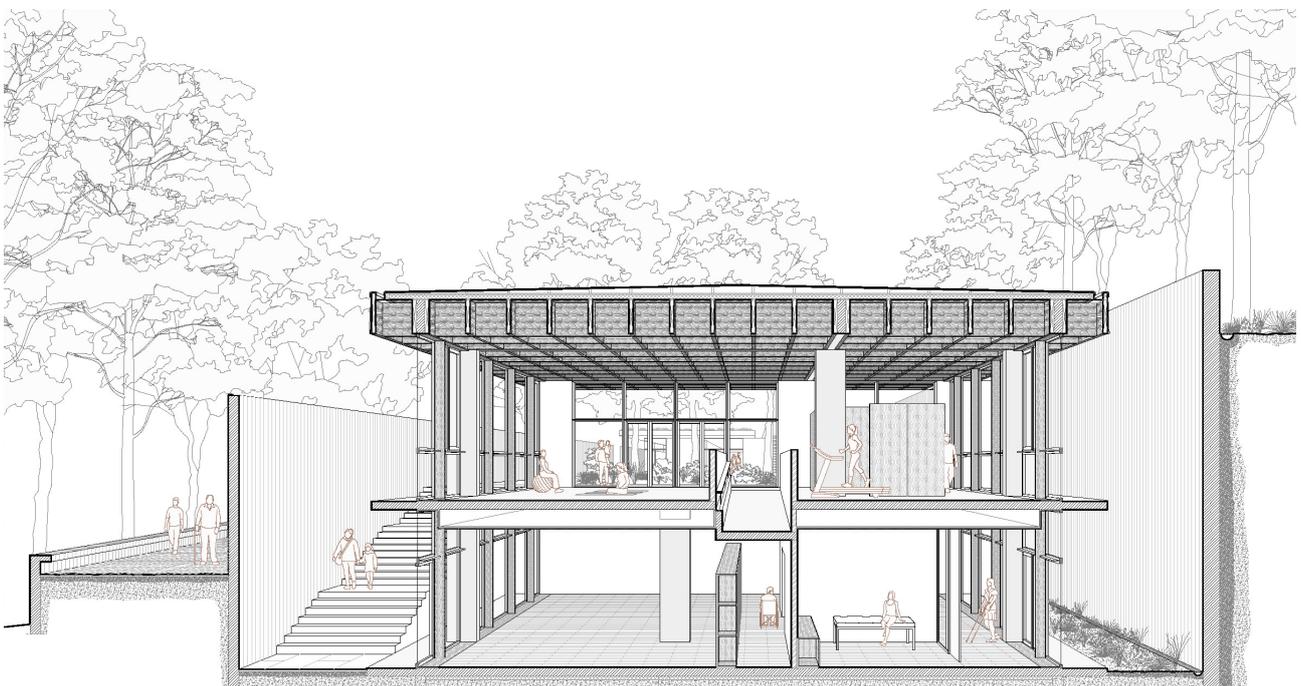
Fotomontagem de ambiente do percurso à cota baixa. Plataformas dos campos de jogos e equipamentos de apoio no interior dos muros de betão



Planta piso 1 do Centro de Fisioterapia



Planta piso 0 do Centro de Fisioterapia



Perspectiva de ambiente do Centro de Fisioterapia com o pátio central e edifício de banheiros em plano de fundo

O novo CIIMAR de Matosinhos - Boa Nova

Bernardo Gaspar Vicente

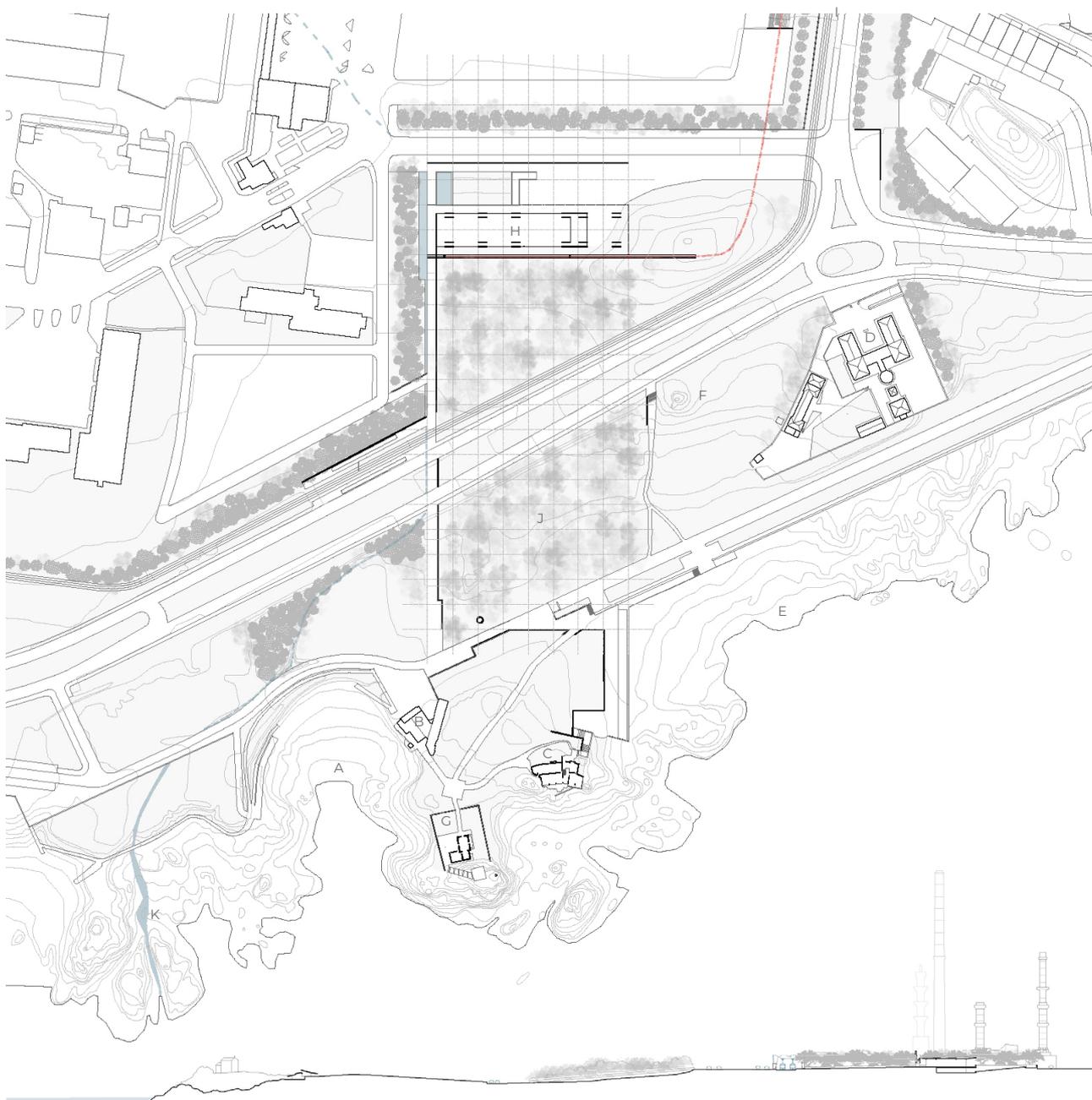
De forma promover a revalorização do conjunto arquitetónico da Casa de Chá da Boa Nova, o Farol de Leça da Palmeira, a Capela da Boa Nova e o Memorial a António Nobre, organiza-se este território através da implantação do novo CIIMAR de Matosinhos e de uma ligação pedonal ao interior do tecido urbano, acompanhada por uma frente arbórea e pelo Ribeiro da Boa Nova, que se propõe renaturalizar.

Marca-se, assim, no território um novo limite daquela que se pode considerar uma “praça verde”, tentando preservar um enquadramento natural, através de vegetação rasteira autóctone.

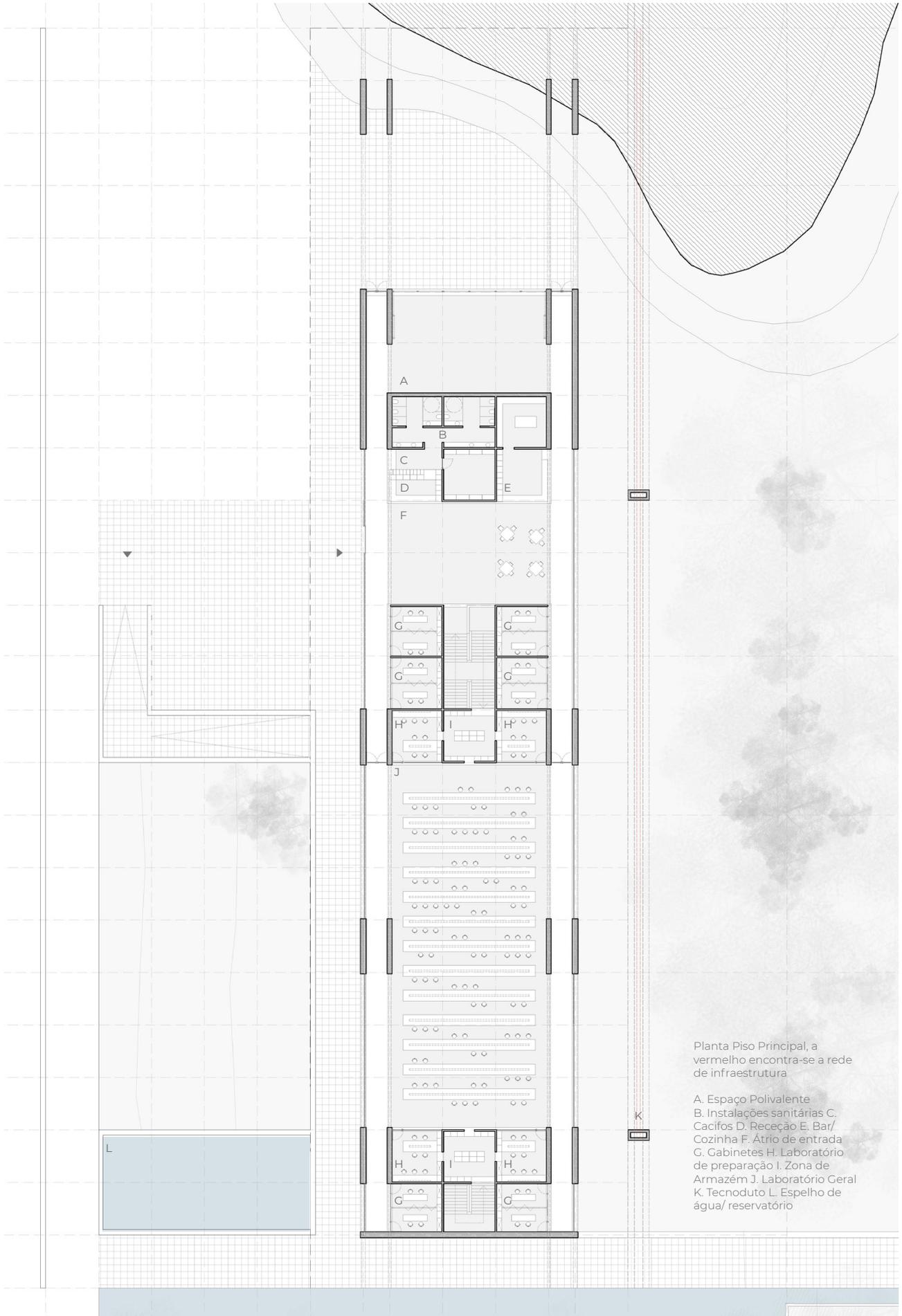
O novo CIIMAR implanta-se numa duna verde, rematando a “praça verde”. Nesta duna, encaixa-se um grande plano longitudinal de betão que, juntamente com a fileira de árvores do ribeiro, protege o edifício das condições climatéricas adversas, da zona da Boa Nova, provenientes do mar, pelo que todo o seu programa se desenvolve agregado a este plano.

Planta de localização, a azul encontra-se a linha de água do Ribeiro da Boa Nova e a vermelho a infraestrutura

A. Praia Azul B. Restaurante Bar Azul C. Casa de Chá da Boa Nova D. Farol de Leça da Palmeira E. Praia da Senhora da Boa Nova F. Monumento a António Nobre G. Capela de Nossa Senhora da Boa Nova H. CIIMAR - Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental I. Estações de Metro de superfície J. Praça Verde K. Ribeiro da Boa Nova

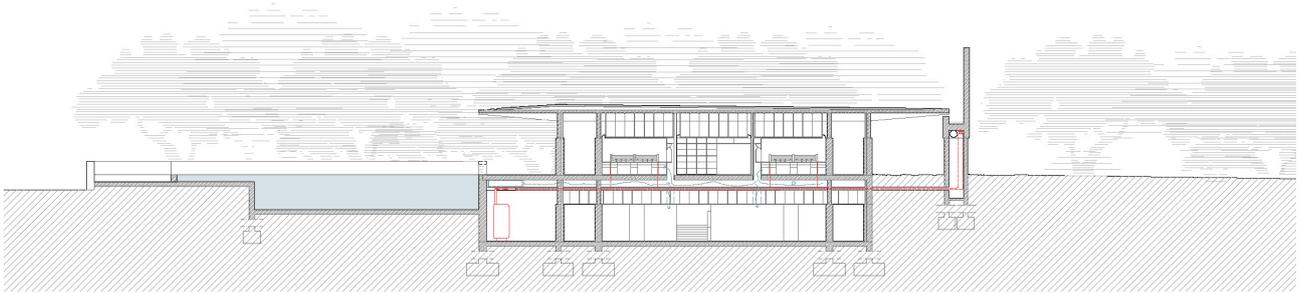


Corte (B) pela “praça verde”, representativo da relação entre a Casa de Chá da Boa Nova, a Capela da Boa Nova, a Refinaria e o CIIMAR

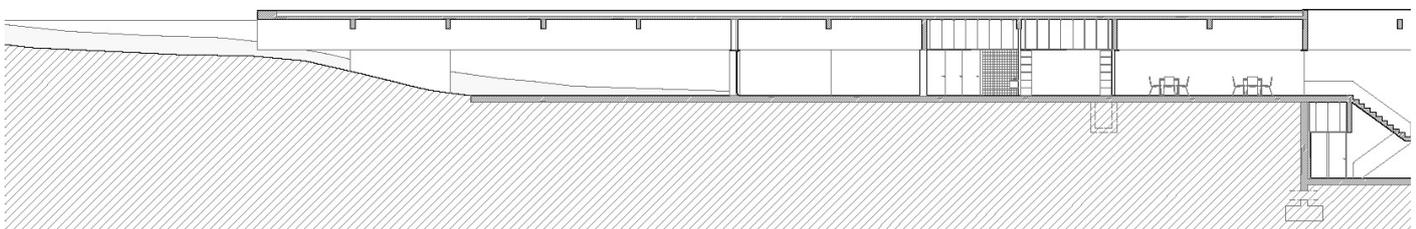
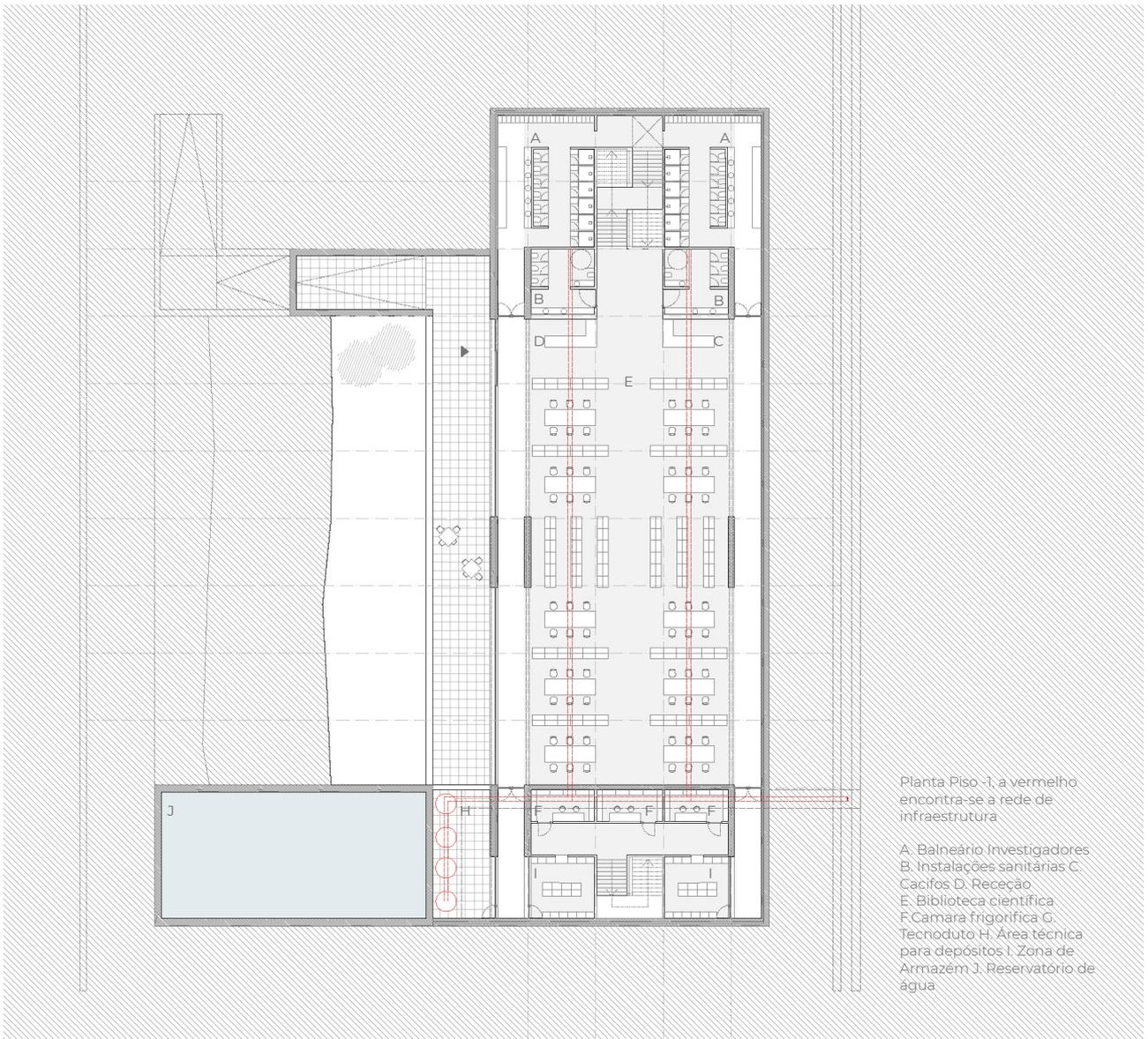


Planta Piso Principal, a vermelho encontra-se a rede de infraestrutura

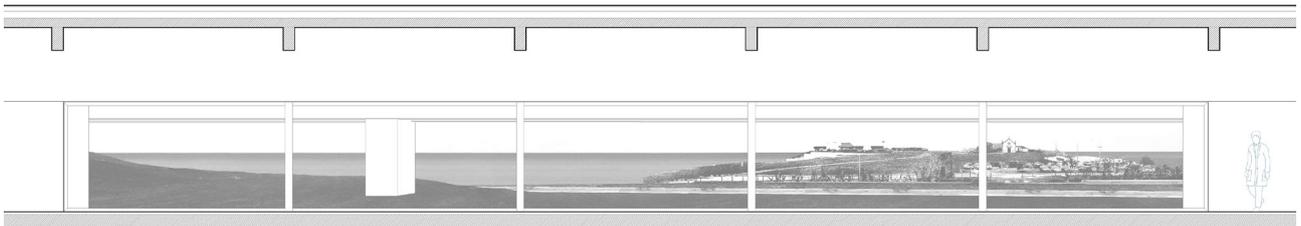
- A. Espaço Polivalente
- B. Instalações sanitárias
- C. Cacifos
- D. Recepção
- E. Bar/Cozinha
- F. Atrio de entrada
- G. Gabinetes
- H. Laboratório de preparação
- I. Zona de Armazém
- J. Laboratório Geral
- K. Tecnoduto
- L. Espelho de água/ reservatório



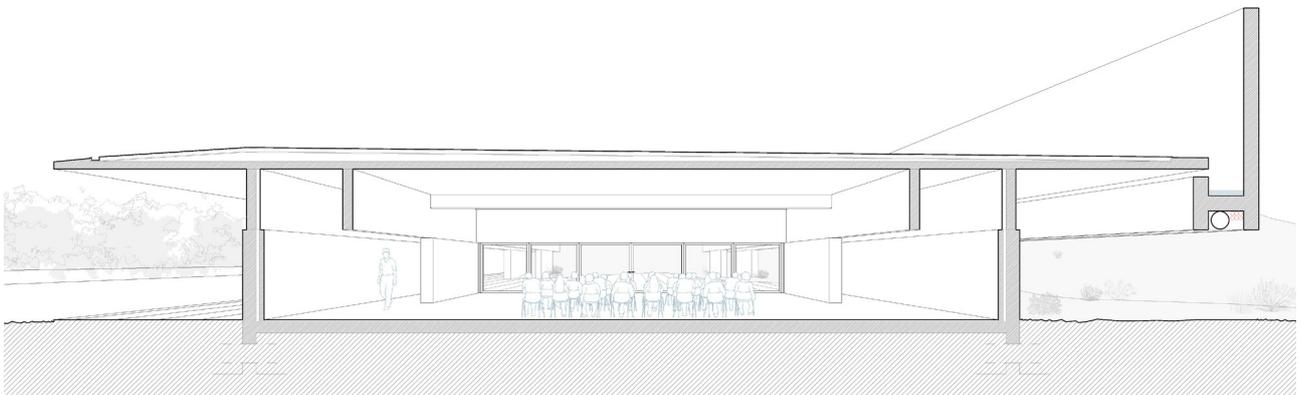
Corte (C) representa a estrutura e a rede de infraestrutura (a vermelho) e o sistema de ventilação (a azul) necessário aos laboratórios de preparação



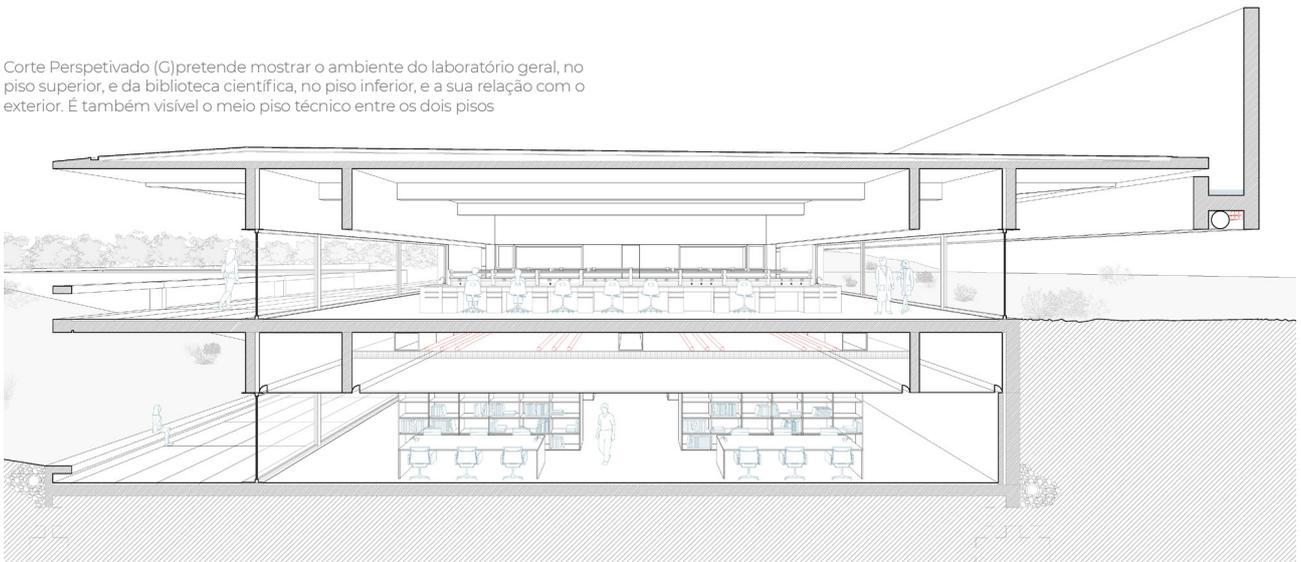
Corte (D) longitudinal ao longo do edifício. Representa a estrutura e a rede de infraestrutura (a vermelho) necessária aos laboratórios



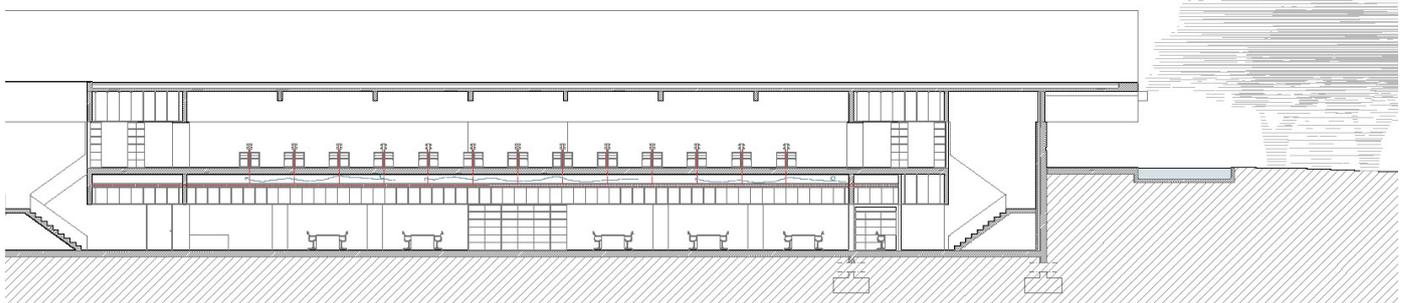
Corte representativo da vista a partir da área pública do edifício, enquadrando a "praça verde", a Casa de Chá da Boa Nova e a Capela da Boa Nova



Corte (E) perspectivado - corte de ambiente representa o Espaço Polivalente em situação de aula



Corte Perspetivado (G) pretende mostrar o ambiente do laboratório geral, no piso superior, e da biblioteca científica, no piso inferior, e a sua relação com o exterior. É também visível o meio piso técnico entre os dois pisos

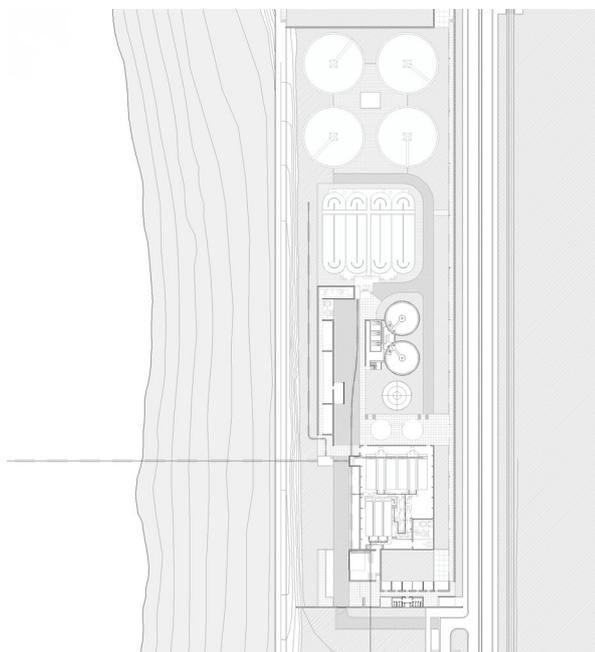


Extensão da Marginal e novo Centro Multidisciplinar da ETAR de Leça da Palmeira

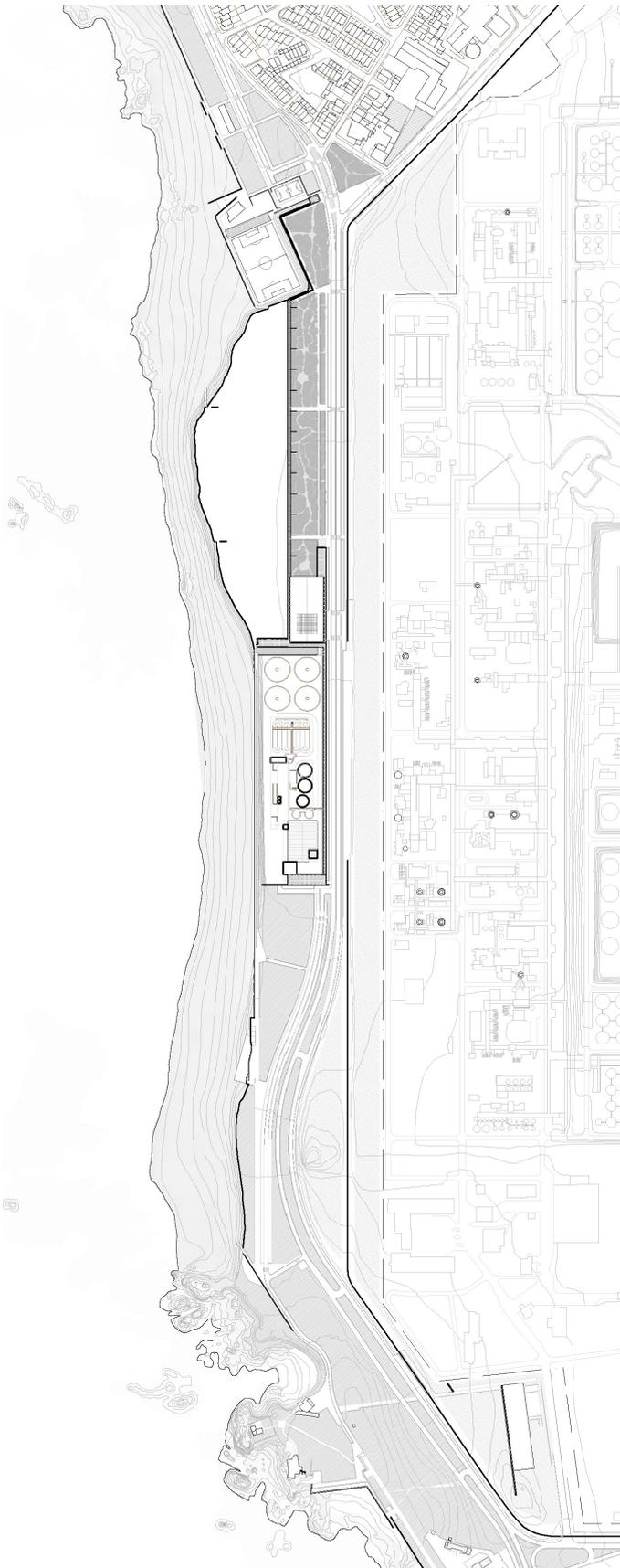
Tomás Gomes Oliveira

Este projeto assume a ETAR como peça central para o seu desenvolvimento pois, a intervenção sobre a mesma e a interpretação da sua relação com o espaço público, permitiu 3 ações distintas – a nível infraestrutural, com o deslocação da água a definir os limites da ETAR e a estruturar a intervenção; a nível do desenho do espaço público, com a integração de uma faixa arborizada ao longo da marginal; e o desenho da peça arquitetónica do centro multidisciplinar, gerando uma nova praça e uma série de programas semipúblicos, almejando alcançar uma nova centralidade na marginal - que, em conjunto, caracterizam o desenho da nova frente de mar de maneira integral, herdando desta forma a premissa lançada pelo projeto de Álvaro Siza Vieira para a Marginal de Leça da Palmeira, onde também foi a necessidade de controlo das infraestruturas petrolíferas que ditou o desenho do importante espaço público.

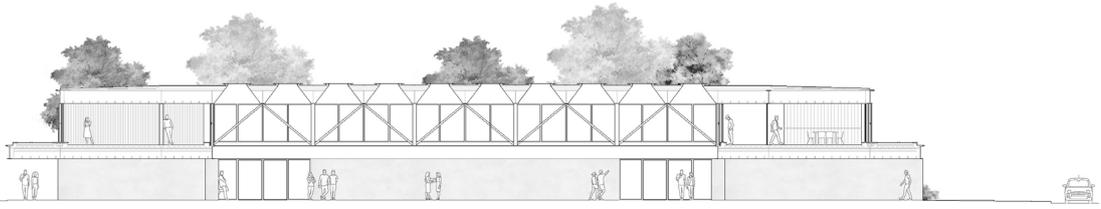
Propõe-se uma nova infraestrutura de transporte de água, que estrutura o território de intervenção, gerando parte do percurso marginal, através do desenho de um novo limite de ligação entre a cidade e a faixa costeira. Esta infraestrutura define os novos limites norte, sul e nascente do recinto da ETAR e inicia um possível sistema de abastecimento de água para rega, promovendo a sua chegada à zona agrícola e o retorno à cidade, para apoiar a rega dos espaços públicos. Em simultâneo, é também proposta a reorganização de alguns dos elementos da ETAR de modo a colmatar as carências de funcionamento identificadas tornando-se numa oportunidade de requalificação desta zona.



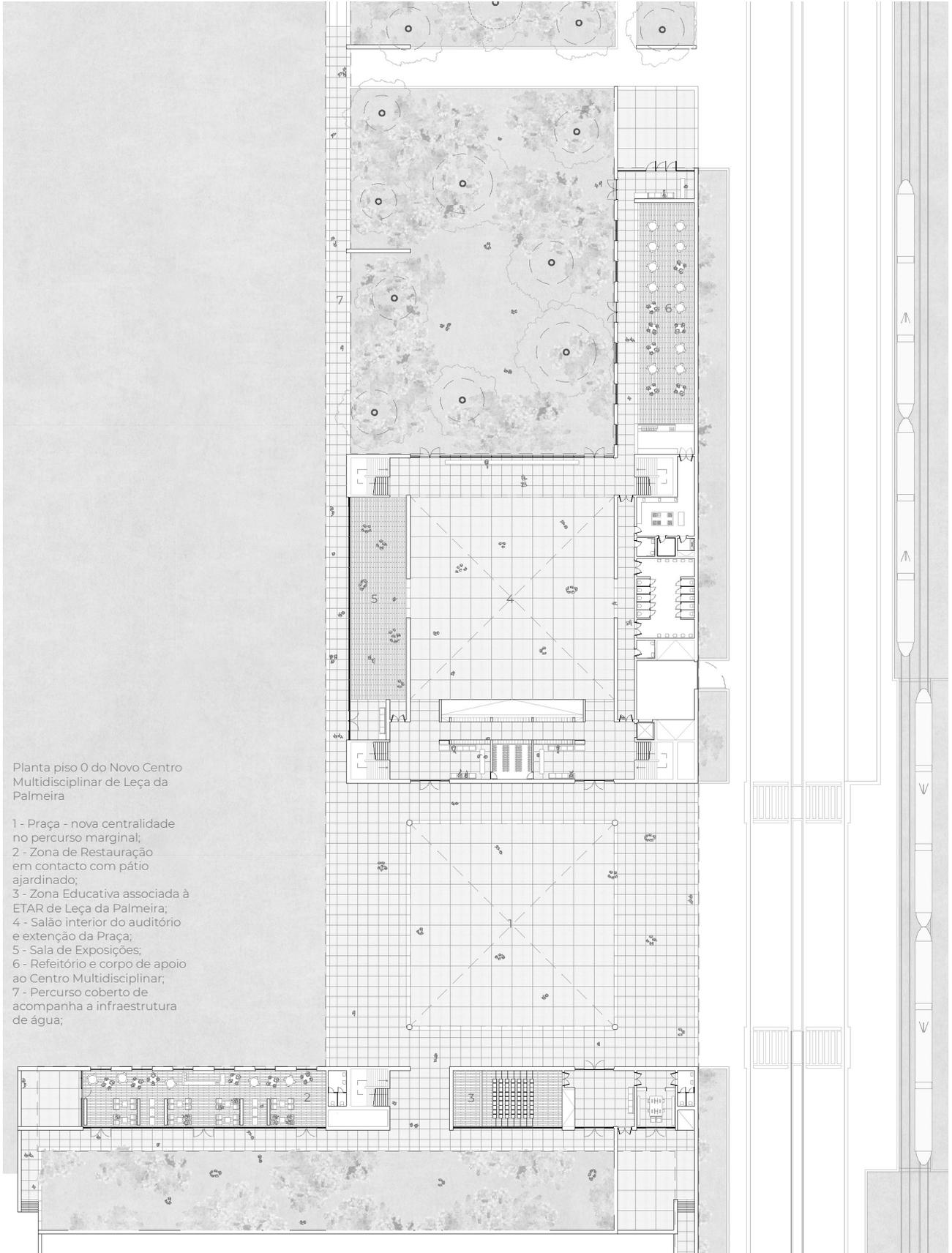
Intervenção nos muros da ETAR de Leça da Palmeira



Estratégia territorial de intervenção

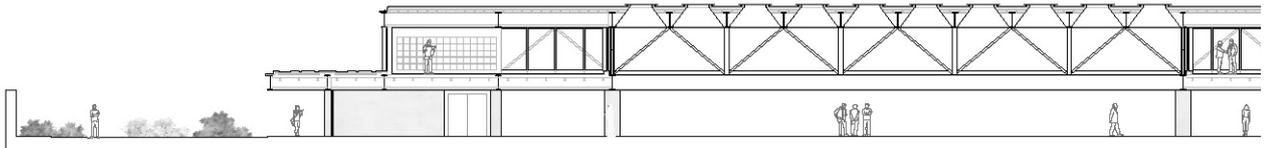


Alçado principal

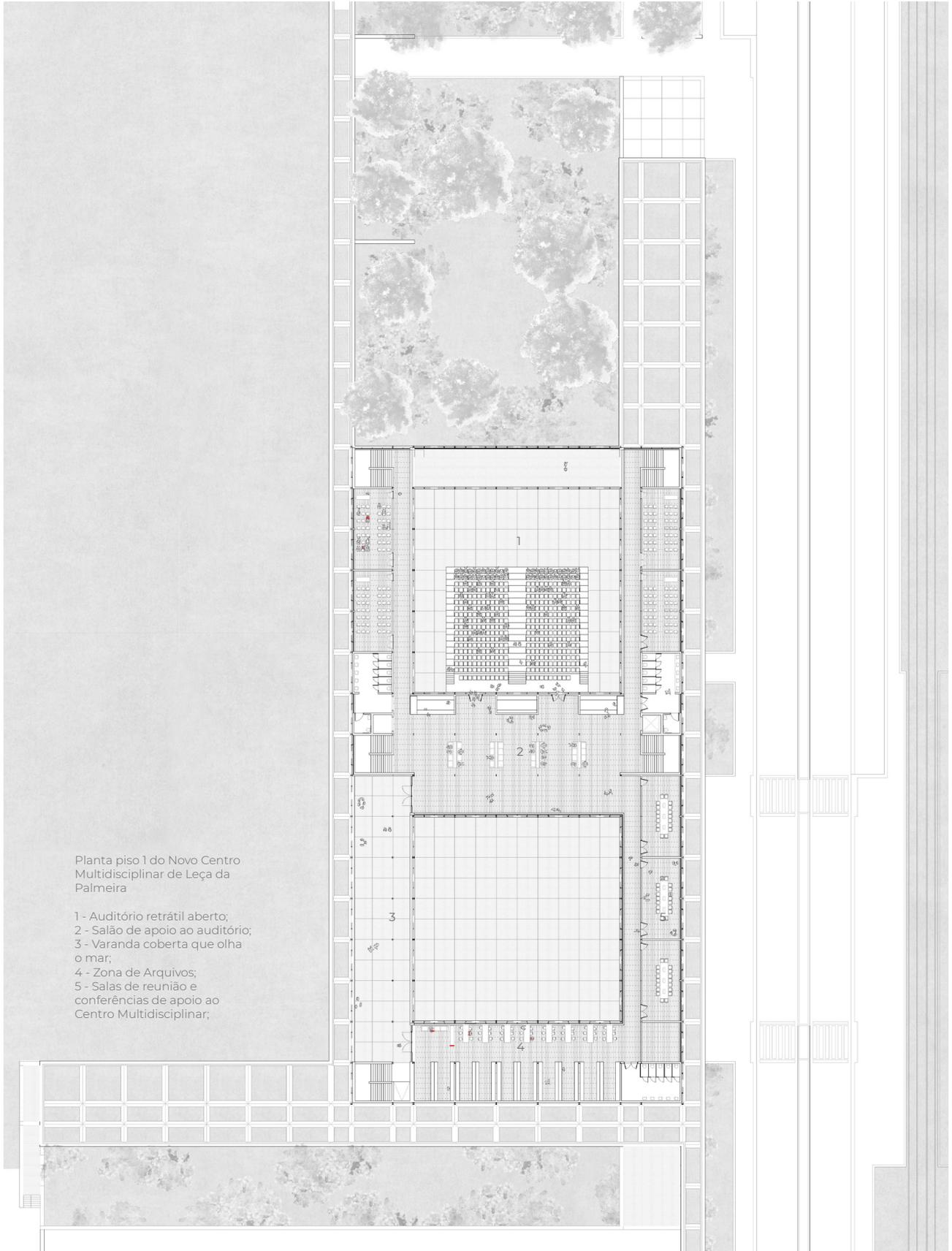


Planta piso 0 do Novo Centro Multidisciplinar de Leça da Palmeira

- 1 - Praça - nova centralidade no percurso marginal;
- 2 - Zona de Restauração em contacto com pátio ajardinado;
- 3 - Zona Educativa associada à ETAR de Leça da Palmeira;
- 4 - Salão interior do auditório e extensão da Praça;
- 5 - Sala de Exposições;
- 6 - Refeitório e corpo de apoio ao Centro Multidisciplinar;
- 7 - Percurso coberto de acompanha a infraestrutura de água;

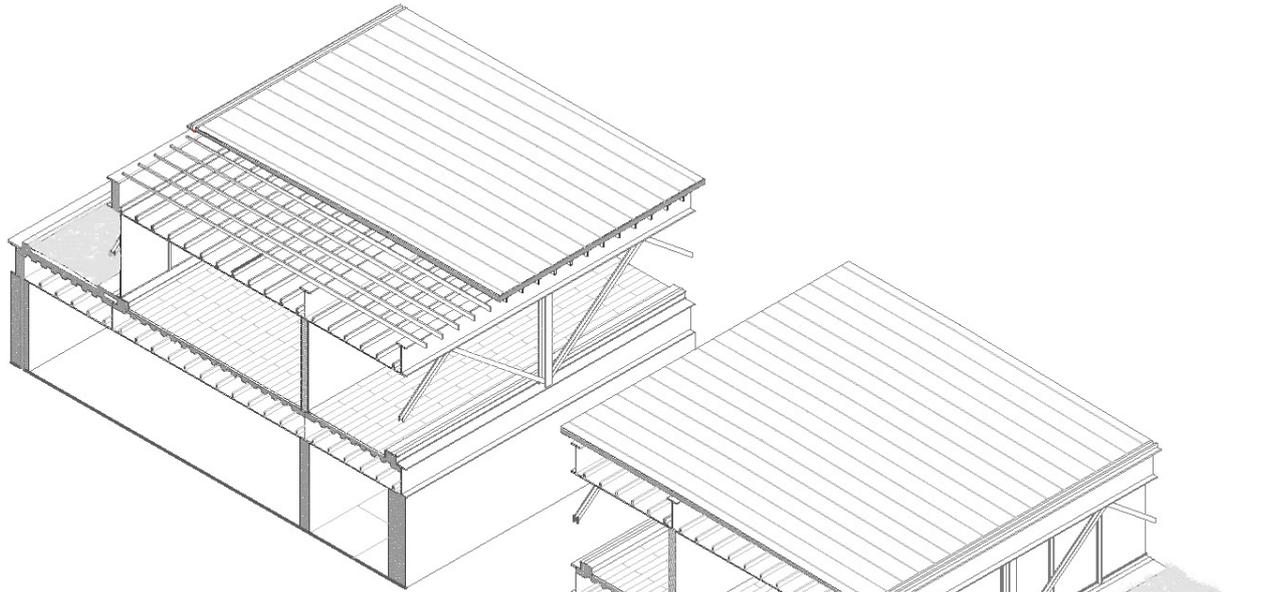
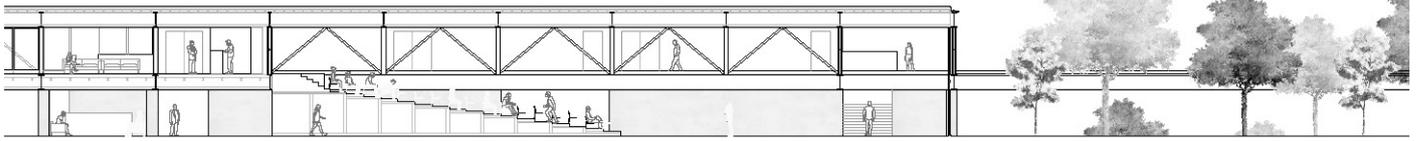


Corte Longitudinal C a passar pela Praça e pelo salão do auditório quando este se encontra aberto, mostrando também a sua relação com o limite da ETAR

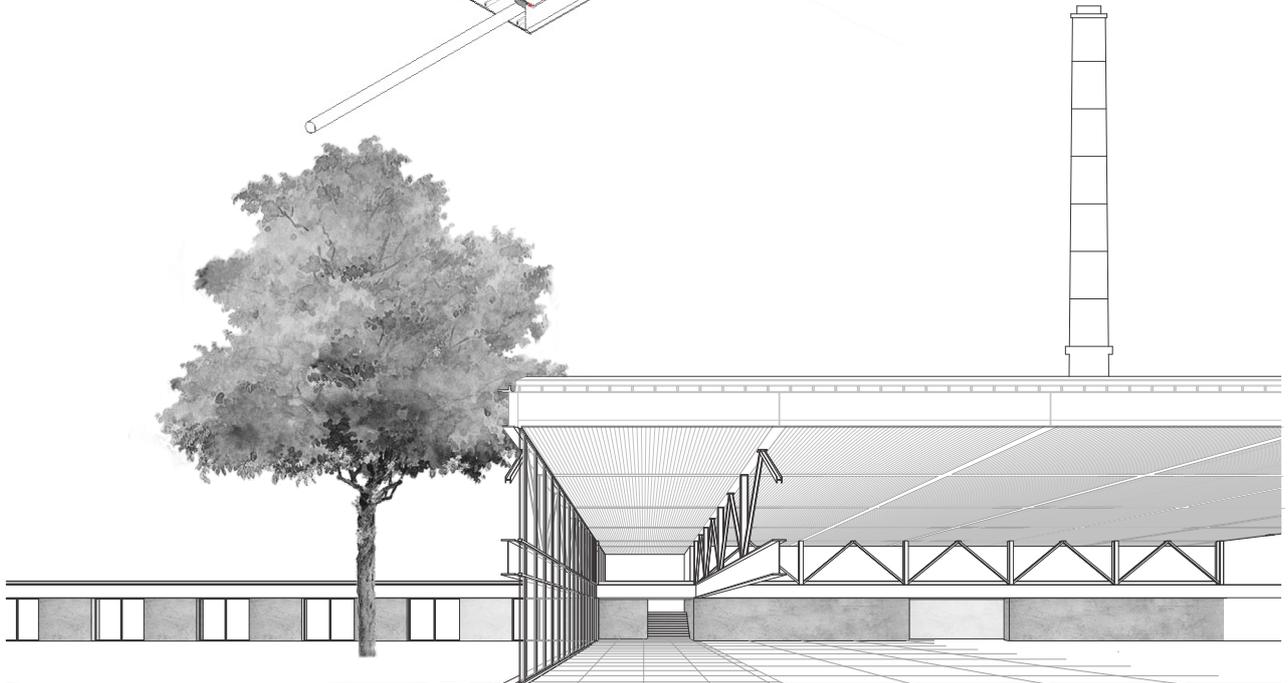
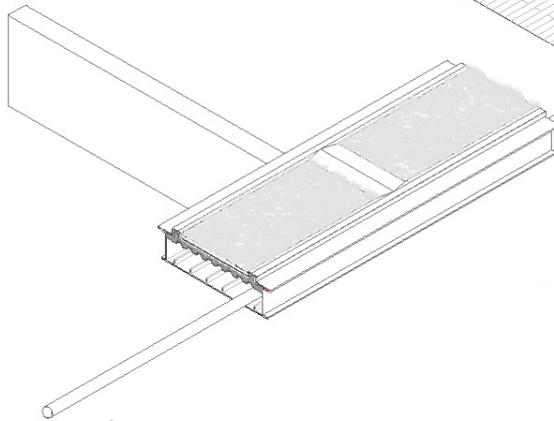


Planta piso 1 do Novo Centro Multidisciplinar de Leça da Palmeira

- 1 - Auditório retrátil aberto;
- 2 - Salão de apoio ao auditório;
- 3 - Varanda coberta que olha o mar;
- 4 - Zona de Arquivos;
- 5 - Salas de reunião e conferências de apoio ao Centro Multidisciplinar;



Pormenor de encaixe de estrutura metálica com os muros de betão e integração do isolamento térmico e do tubo de transporte de água na estrutura



Corte perspectivado pelo edifício

Viana do Castelo

O território de mediação entre a cidade, o rio e o mar

Afonso Simão | Miguel Almeida

A estratégia de intervenção tem como principais objetivos a promoção da mobilidade suave da cidade, a consolidação entre as margens do rio Lima e a valorização do património natural.

À semelhança do sucedido na Frente Ribeirinha, procurou-se valorizar o sentido ecológico através da recuperação do corredor verde entre o Parque da Cidade e o Campo da Agonia, estendendo-o até à praia Norte.

Do ponto de vista do ordenamento do território, pretende-se estender e requalificar as ciclovias existentes de modo a promover a mobilidade suave, através da ligação da ecovia do rio Lima com a ecovia litoral do Norte. E, promover o transporte fluvial na travessia entre margens, valorizando a relação entre o rio e a cidade.

Com a intenção de pontuar os limites desta estratégia de intervenção, a poente propõe-se o redesenho da frente marítima que alberga a praia Norte, através da reabilitação das piscinas de marés existentes criando um programa que de apoio às instalações da Escola Superior de Tecnologia e Gestão e residência de estudantes.

No seguimento desta ligação com o centro histórico, implanta-se no interior do Forte de Santiago da Barra um programa de carácter cultural, dando continuidade aos equipamentos que se encontram pontuados no aterro da Frente Ribeirinha, cujo objetivo passa por estabelecer a ligação do centro da cidade com a margem do Cabedelo.

É introduzido um programa, na margem sul do rio, garantindo a valorização do património natural das praias através da reconversão de um parque de campismo, criando um alojamento rural com atividades lúdicas que visa funcionar como uma rótula de ligação entre Viana, Cabedelo e Darque.

Planta de enquadramento da costa vianense, evidenciando a estratégia de grupo

1 - Reabilitação da frente marítima da Praia Norte
2 - Alojamento Rural da Nossa Sr^a das Areias



Reabilitação da Frente Marítima da Praia Norte Miguel Almeida

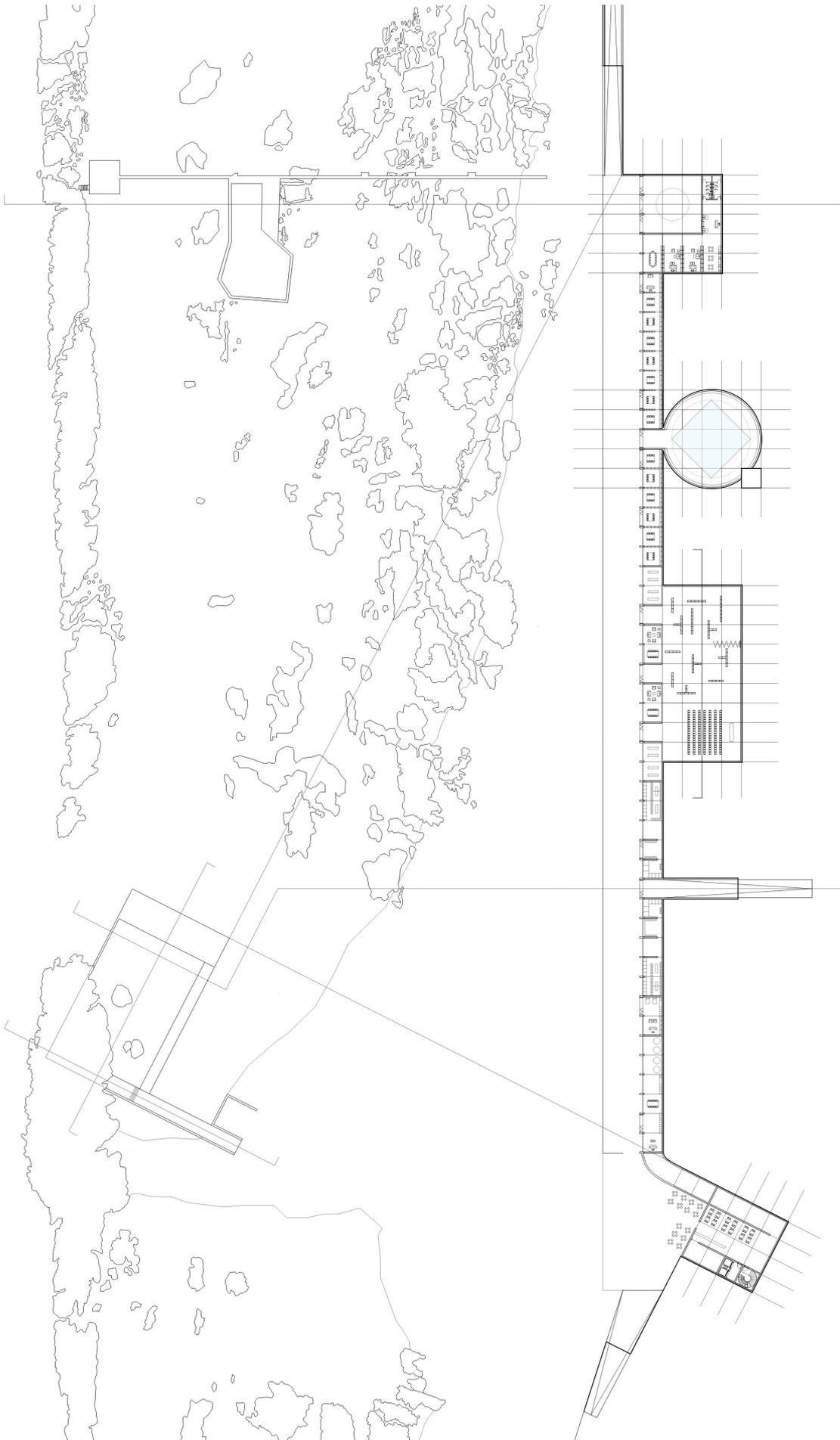
A Praia Norte é um lugar único, em que o construído e a natureza coexistem com a forte presença do oceano Atlântico. Este ambiente singular levou a uma reflexão sobre o modo como o projeto pretende respeitar a identidade do território, como também potenciar as relações existentes entre a praia e a sua envolvente.

A filosofia do projeto aponta para um equilíbrio ambiental e paisagístico, de uma maneira discreta, procurando minimizar a interferência com a envolvente. Aproveitando e valorizando a identidade do território, a requalificação da frente marítima tem como finalidade dar uma resposta de apoio a um programa universitário, com a criação de um programa suplementar, de forma a apoiar as atividades existentes. Pretende-se valorizar as características do território, respeitando a paisagem e catalisando uma relação mais intrínseca entre o mar, o natural e o construído.

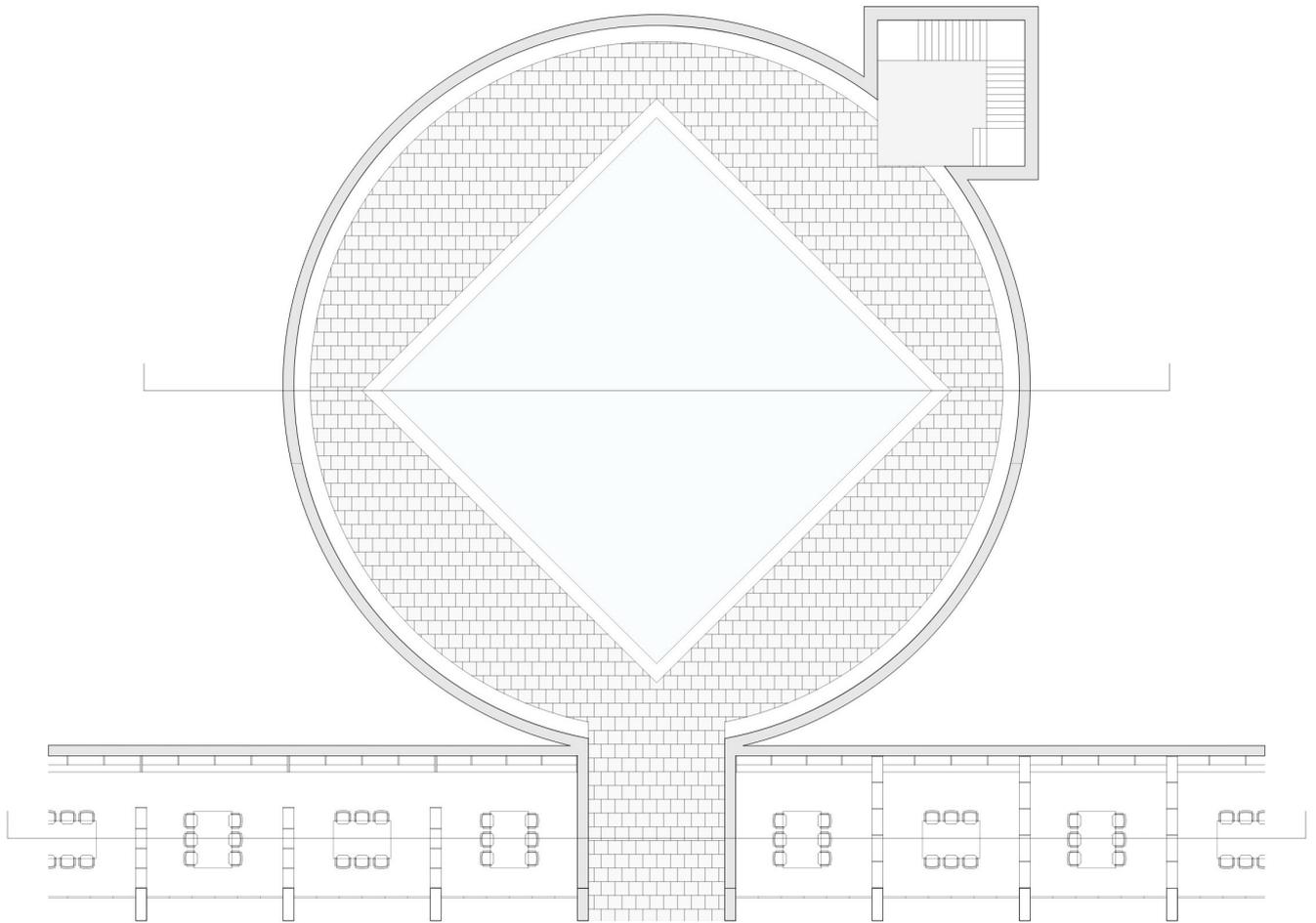
Para tal, aproveitando a horizontalidade do muro, o projeto desenvolve-se paralelamente à via principal, à cota da praia, por meio de uma galeria que permite a acessibilidade aos diferentes espaços, minimizando o impacto visual. Este conjunto, foi pensado com a intenção de introduzir conforto e qualificar o espaço, sem perdas na identidade, promovendo a relação do projeto com o terreno.



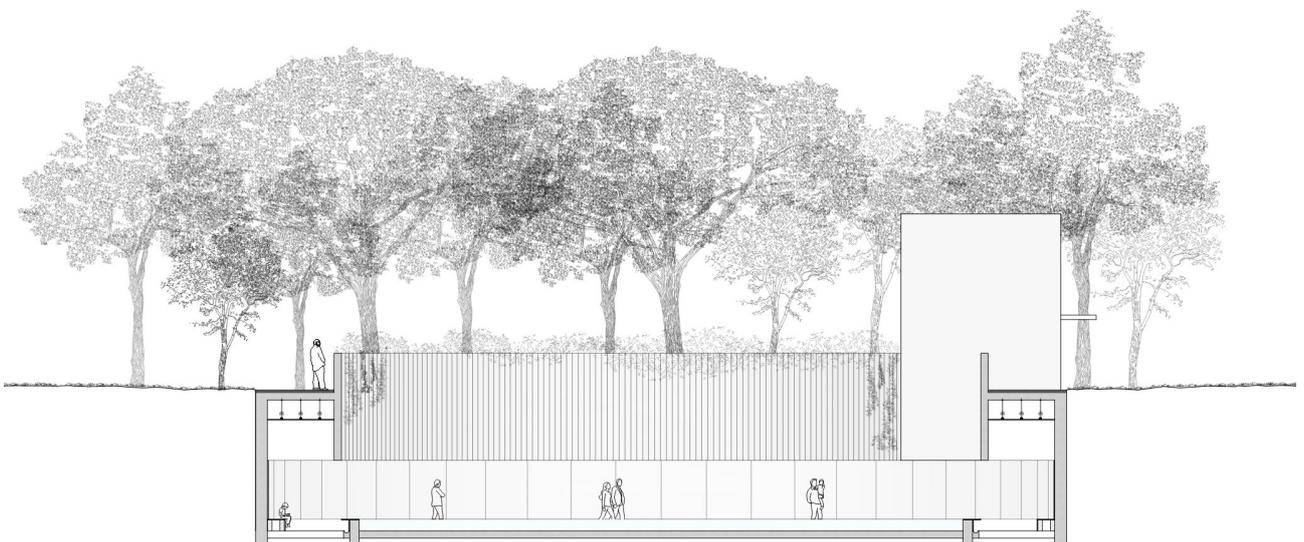
Planta de localização



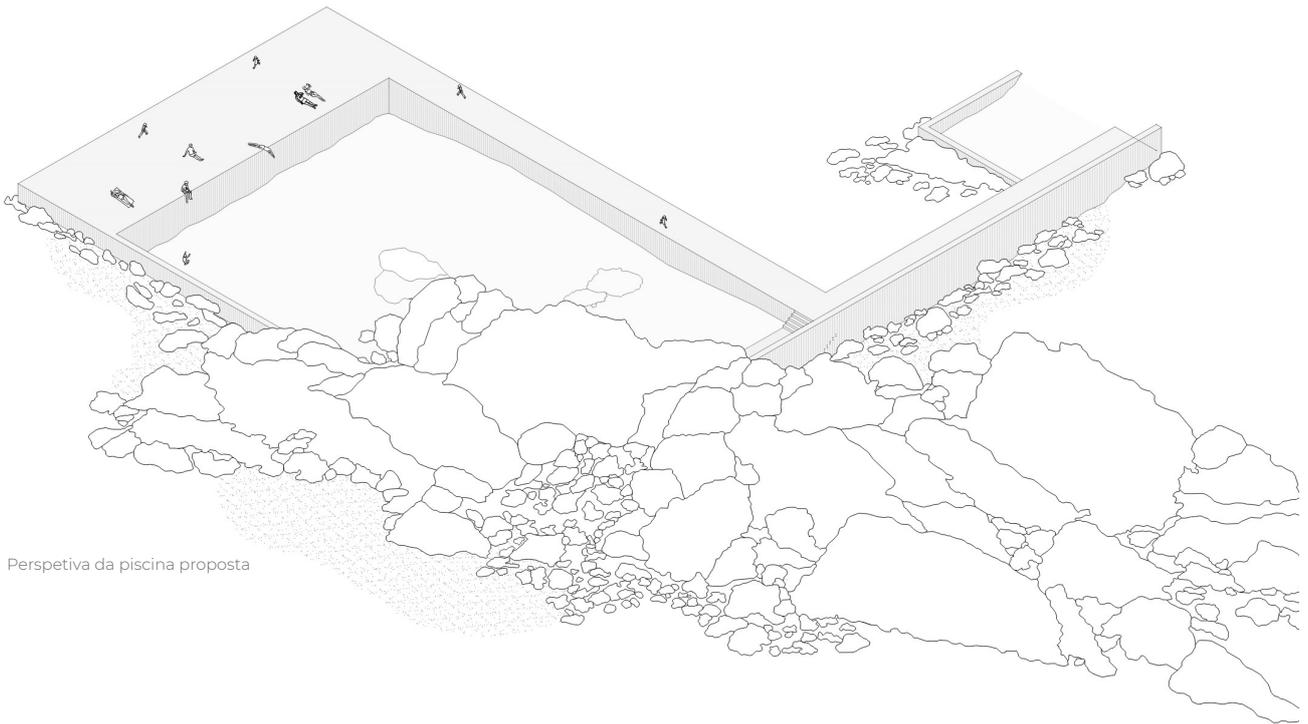
Planta a cota 3,5



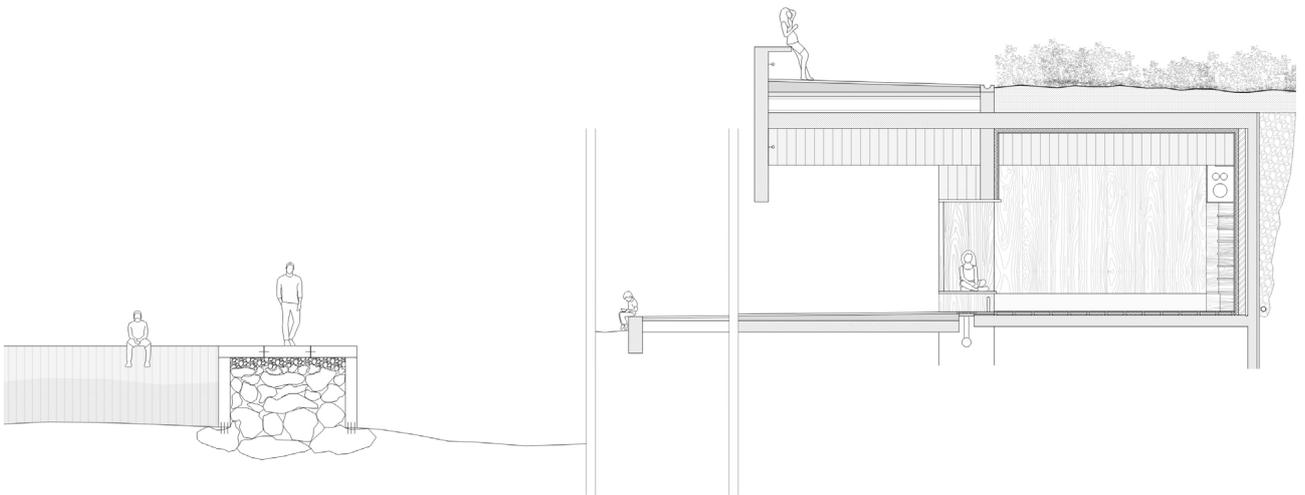
Planta do espaço de contemplação



Corte do espaço de contemplação

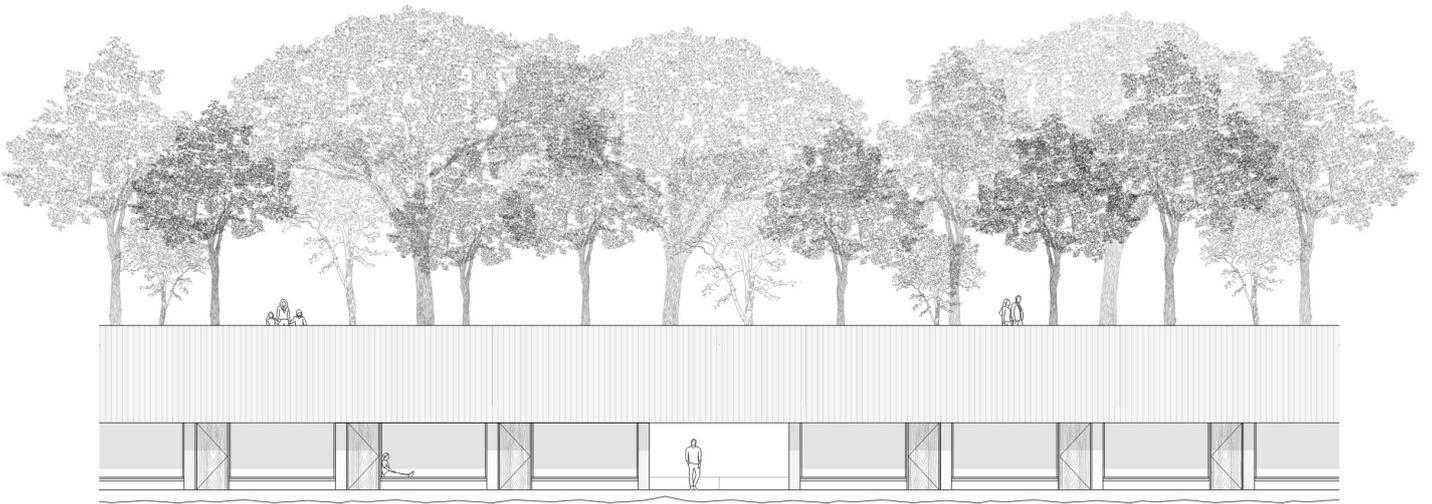


Perspetiva da piscina proposta



Corte construtivo da piscina proposta

Corte construtivo da galeria



Alçado tipo

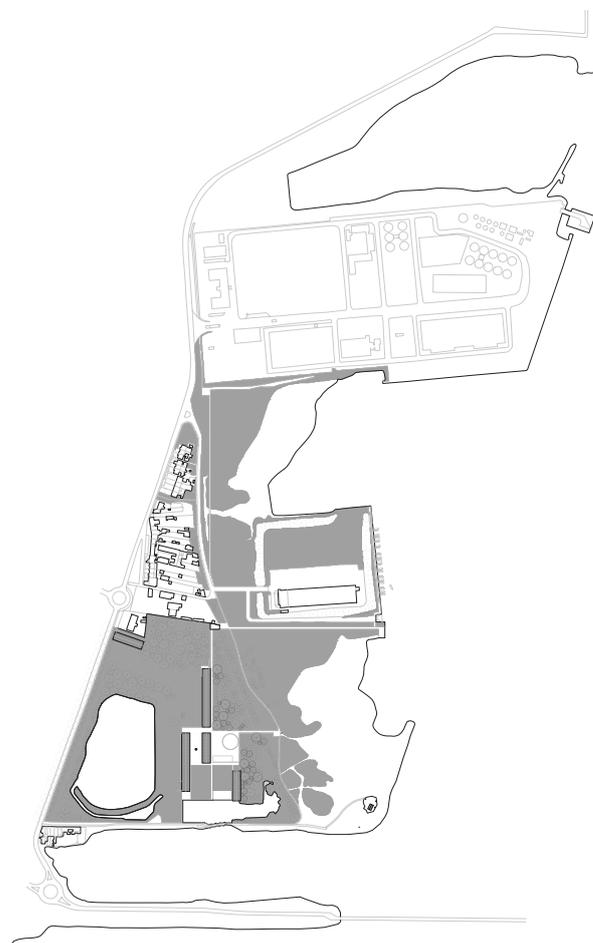
Alojamento Rural da Nossa Sr^a das Areias

Afonso Simão

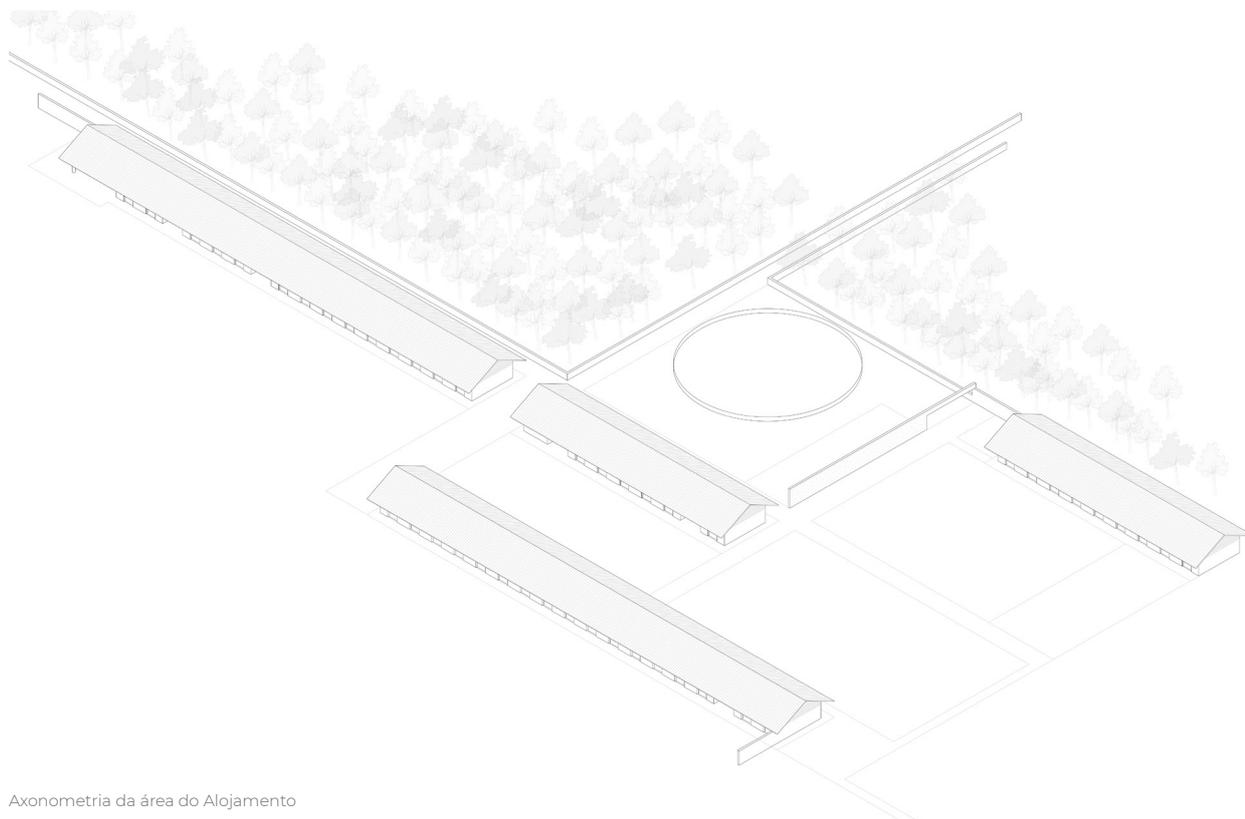
A proposta passa pela reestruturação da área da Nossa Senhora das Areias, remarcando este território como rótula de ligação entre o centro de Viana e os territórios de Cabedelo e Darque.

Visa-se enaltecer a estrutura natural e promover a ligação entre a margem norte e os territórios que surgem na margem sul, com o desenvolvimento de um projeto que dinamize o território tornando-o num polo interativo para a comunidade.

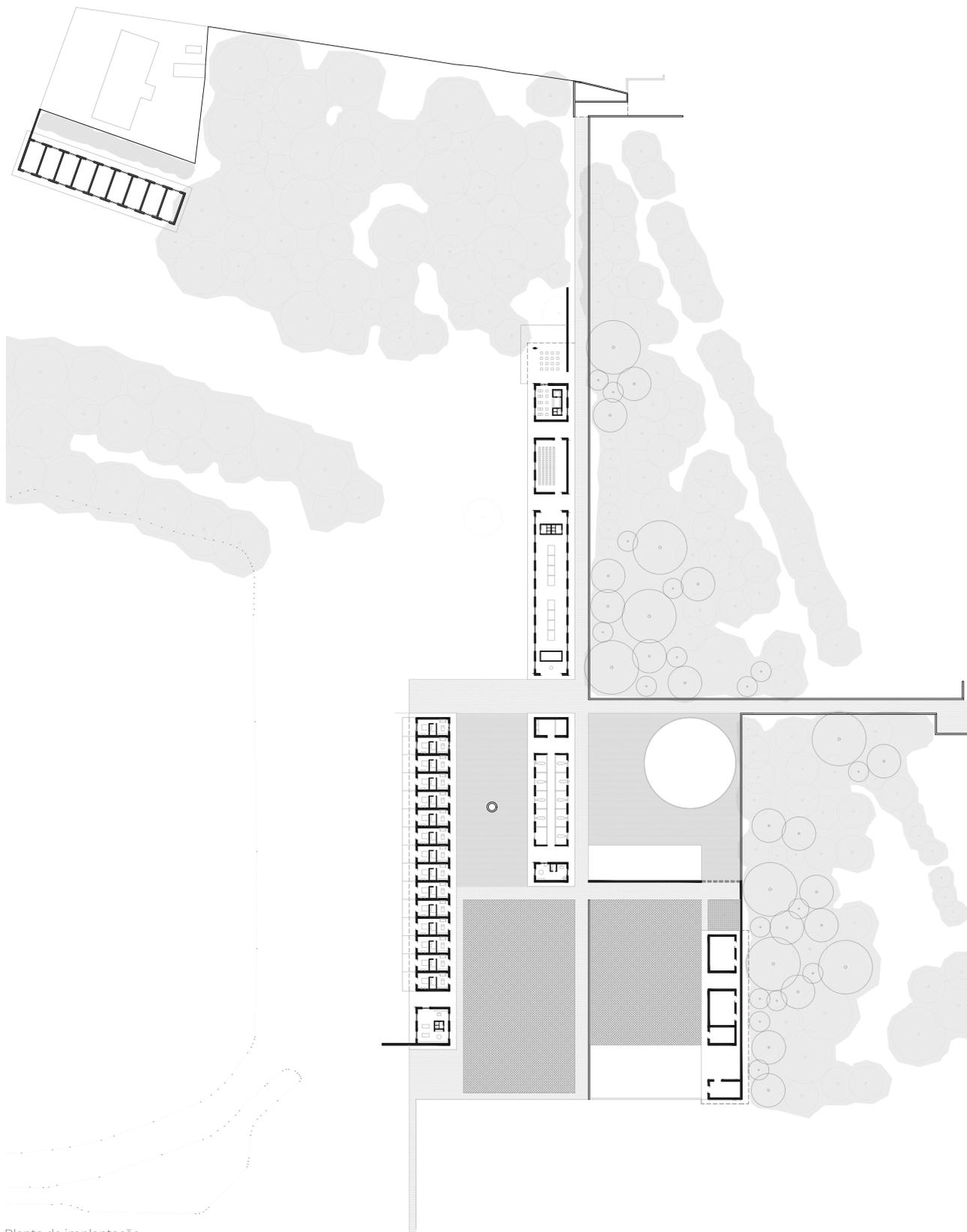
Partiu-se, primeiramente, da preservação de certos elementos pré-existentes para a definição dos limites de intervenção. Seguindo esta lógica foram criados eixos estruturantes delimitando a implantação do programa de alojamento rural, assim como o programa lúdico de suporte, caracterizado pelos estábulos e requalificação do espaço envolvente.



Planta da área de estudo



Axonometria da área do Alojamento



Planta de implantação



Alçado principal



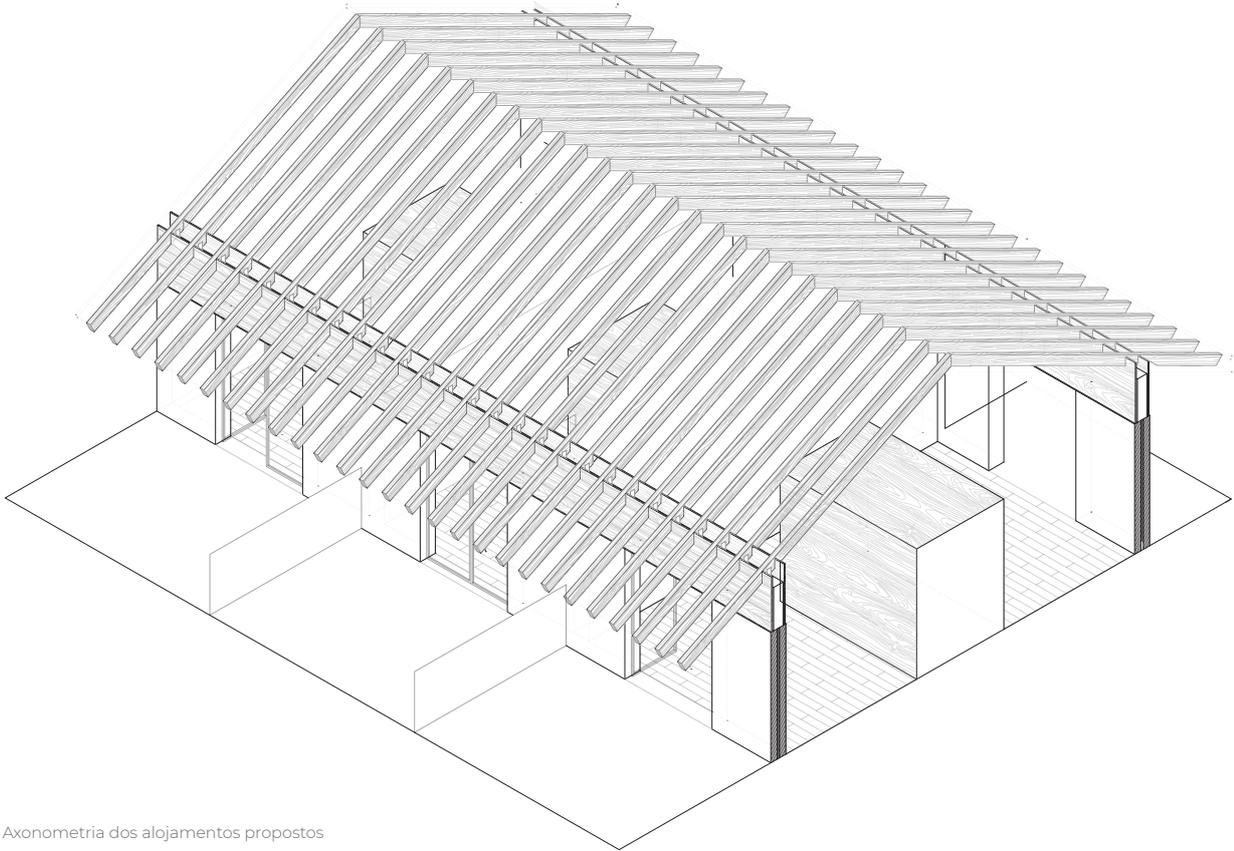
Corte pelo alojamento



Plantas dos alojamentos



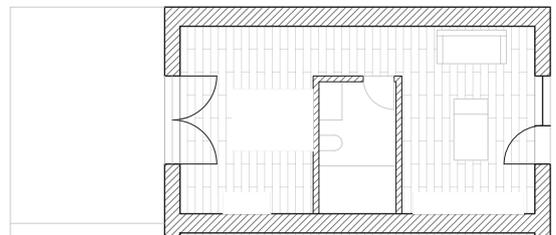
Montagem do ambiente envolvente do estábulo



Axonometria dos alojamentos propostos



Corte dos alojamentos



Planta dos alojamentos



Montagem do ambiente dos alojamentos com vista para o lago

Vila do Conde

Vazios urbanos em Vila do Conde

Cátia Meireles | Daniel Gomes,
Maria Fróis | Ricardo Ferreira

Dentro dos quatro casos de estudo - Chaves, Viana do Castelo, Vila do Conde e Matosinhos - o caso de Vila do Conde é particular, dada a natureza singular dos projetos do arquiteto Álvaro Siza, de cariz predominantemente de espaço público de grande escala.

Numa primeira fase, o trabalho estabelece uma perspetiva conceptual sobre a qual são estudadas as obras e a sua inserção no espaço urbano, criando sinergias com as ideias utópicas de cidade da Escola do Porto na década de 70. Elabora-se, assim, uma narrativa histórico-argumentativa geradora de um pensamento de cidade.

Mediante essa visão, é concebida uma construção histórica da cidade de Vila do Conde, incidindo sobre uma série de acontecimentos de fomento de cidade. Neste seguimento, é introduzido o Programa Polis e a sua intenção de desenho urbano e qualificação das cidades. Dentro deste contexto, são apresentadas as quatro obras de Siza Vieira em Vila do Conde, duas obras nos períodos das décadas de 70 e 80; e dois desenvolvidos no âmbito do Programa Polis. É feita uma aproximação aos projetos dos Parque Urbano e Parque Atlântico, desde a sua conceção conceptual até à sua construção, dentro do objetivo argumentativo sobre o Espaço Público.

O Parque Urbano, realizado em parceria com o Arquiteto Paisagista João Gomes da Silva, situado no centro do núcleo habitacional de Caxinas, a norte do centro de Vila do Conde. Localizado num antigo terreno baldio dentro de uma malha urbana regular, o projeto do Parque Urbano reestrutura um conjunto de vias e constrói um ambiente de parque murado.

O segundo projeto de grande escala compreende a frente marítima de Vila do Conde,

mais concretamente o troço sul até à foz do Rio Ave. O Parque Atlântico faz a transição entre mar e cidade - delimitando uma duna primária, requalificada por Siza. A intervenção constitui, na sua essência o desenho de vias e de espaço público exterior.

Assim, é elaborada a estratégia de grupo que relaciona os aspetos anteriores – o crescimento fragmentado da cidade e as obras de Álvaro Siza, geradoras de espaço público, que suscitam o pensamento de cidade.

É enumerada uma hierarquia de vias, criando uma rede de mobilidade suave, que integra quatro “vazios urbanos” à semelhança dos espaços intervencionados por Álvaro Siza. Estes vazios constituem as áreas de desenvolvimento dos projetos individuais, tendo por base a conceção da estratégia de grupo.

Planta da estratégia geral de intervenção

- A - Parque Urbano de Caxinas - Álvaro Siza;
- B - Parque Atlântico - Álvaro Siza;
- 1 - Revitalização do Mercado Municipal;
- 2 - A piscina no Pinhal;
- 3 - Complexo Desportivo (Entre o Mar e o Rio);
- 4 - Cais Cultural da Seca do Bacalhau;

Revitalização do Mercado Municipal

Cátia Meireles

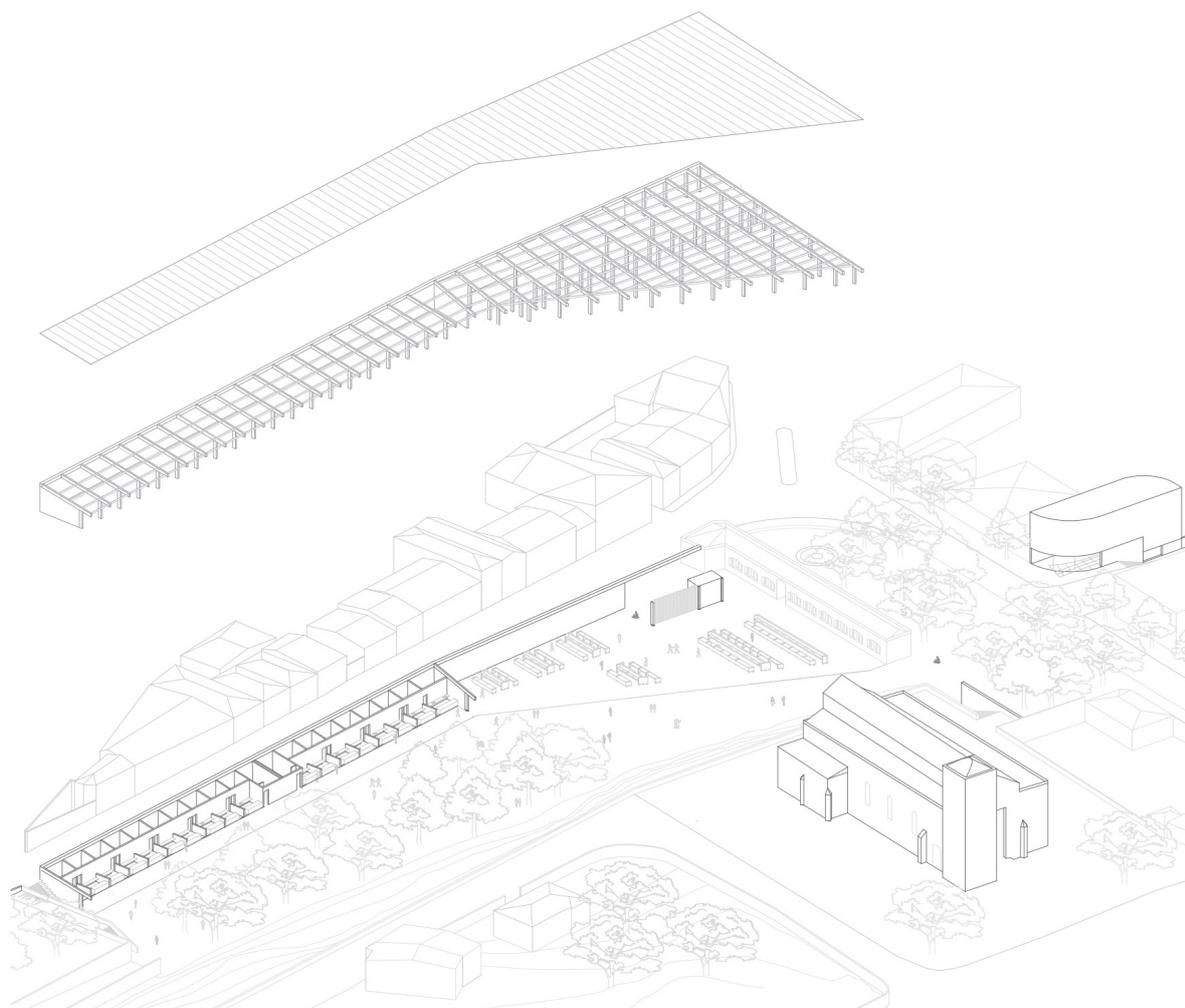
Partindo da preocupação de consolidação de vazios urbanos em Vila do Conde, considera-se que o Mercado Municipal, localizado no centro histórico, necessita de revitalização. O Mercado é um programa que atualmente necessita a definição de limites, sendo este princípio fundamental, para que o programa ganhe uma identidade própria de estadia e de ligação para outras zonas da cidade.

A proposta estabelece duas cotas, uma superior para o estacionamento e uma inferior onde se implanta o Mercado. O programa distribui-se ao longo de um muro de suporte, em betão armado, que produz uma frente de rua, para a estrada nacional 13, e por sua vez trabalha o declive do chão. Agregado e suportado a este elemento, numa estrutura em madeira, e com uma cobertura em zinco pré patinado, gera-se uma pala que estabelece uma linha contínua no céu.

Este primeiro elemento conjugado com o edifício pré-existente, trabalham e definem fisicamente os limites do mercado. A pala estabelece o limite formal proporcionando um espaço coberto de todos os elementos intrínsecos ao programa.

A organização do programa, estabelece-se entre dois espaços, a destinada à venda de produtos frescos e artesanais, e a zona de um longo corredor, que engloba as lojas e as instalações sanitárias.

Define-se uma praça exterior, na frente das lojas, seguindo o alinhamento de árvores que poderá vir a ser usado pelos feirantes.



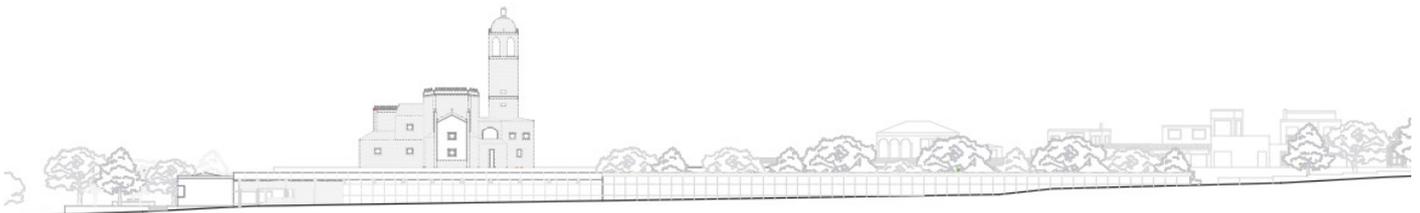
Axonometria explodida do Mercado Municipal

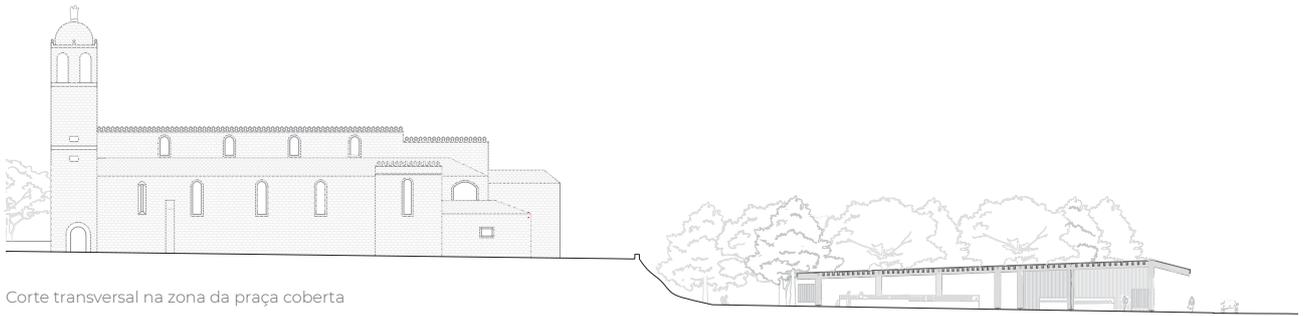


Alçado Longitudinal, relação do muro com o restante desenho urbano



Planta de Localização, Relação entre a proposta e o pré-existente





Corte transversal na zona da praça coberta



Alçado na zona de entrada com a identificação do programa



Planta Zona da cobertura

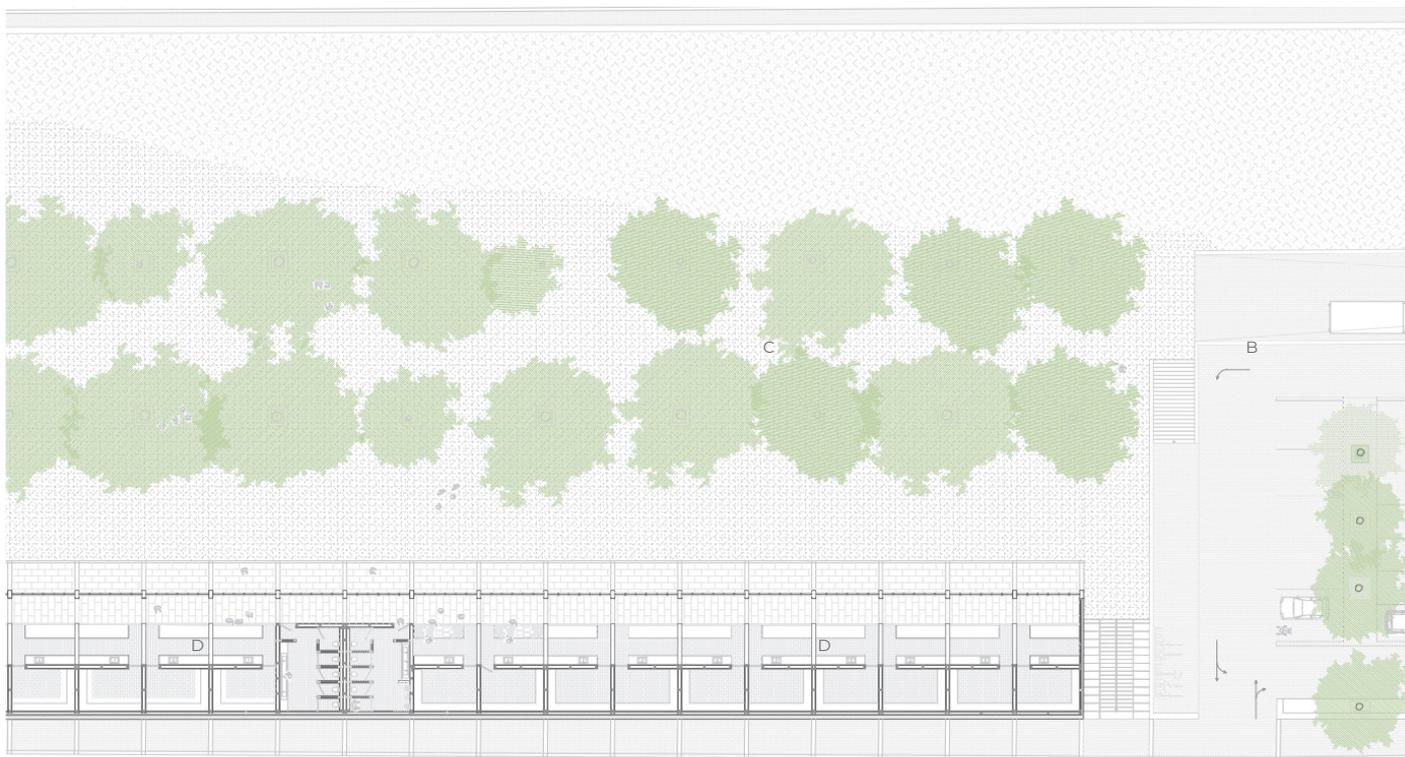
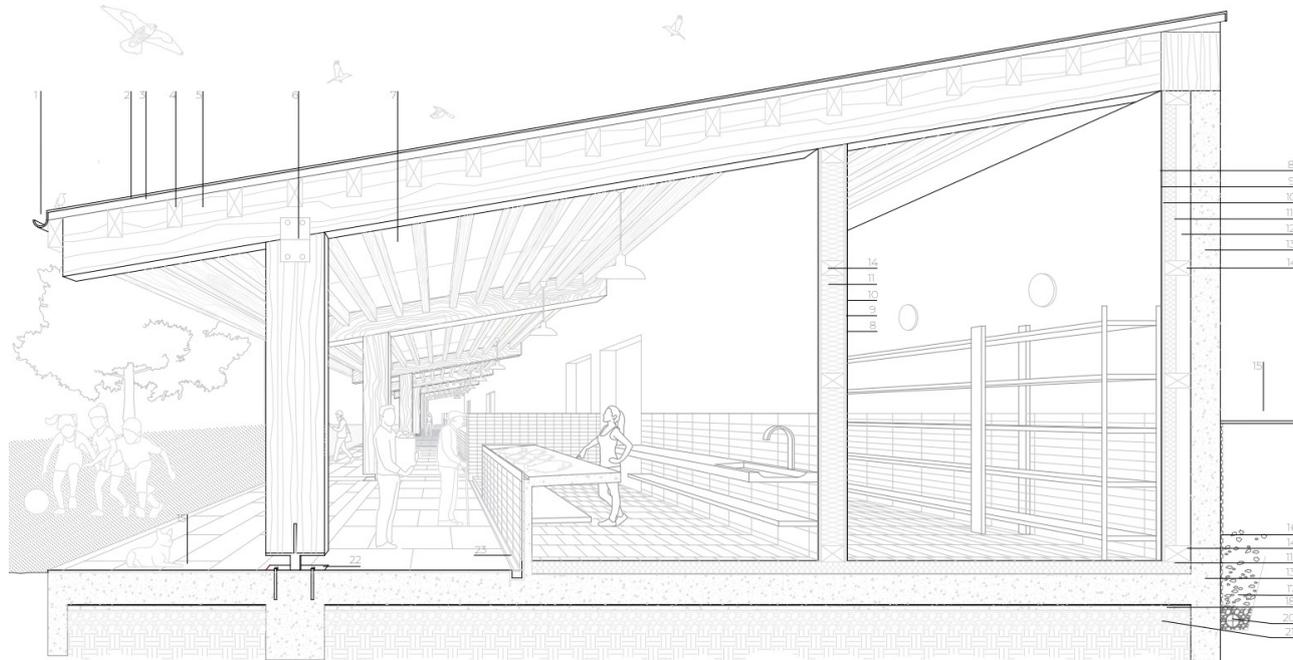
A- Estrada Nacional 13;
 B- Praça - 4240 m² - Praça pública de céu aberto, delimitada pela topografia e o restante programa do mercado, este espaço é revestido por um pavimento drenante em gravilha e resina. Para além de espaço livre, serve como zona verde e em ocasiões de feira consegue suportar as bancas de venda. Ites através de um muro e de uma cobertura, que criam uma praça coberta e um espaço publico exterior;

C- Zona Coberta - 2060m² -

Espaço destinado à venda de produtos frescos e artesanais, o primeiro contacto que os visitantes têm com o programa, tanto chegados pela entrada principal como da praça São João Batista. O espaço é desenhado através de uma estrutura em madeira com vigas de 0.60m por 0.30m de espessura e distanciadas de 5m em 5m, contra-vigas de 0.30m por 0.15m distanciadas de 0,50m em 0,50m, e um conjunto de pilares desfasados em madeira de 0.60m por 0.3m que delimitam

Corte perspectivo

1- Caleira em zinco; 2- Cobertura em chapas de zinco; 3- Isolamento de 8cm; 4- Contra- viga de madeira; 5- Viga de madeira; 6- conexão metálica do pilar com a viga, feita no interior da madeira; 7- Painéis de MDF; 8- Azulejo ou tinta; 9- Reboco; 10-Pladur hidrofúgo; 11 - Isolamento; 12- Caixa de ar; 13- Betão armado; 14- Estrutura em barrotes de madeira para suporte das placas de pladur; 15- Calçada e lajetas em granito; 16- Manta geotextil; 17-Enrocamento; 18-Tela drenante; 19- Betonilha de regularização; 20- Dreno de fundação; 21- Cascalho; 22- Conexão metálica do pilar com a laje; 23- Grelha de escoamento



e desenham a métrica do chão em lajetas e granito. Este desenho estabelece o espaço onde as bancas para a venda dos produtos se localizam. É deixada uma zona livre de bancadas para definir uma relação com a igreja;
 D- Casa do guarda- 11 m² - Zona destinada à gestão e serviço de segurança, do mercado. Este espaço contém um vão com xm por xm em caixilharia metálica, revestido no interior com um pavimento de azulejo e paredes rebocadas, já o exterior e revestido por ripado de madeira.

E -Edifício pré-existente 250 m²- Este elemento, mantém-se como está nos dias de hoje, restaurando o seu interior e exterior. Alberga espaços de comércio leve, como o café que existe atualmente, e propõe-se outros espaços, como florista, loja de artesanato local entre outros. Uma das entradas para o espaço de mercado é feito pelo arco criado neste edifício;
 F - Praça São João Batista;

A piscina no Pinhal

Daniel Gomes

O Pinhal Menéres, vazio situado a norte de Vila do Conde, é uma quinta privada, encerrada no espaço urbano. Mediante a intenção da consolidação dos vazios urbanos, considera-se que este lugar é uma área que carece de relações com o ambiente urbano, sendo que se propõe a sua transformação em parque público e salvaguarda das suas qualidades ecossistêmicas.

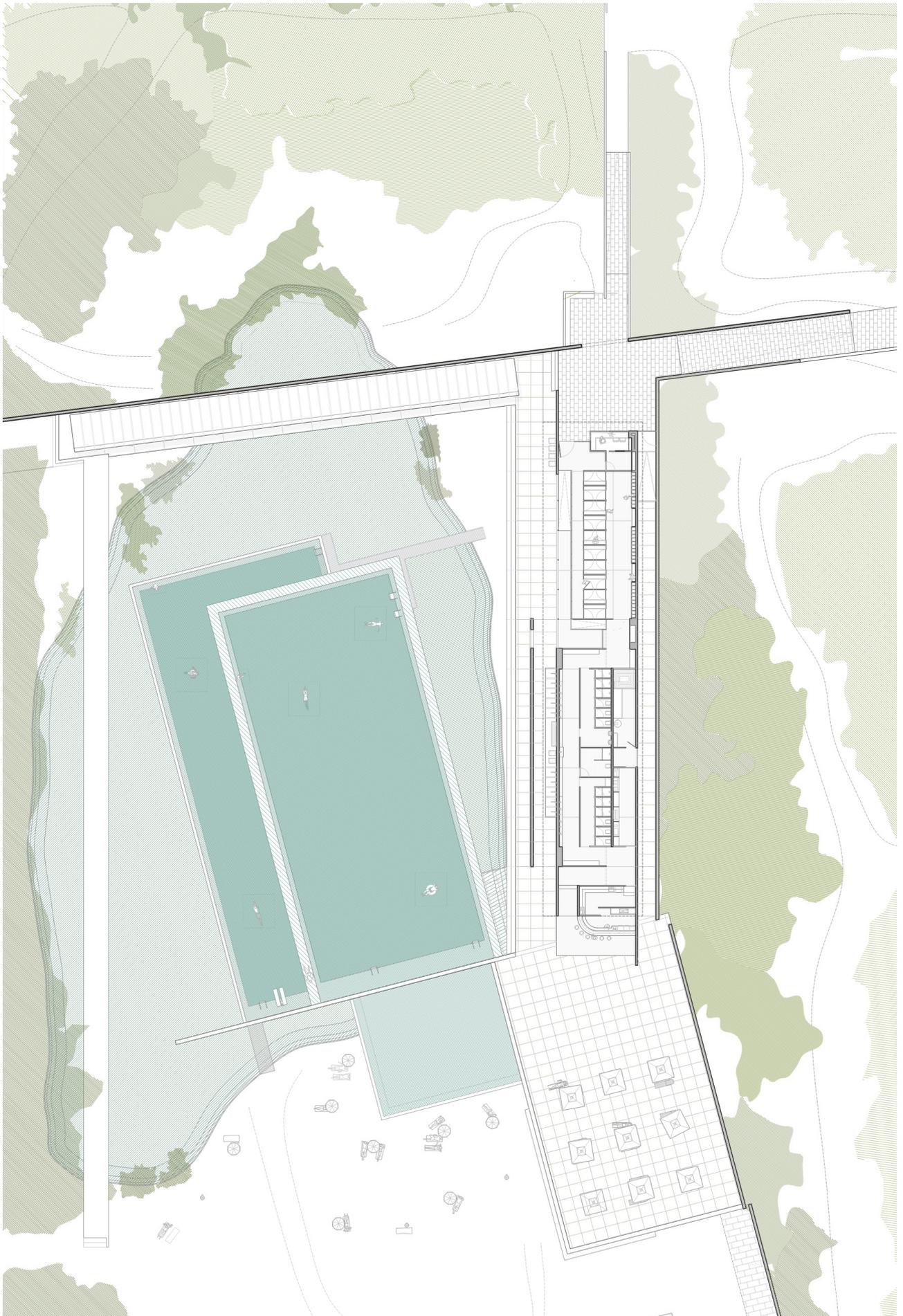
Tendo como base o ensaio do Parque Atlântico, através da recuperação da duna primária e a introdução de um conjunto de equipamentos turísticos - que apenas se refletiu na regeneração do espaço urbano, é proposto a inserção de dois equipamentos lúdico-recreativos, a piscina e o edifício de apoio, numa estrutura integrada de percursos, dotando o Pinhal de Menéres de atravessamentos urbanos, revertendo a concessão cerrada, sem que comprometa os seus limites murados.

Através desta proposta integrada, é possível concretizar a consolidação do espaço do Pinhal Menéres, em sinergia com a preservação ecossistémica e a preocupação ambiental, potenciar um espaço natural e gerar um espaço público que se incorpore nas práticas urbanas, sem que seja ameaçada a sua integridade.

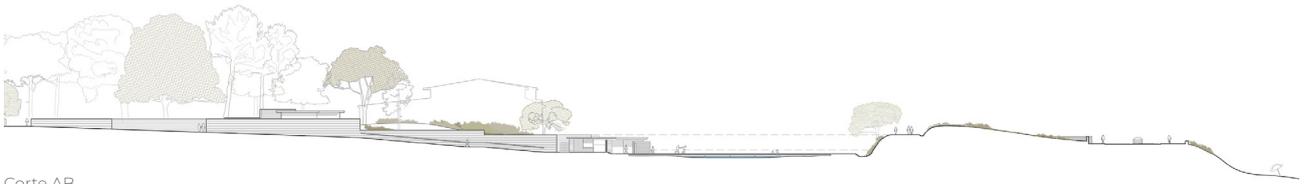
Perante a estrutura de percursos e limites, os equipamentos surgem como peças articuladas no espaço central da rede de caminhos, relacionada com a prática de vilegiatura em Vila do Conde. Tomando partido do que era proposto no projeto do Parque Atlântico - a proposta procura solucionar a carência de equipamentos lúdico-recreativos na Frente Marítima.

Planta da Proposta Integrada do Pinhal Menéres - Limite Norte

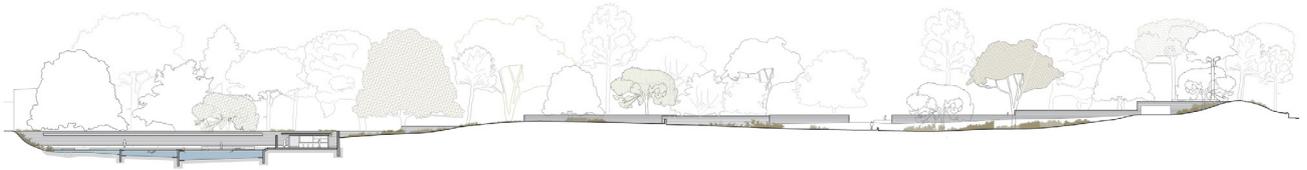




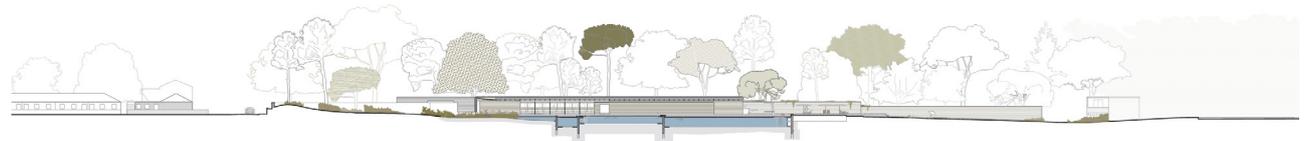
Planta do Complexo de Piscinas naturais e Edifício de apoio



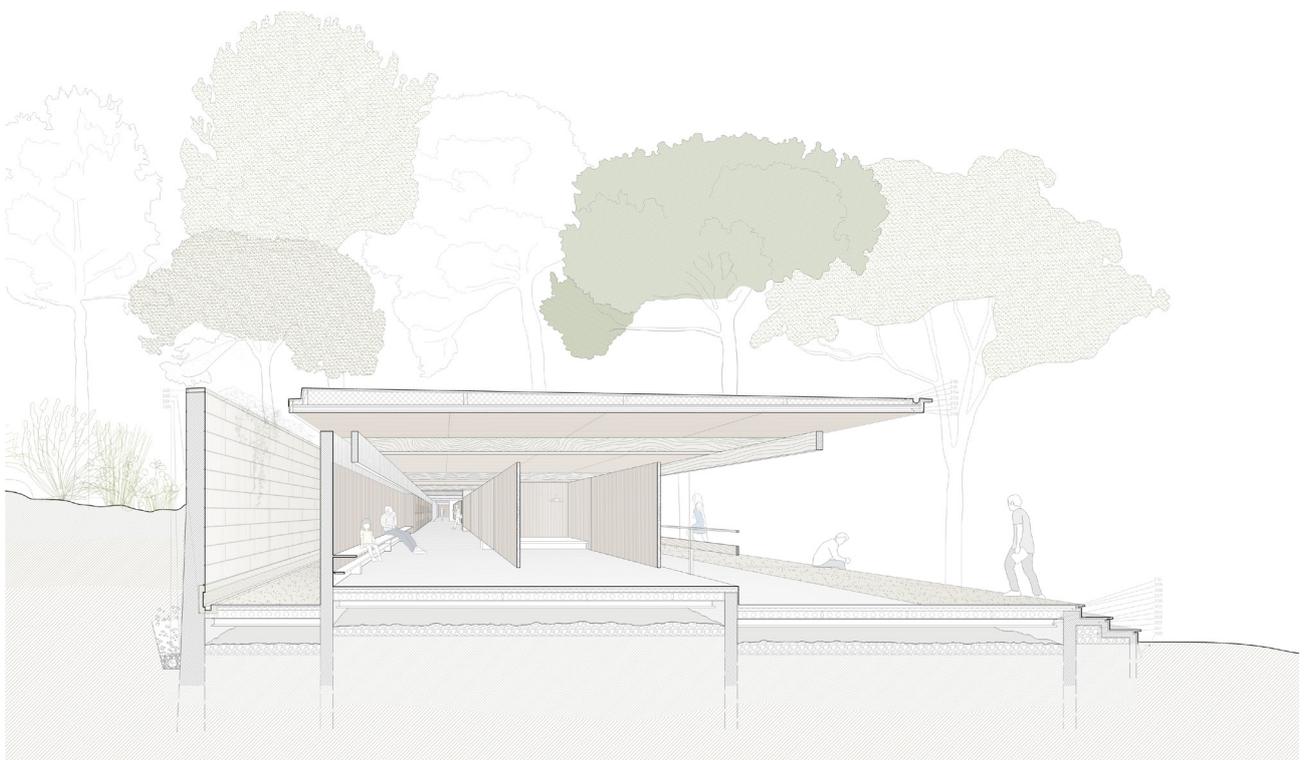
Corte AB



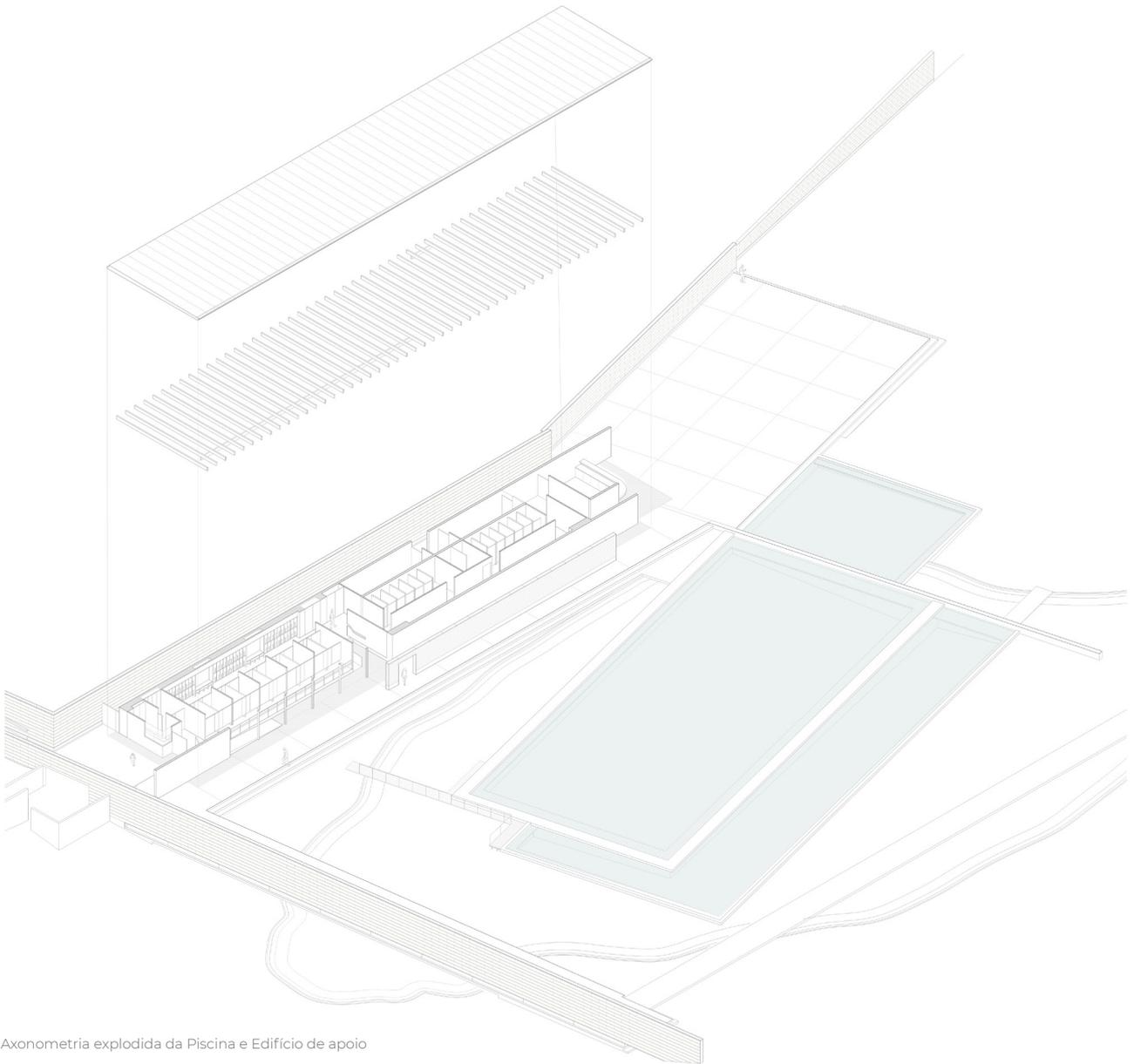
Corte CD



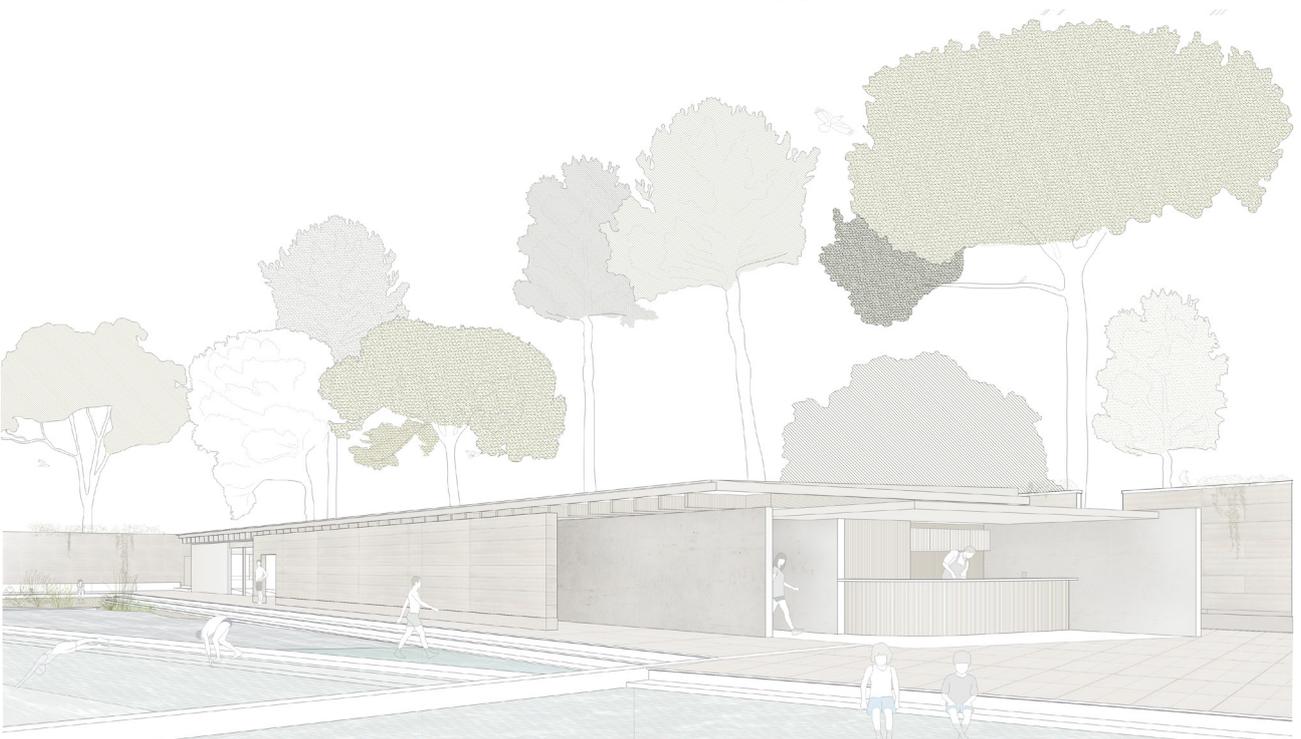
Corte EF



Corte pelo edifício de apoio



Axonometria explodida da Piscina e Edifício de apoio



Perspetiva do Edifício de apoio

Entre o Mar e o Rio

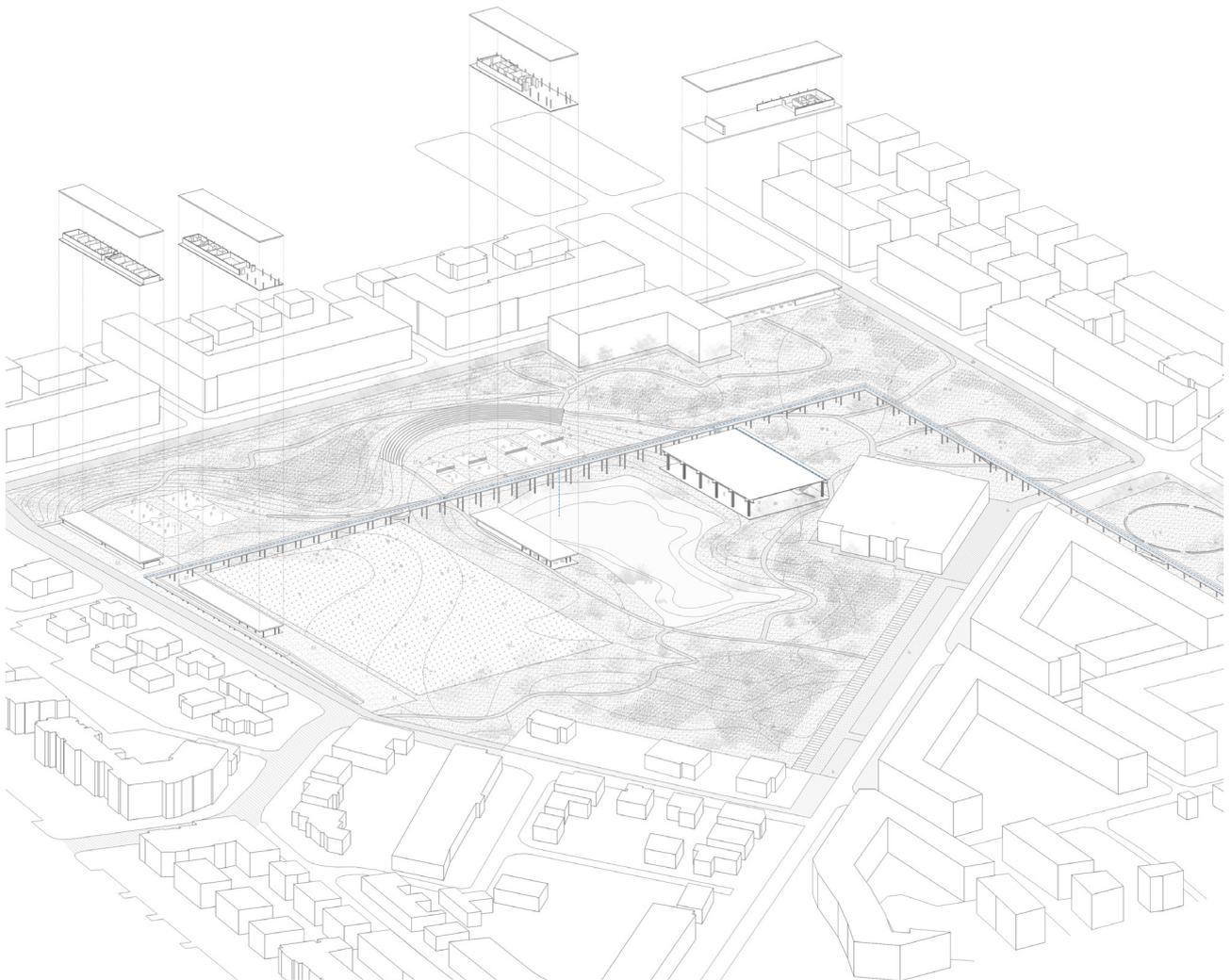
Maria Fróis

A proposta individual, "Entre o Mar e o Rio" passa por criar um caminho pedonal programático que pretende despoletar a consolidação de um vazio significante de Vila do Conde, deixado assim pelas sucessivas intervenções que foram marcando o crescimento da malha urbana entre o centro histórico e a frente de mar.

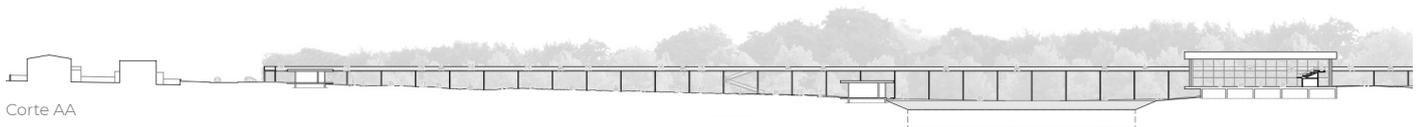
O caminho pedonal é elevado, preservando o solo dunar da área de intervenção. O projeto pretende estabelecer ligações entre a Avenida Júlio Graça e a Avenida do Brasil, criando acessos e distribuindo um programa desportivo com instalações de apoio para a transposição dos campos de jogos e parques didáticos. Propõe-se uma promenade que sirva simultaneamente de rua pedonal e ciclável. O programa distribui-se por pequenos pavilhões complementares, que ocupam algumas das clareiras do parque.

Estruturando o vazio através de um eixo, pretende-se resolver uma situação secular de abandono, atribuindo uma função ao espaço, antecipando a especulação imobiliária iminente que resultaria numa privatização de um possível espaço público para a cidade.

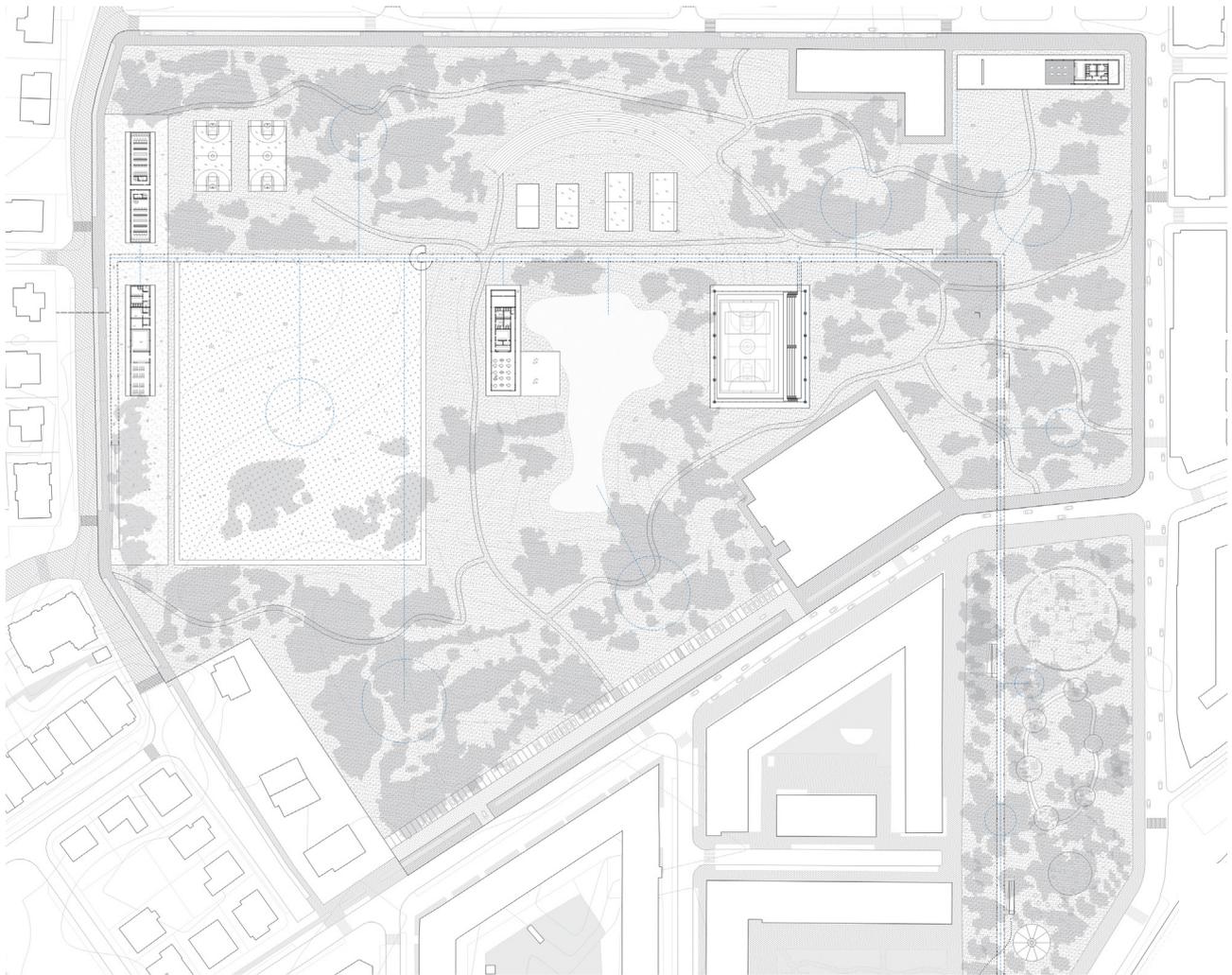
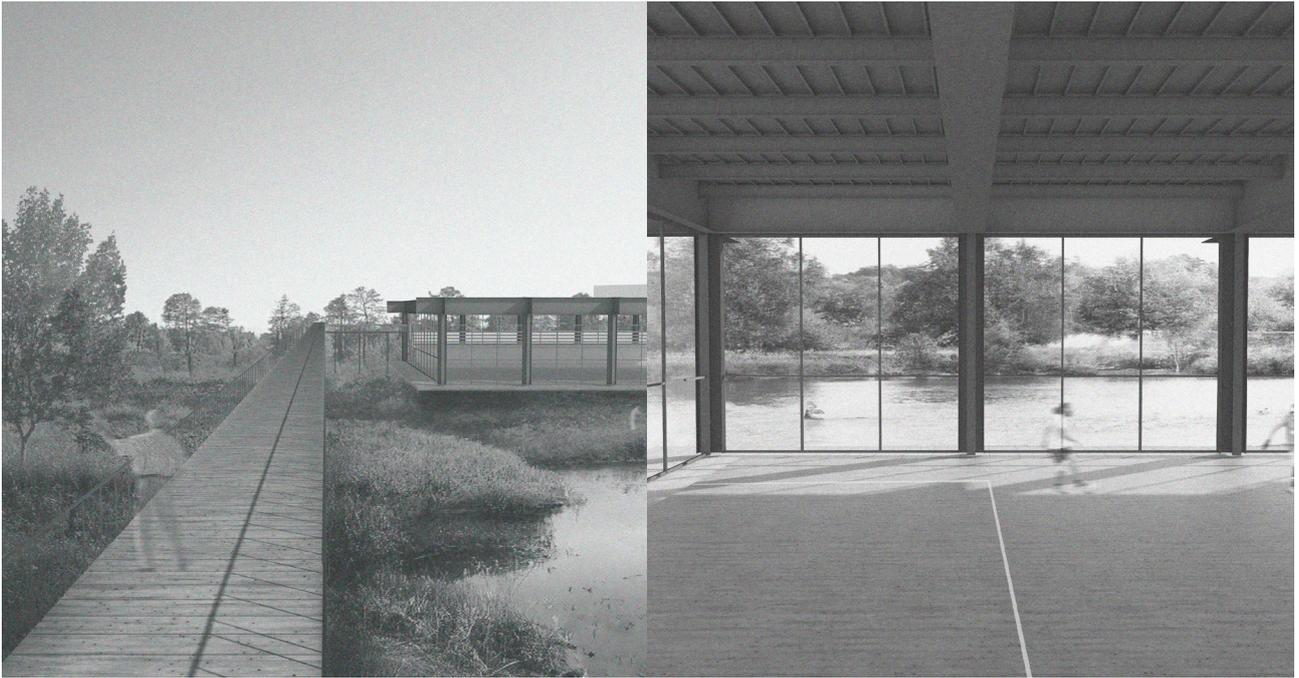
Entre o mar e o rio, cria-se um percurso que se interliga com a malha urbana, em continuidade com o centro histórico. Assim, considera-se que esta proposta se trata de uma infraestrutura que serve a população.



Axonometria Geral, a azul a circulação de Água

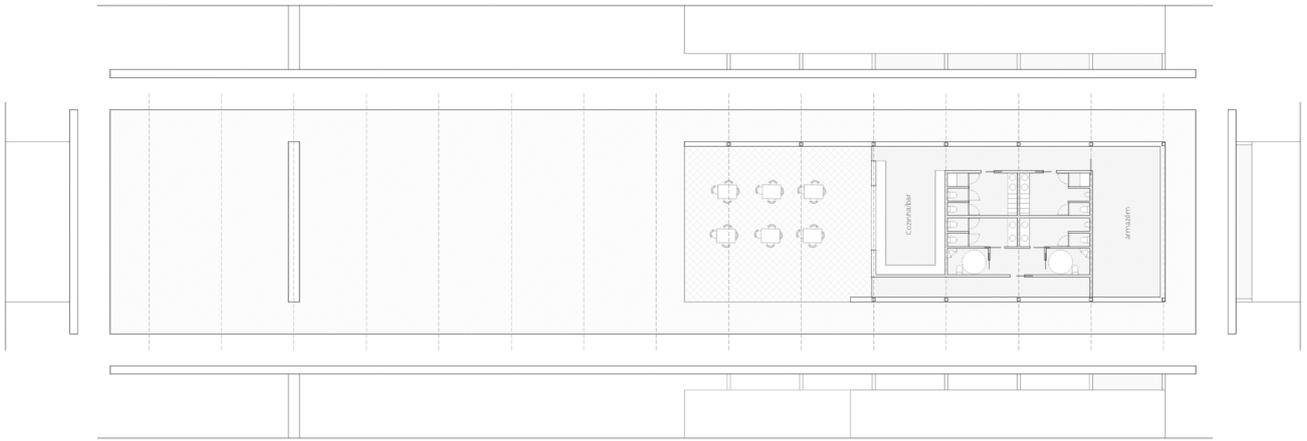


Corte AA

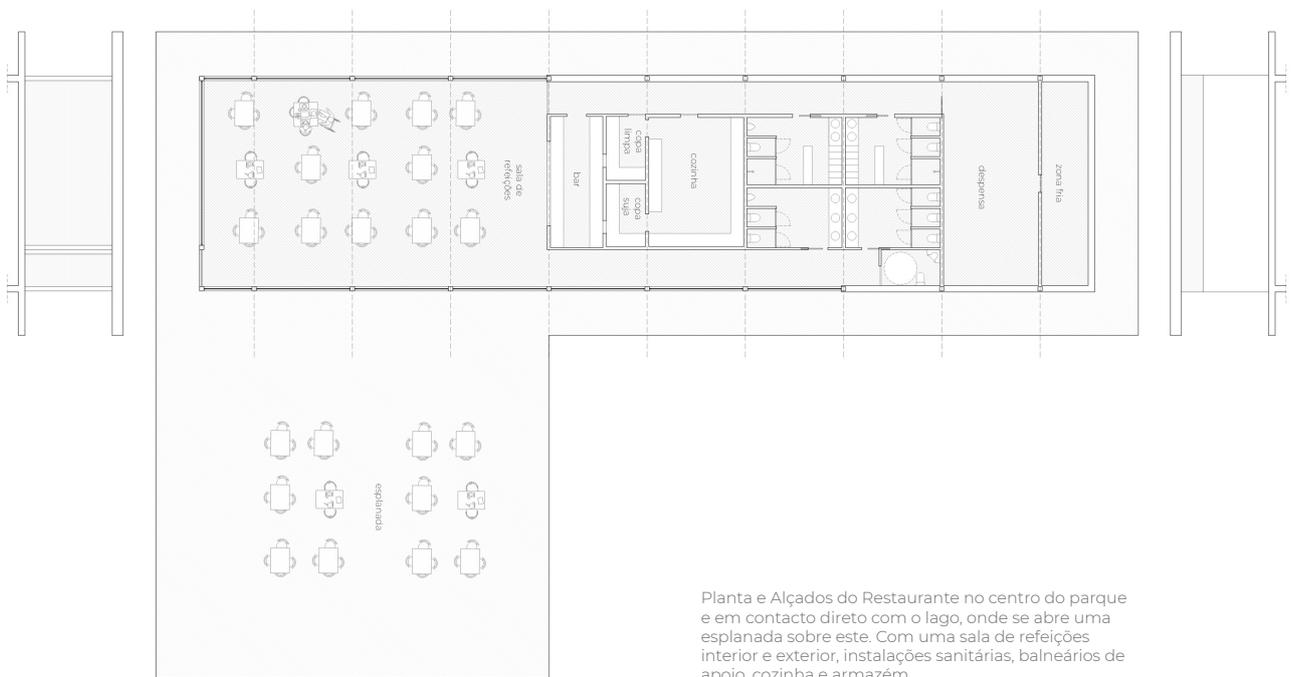


Planta Geral, a azul a circulação de Água

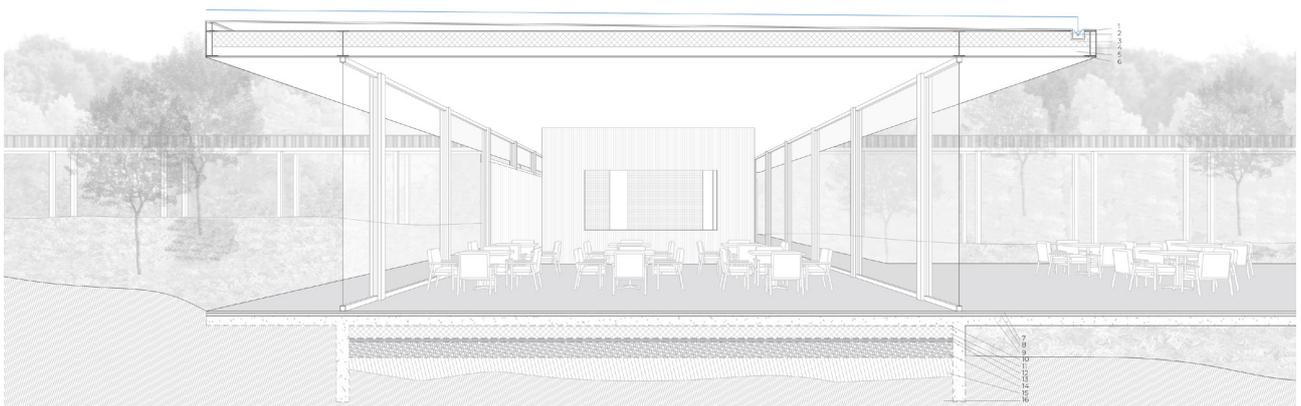




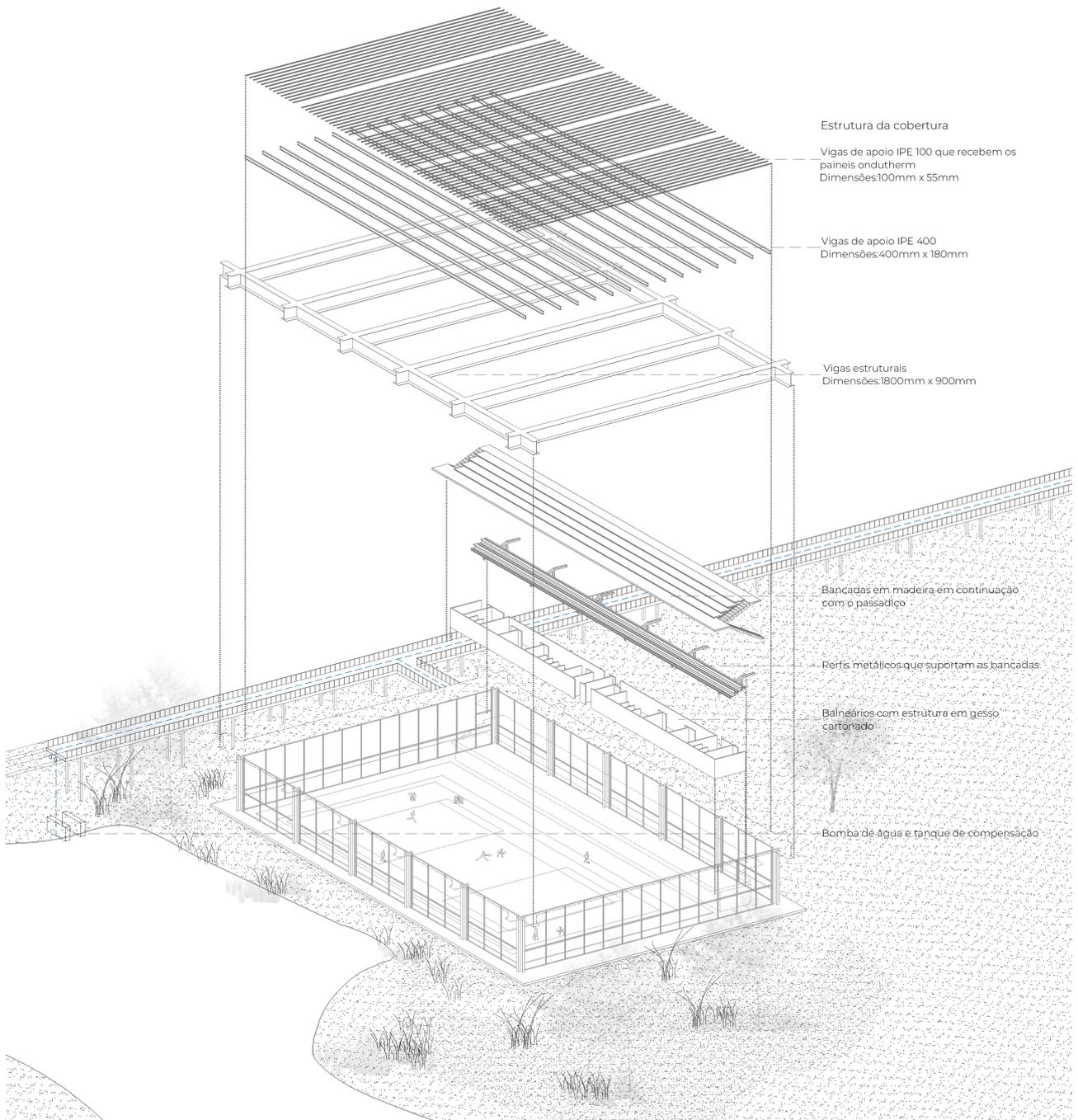
Planta e Alçados do Café, entrada pela alameda, antigo passeio público de Vila do Conde



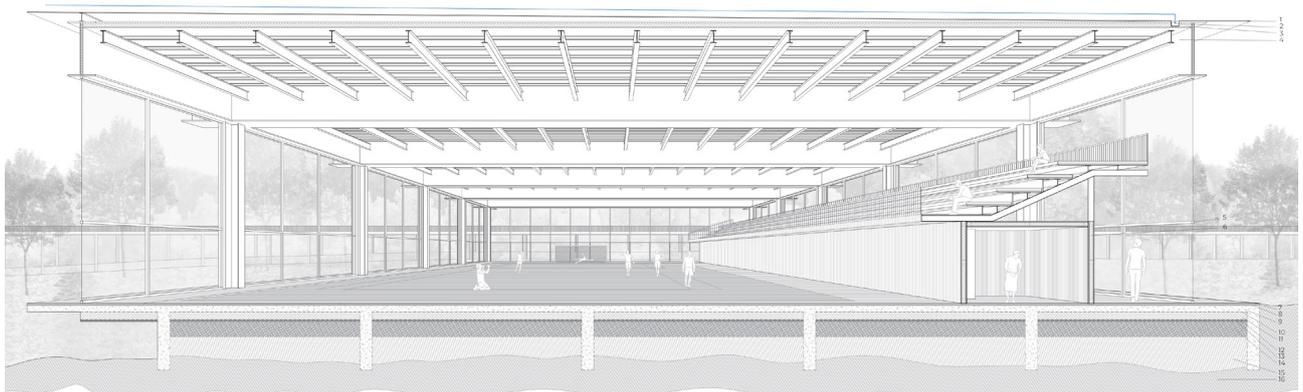
Planta e Alçados do Restaurante no centro do parque e em contacto direto com o lago, onde se abre uma esplanada sobre este. Com uma sala de refeições interior e exterior, instalações sanitárias, balneários de apoio, cozinha e armazém



Corte perspectivado do Restaurante



Axonometria do Pavilhão



Corte perspectivado do Pavilhão

Cais Cultural da Seca do Bacalhau

Ricardo Ferreira

A proposta reside no desafio de reabilitação do antigo Campo da Seca do Bacalhau. Localizado na foz do rio Ave, este espaço é fundamental para uma leitura da cidade no seu todo: um espaço de transição entre a frente marítima e o centro histórico de Vila Conde. O local de intervenção encontra-se descaracterizado da sua génese, um espaço solto onde um armazém devoluto e os esteios graníticos se destacam na paisagem.

A estratégia procura resolver os limites urbanos do bairro envolvente da cota superior à do campo da Seca. De modo a colmatar a deficiência nos limites do bairro, desenham-se muros de contenção ortogonais aos eixos orientadores do projeto.

O projeto tem dois volumes de duas naturezas distintas: um armazém devoluto, mantido estruturalmente e preservado, e outro construído de raiz que substitui as construções demolidas no seguimento do Programa Polis, segundo as novas regras de implantação e lógica construtiva. A abordagem ao primeiro volume, o antigo armazém, recupera a investigação desenvolvida na primeira parte do trabalho: a utopia das dunas propostas invadirem o projeto serve como mote fundamental para a conceção do espaço público.

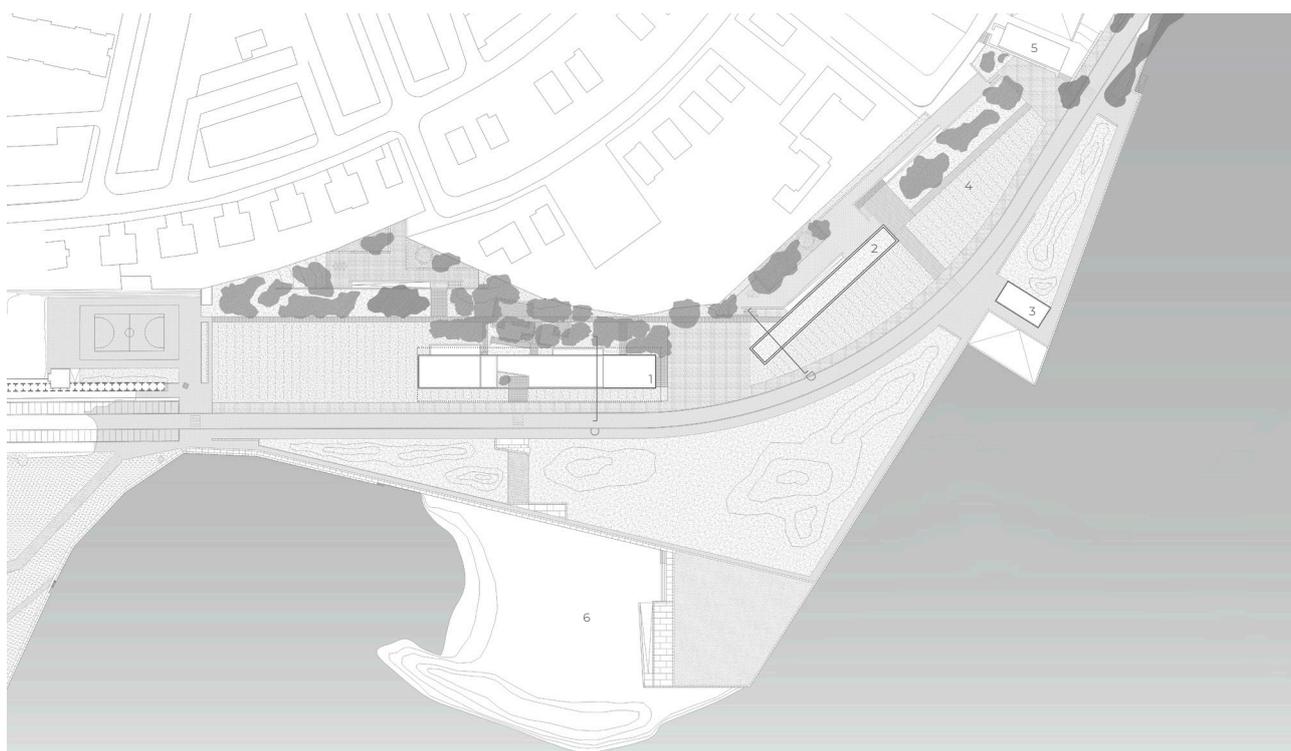
O segundo volume paralelepípedo que se desconstrói com base nas pré-existências e nas necessidades programáticas. Partindo de uma geometria regradada, à semelhança dos esteios graníticos da Seca do Bacalhau, gerou-se a métrica de eixos estruturais.

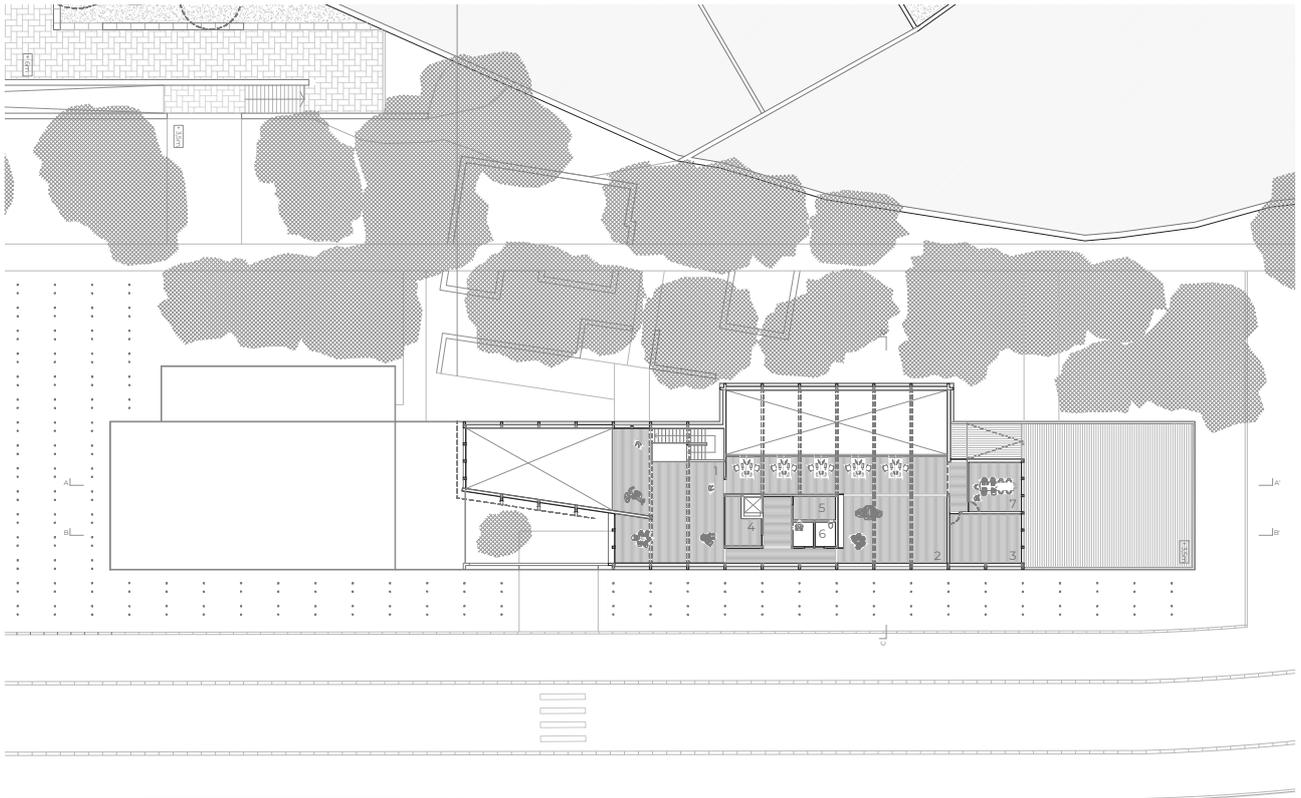
A materialização deste volume explora o saber artesanal da construção em madeira, recuperando nesta solução construtiva a narrativa dos artífices treinados nos estaleiros que fabricavam os barcos de pesca. Seguindo uma matriz de eixos, o projeto constrói-se a partir de pórticos de madeira laminada colada. Estes assentam numa malha de madeira e fundações de estacas de betão semienterradas, fazendo com que o edifício “flutue” no solo arenoso. Esta forma de construir sublinha o encontro entre a tradição da construção em madeira e a construção contemporânea. Assim, graças a materiais e técnicas de construção atuais, a estrutura de madeira permite a abertura de grandes vãos e o desenho de espaços mais amplos, abrindo a possibilidade de diferentes ocupações.

A forma do projeto se relacionar com a frente ribeirinha procura evidenciar o ritmo que os pilares em madeira sugerem. O exterior é revestido a madeira num tom escurecido com acabamento a óleo e contrasta com a leitura do interior, que através do tratamento da madeira (lacada a branco) acaba por encontrar uma leitura mais leve e contemporânea.

Planta de implantação

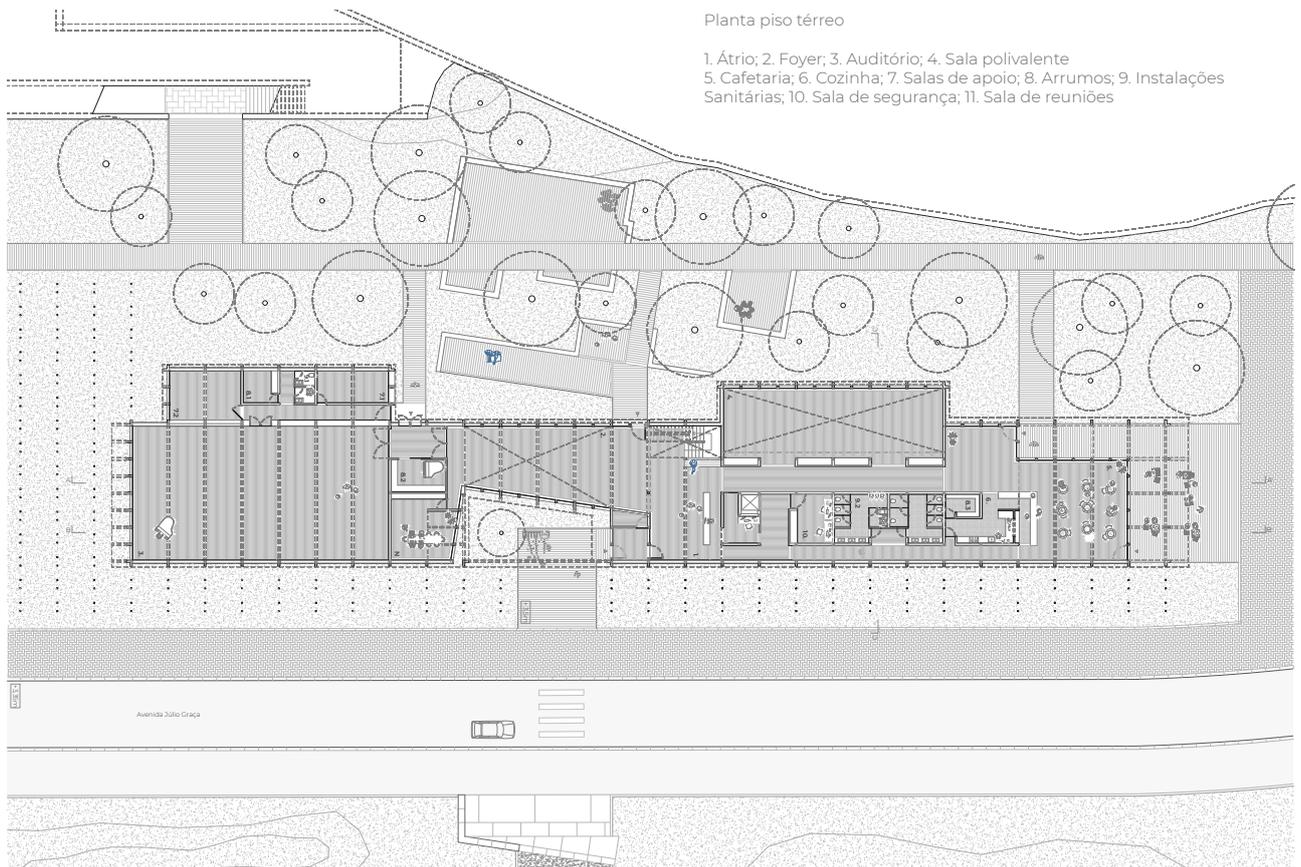
- 1 - Centro Cultural;
- 2 - Antigo armazém da Seca do Bacalhau;
- 3 - Clube Fluvial Vilacondense;
- 4 - Área de esteios da Seca;
- 5 - CMA;
- 6 - Praia fluvial da Seca do Bacalhau;





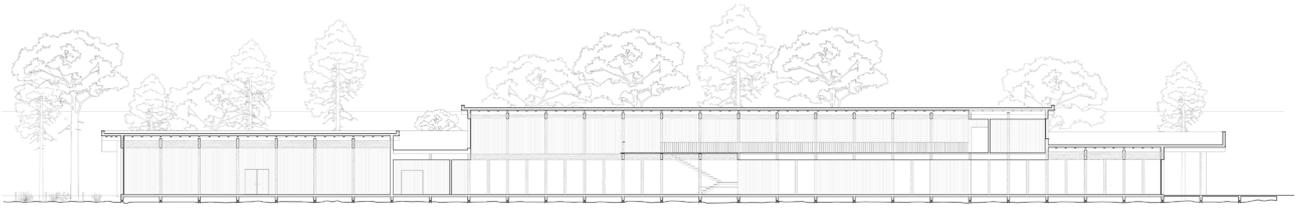
Planta piso superior

- 1. Átrio; 2. Espaço de estudo; 3. Sala de computadores; 4. Sala de apoio;
- 5. Arrumos; 6. Instalações Sanitárias; 7. Sala de reuniões; 8. Cobertura praticável

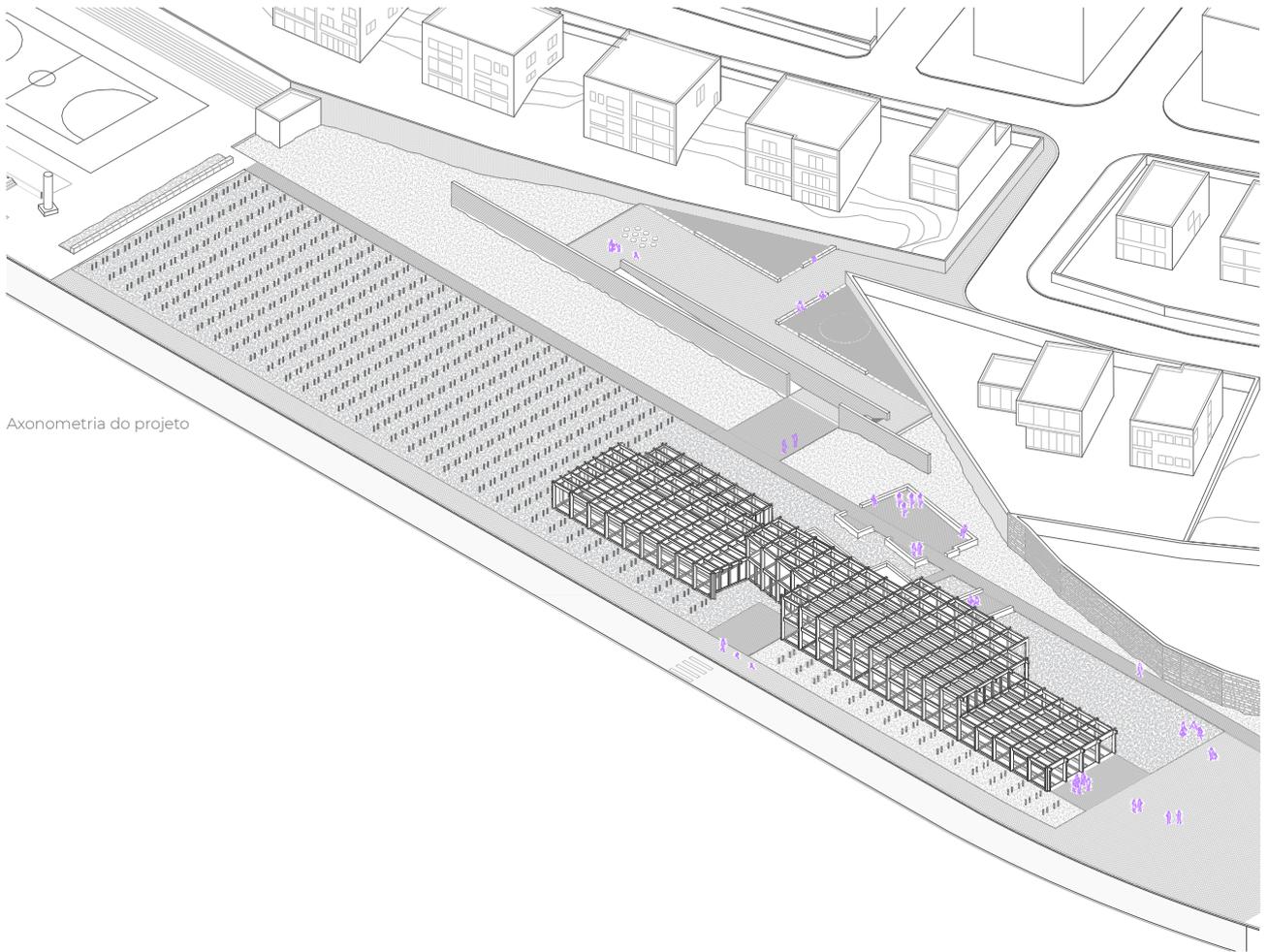


Planta piso térreo

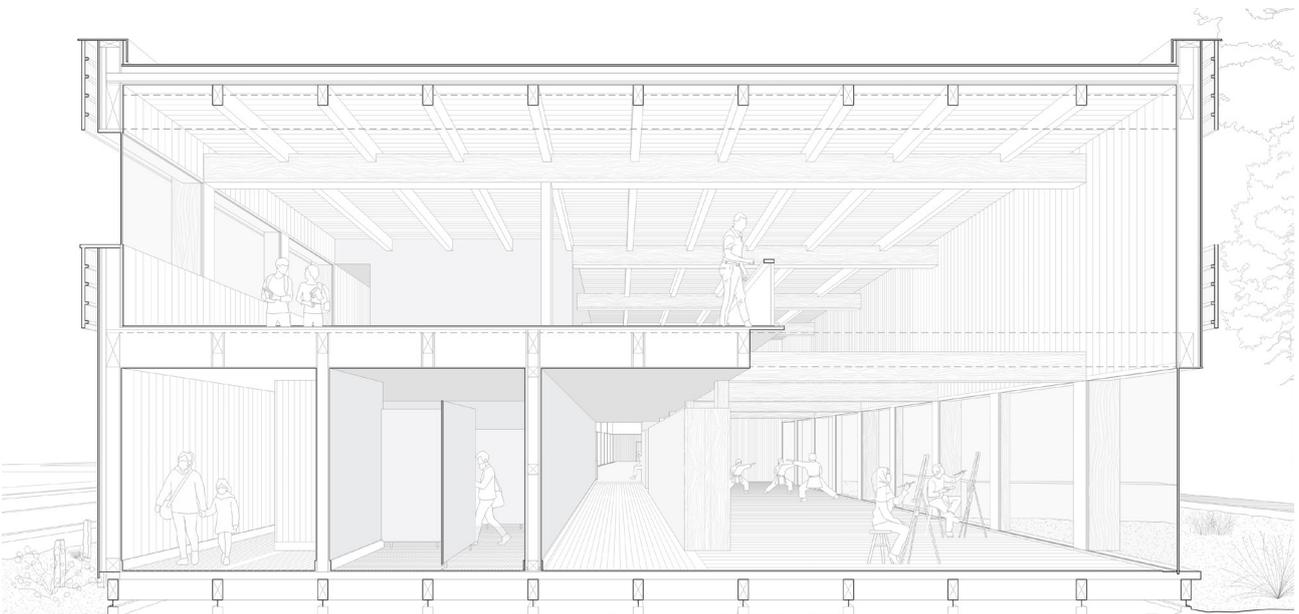
- 1. Átrio; 2. Foyer; 3. Auditório; 4. Sala polivalente
- 5. Cafeteria; 6. Cozinha; 7. Salas de apoio; 8. Arrumos; 9. Instalações Sanitárias; 10. Sala de segurança; 11. Sala de reuniões



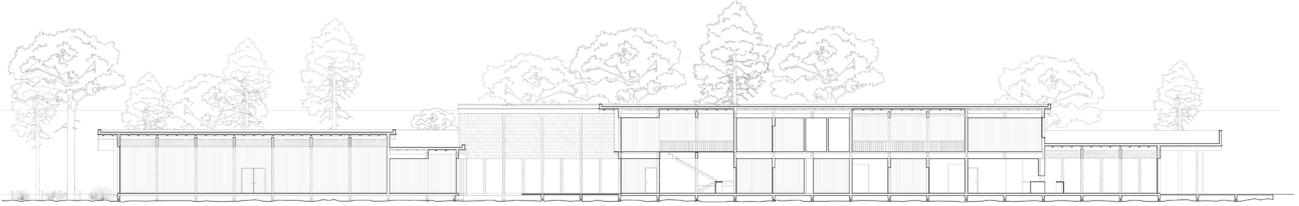
Corte AA'



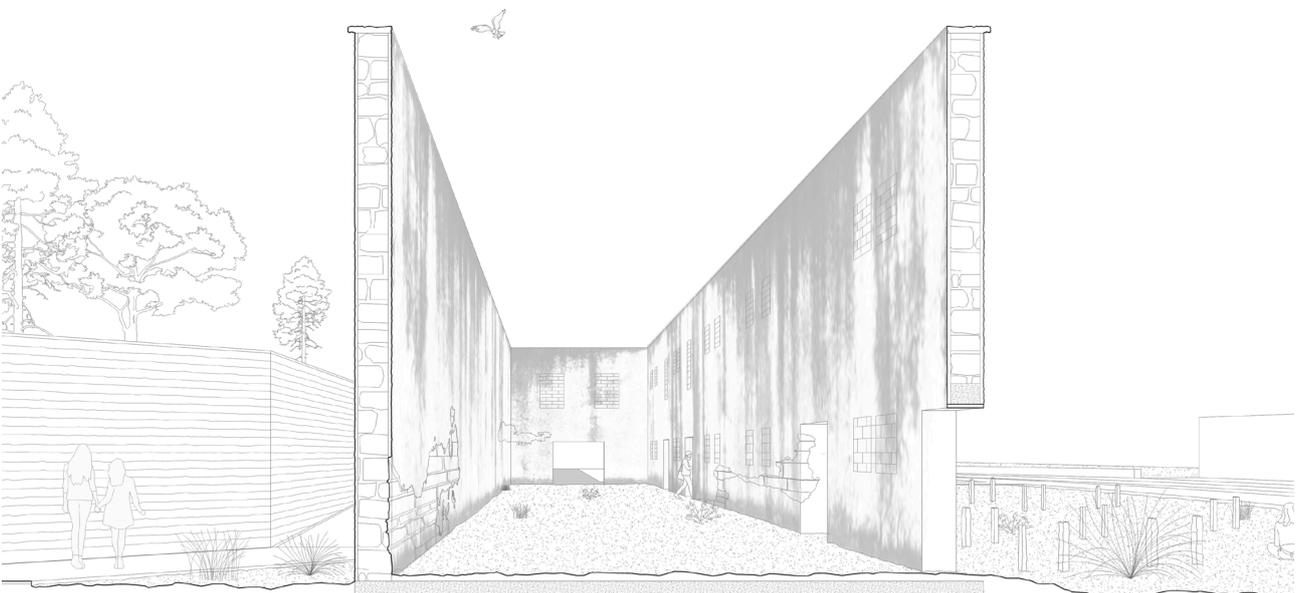
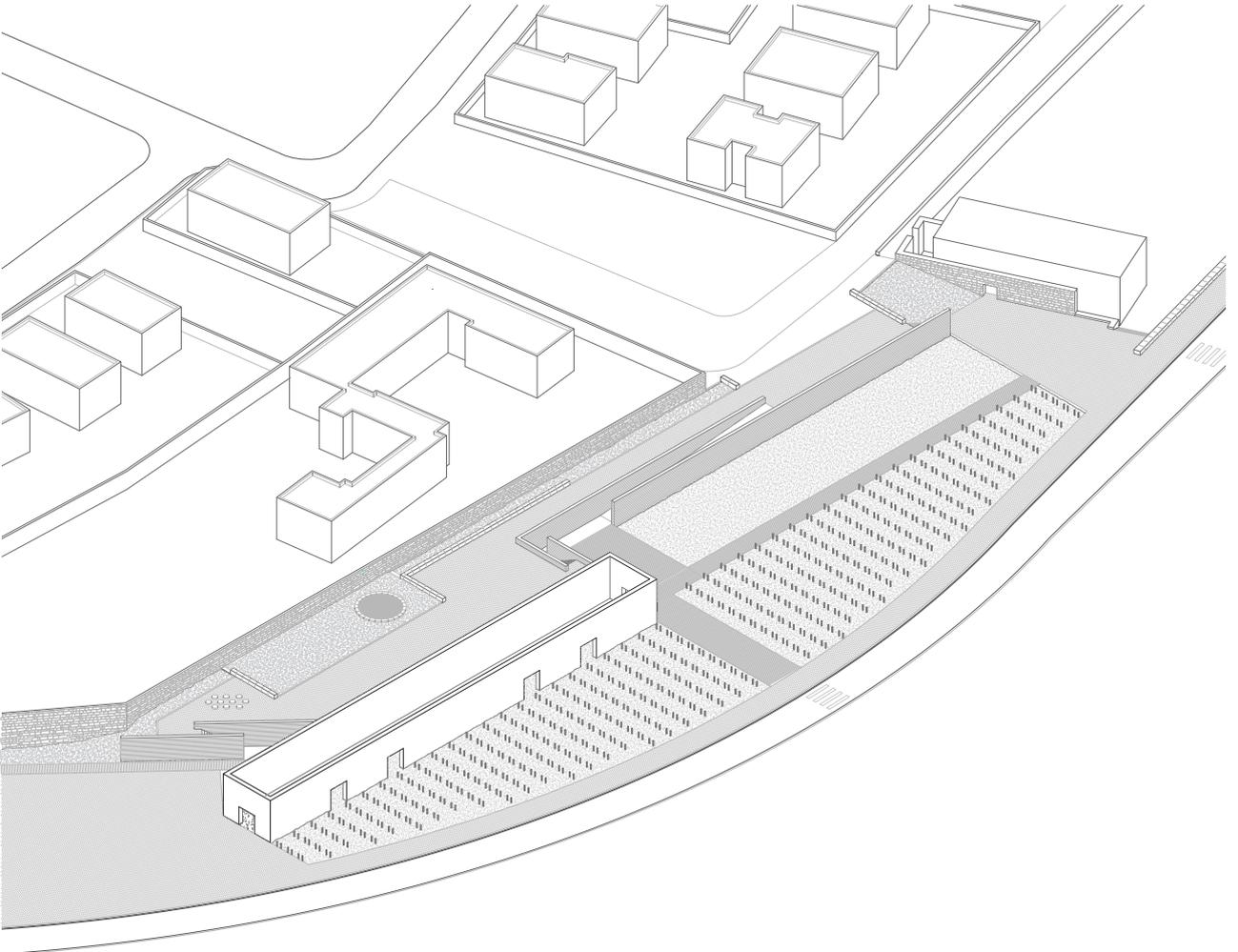
Axonometria do projeto



Corte CC'



Corte BB'



Corte DD'

Chaves

Novas ligações entre a cidade e as margens do rio Tâmega

Bárbara Monteiro | Carlos Marques
João Ovelheira | Marta Fonte

Desenvolvida em grupo, a estratégia de atuação procura dar continuidade à estratégia desenvolvida pelo Programa Polis em Chaves, propondo um conjunto de intervenções de requalificação urbana e valorização ambiental, que em conjunto, pretendem consolidar o espaço urbano e reforçar as ligações entre a cidade e o rio.

Auxiliada pelo conceito de cidade linear elaborado na obra *Learning from Las Vegas* (1988), de Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour, propõe-se como estratégia de atuação, a identificação de um eixo a partir do qual se torna possível estabelecer ligações entre a cidade antiga e a cidade nova, e entre a cidade e o rio. O eixo identificado corresponde à antiga via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, Braga e Astorga respetivamente, e que, apesar de na sua totalidade não corresponder formalmente à sua configuração original, continua a representar um eixo significativo, que percorre a cidade de uma ponta a outra.

Deste modo, são desenvolvidas quatro estratégias individuais assentes na requalificação do centro urbano de Chaves e na disponibilização, requalificação e valorização ambiental das margens do rio Tâmega: a requalificação do antigo terminal rodoviário, no largo da Estação (A); a expansão do Jardim do Tabolado, a jusante da ponte Eng. Barbosa Carmona (B); a construção de um novo espaço para a feira, a montante da ponte de S. Roque (C); e a construção de um centro interpretativo e recreativo da paisagem, junto das Lagoas de Santa Cruz (D).

Planta da estratégia geral de intervenção

- A - O novo Terminal Rodoviário;
- B - Uma nova expansão do Jardim do Tabolado;
- C - O novo recinto da Feira;
- D - Centro Interpretativo e Recreativo da paisagem do Tâmega;



O novo Terminal Rodoviário

Carlos Miguel Marques

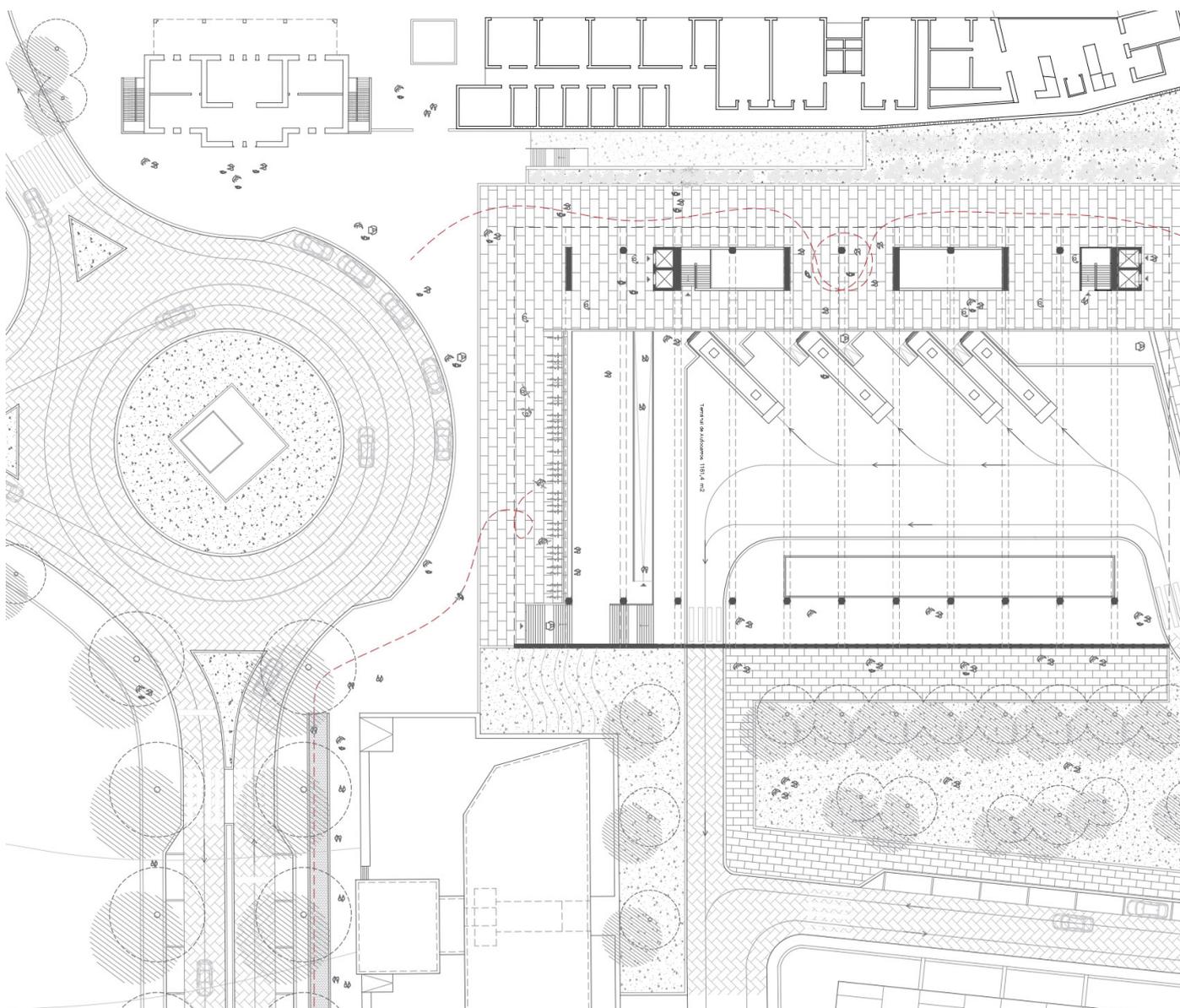
O projeto compreende o redesenho e requalificação do Terminal Rodoviário de Chaves, tornando-o numa nova centralidade.

Neste âmbito, propõem-se uma intervenção em torno de dois eixos da cidade: o eixo da avenida Largo da Estação (sensivelmente perpendicular ao rio Tâmega) e o eixo de consolidação da malha urbana entre os dois fortes (o forte de São Francisco e o forte de São Neutel).

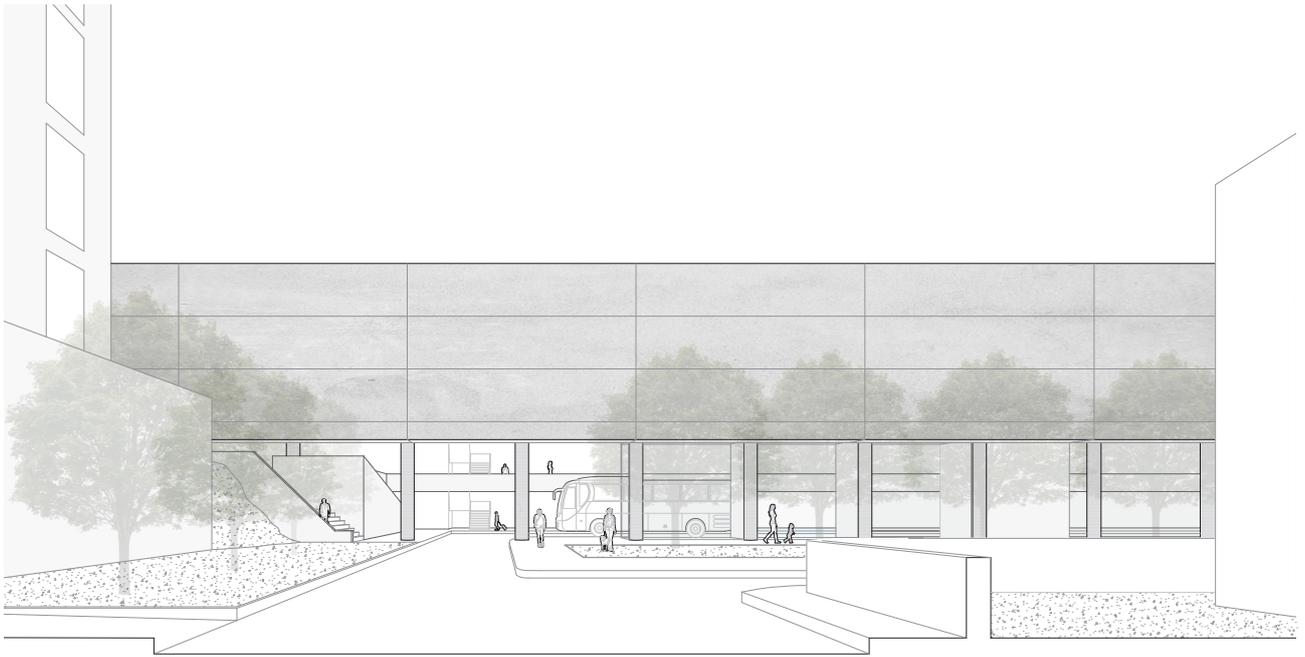
O primeiro eixo compreende a atual Avenida Largo da Estação, que outrora era caracterizada pelo seu longo percurso arborizado. Esta alameda, no final do século XX, com a construção da ponte de São Roque foi redesenhada perdendo grande parte do seu carácter arbóreo face às exigências impostas da cidade moderna. De forma a recuperar a intenção da presença

arbórea neste eixo propõem-se o seu redesenho através da implantação de novas árvores que ladeiam a avenida.

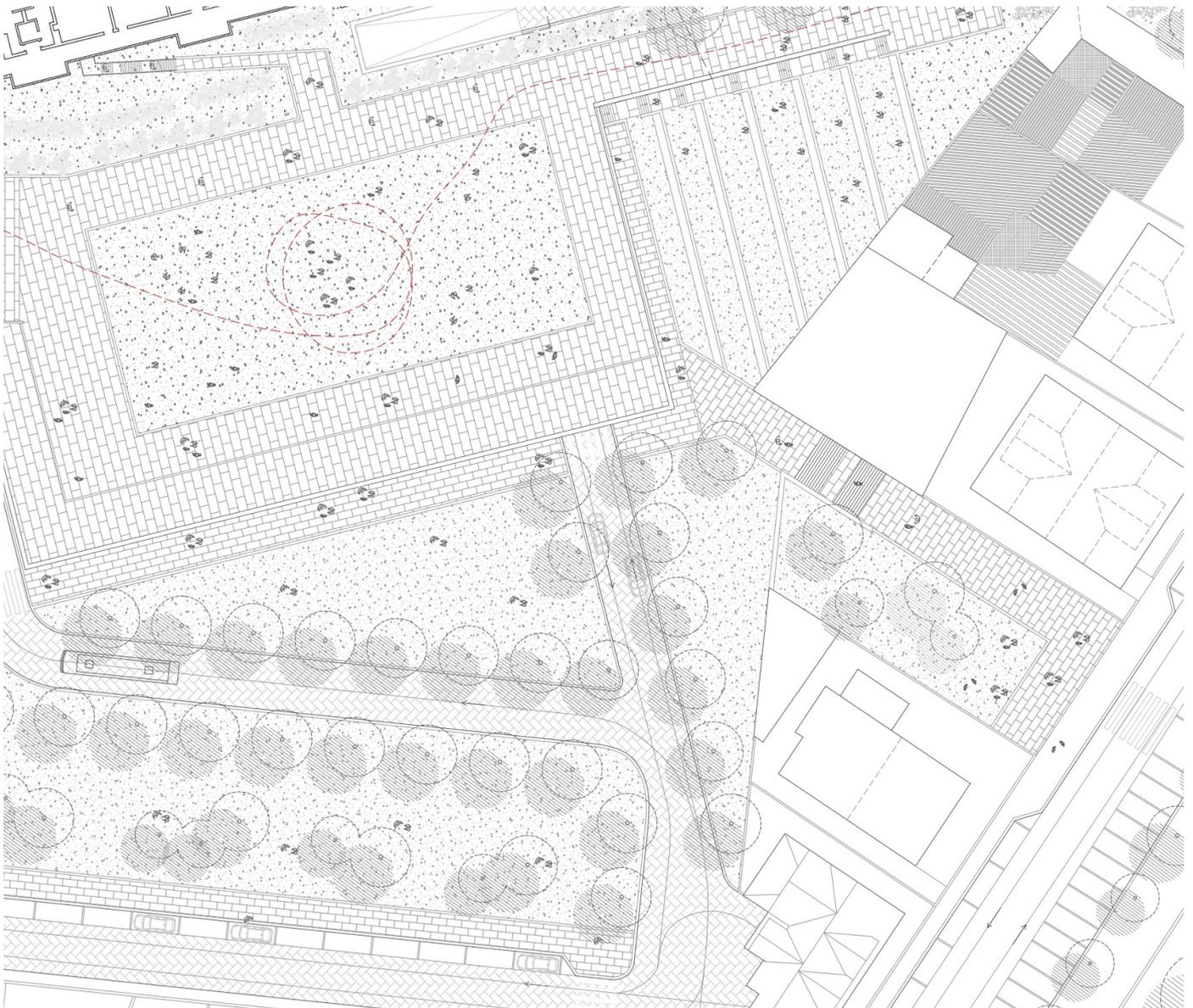
O segundo eixo toma como base reforçar a ligação entre o Forte de S. Francisco, associado ao núcleo do centro histórico de Chaves, e o Forte de S. Neutel, agregado à crescente malha urbana, a norte. Este eixo é incentivado pela reestruturação do atual Terminal Rodoviário de Chaves, uma infraestrutura de mobilidade capaz de regenerar o tecido urbano e propôr novas ligações, contrapondo a atual aridez paisagística acentuada pelo desnível topográfico.



Planta do piso superior do Terminal Rodoviário

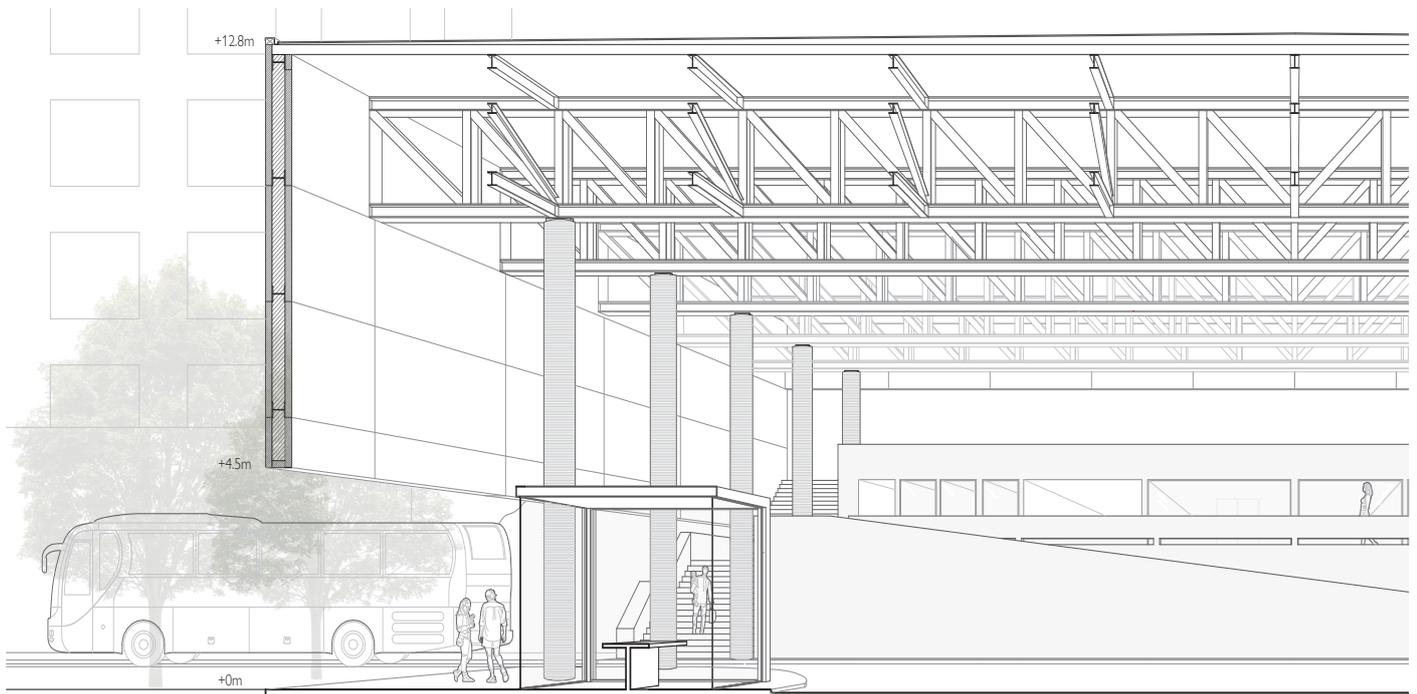
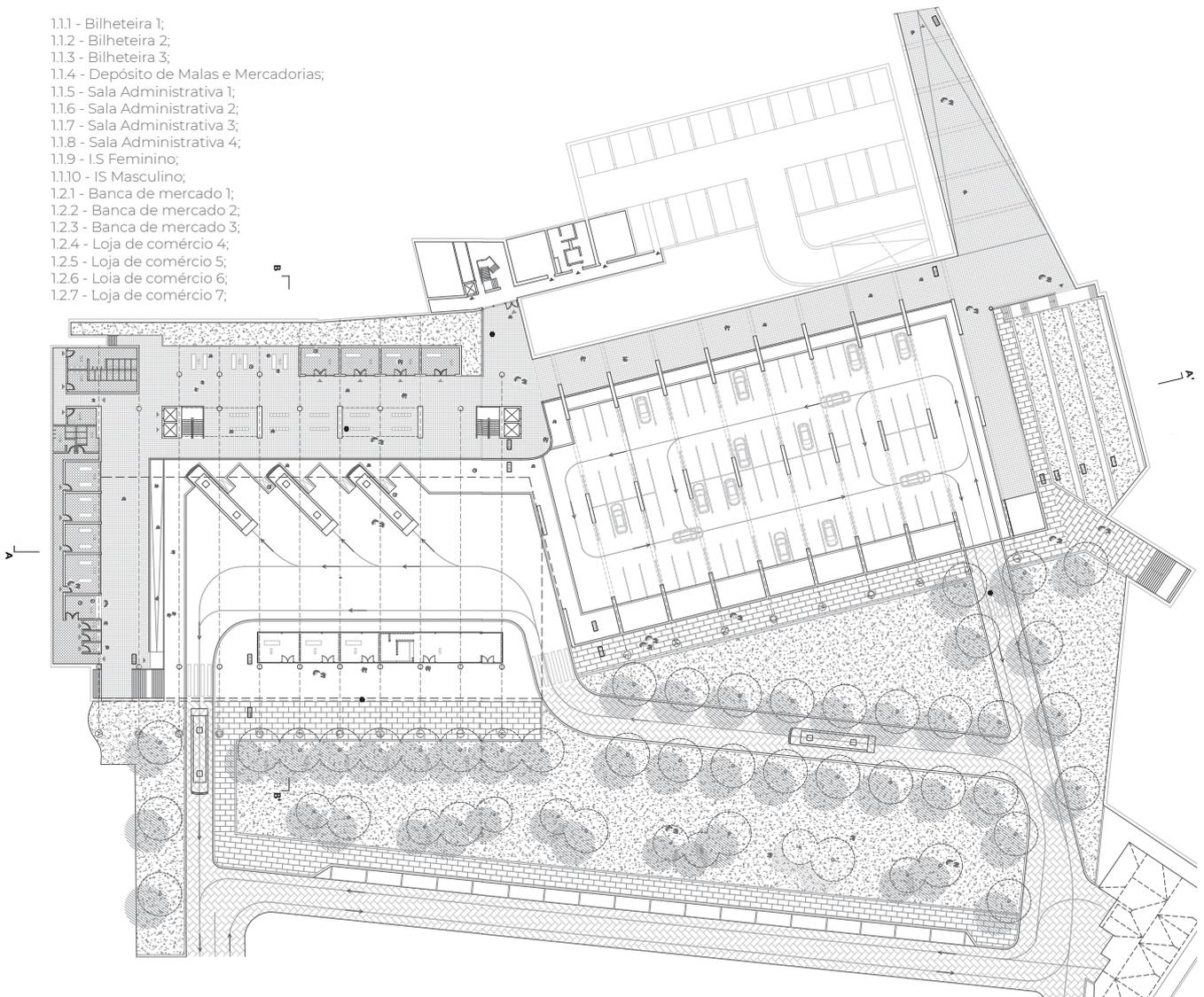


Vista nascente prespetivada do Terminal Rodoviário

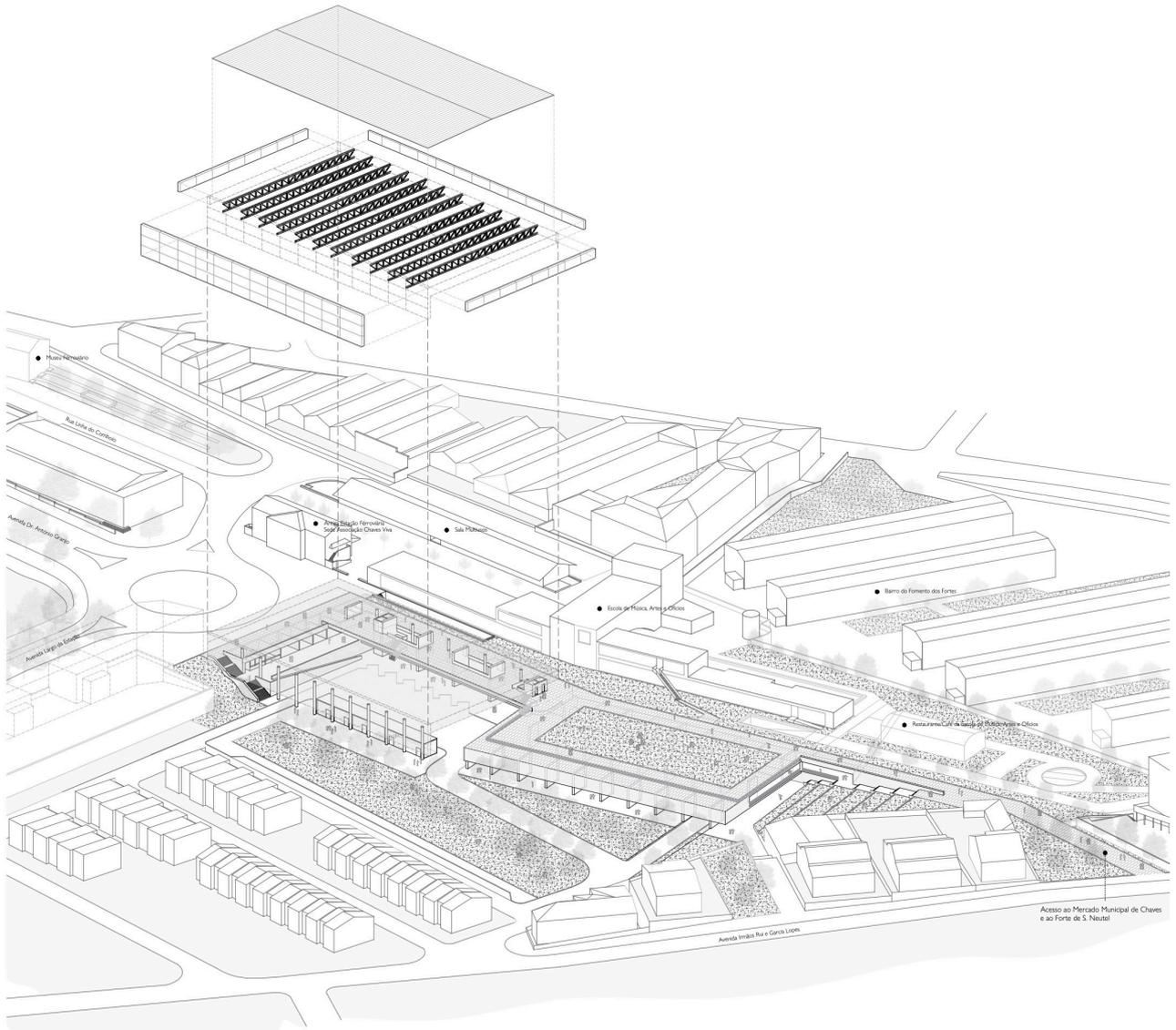


Planta do piso intermédio do Terminal Rodoviário

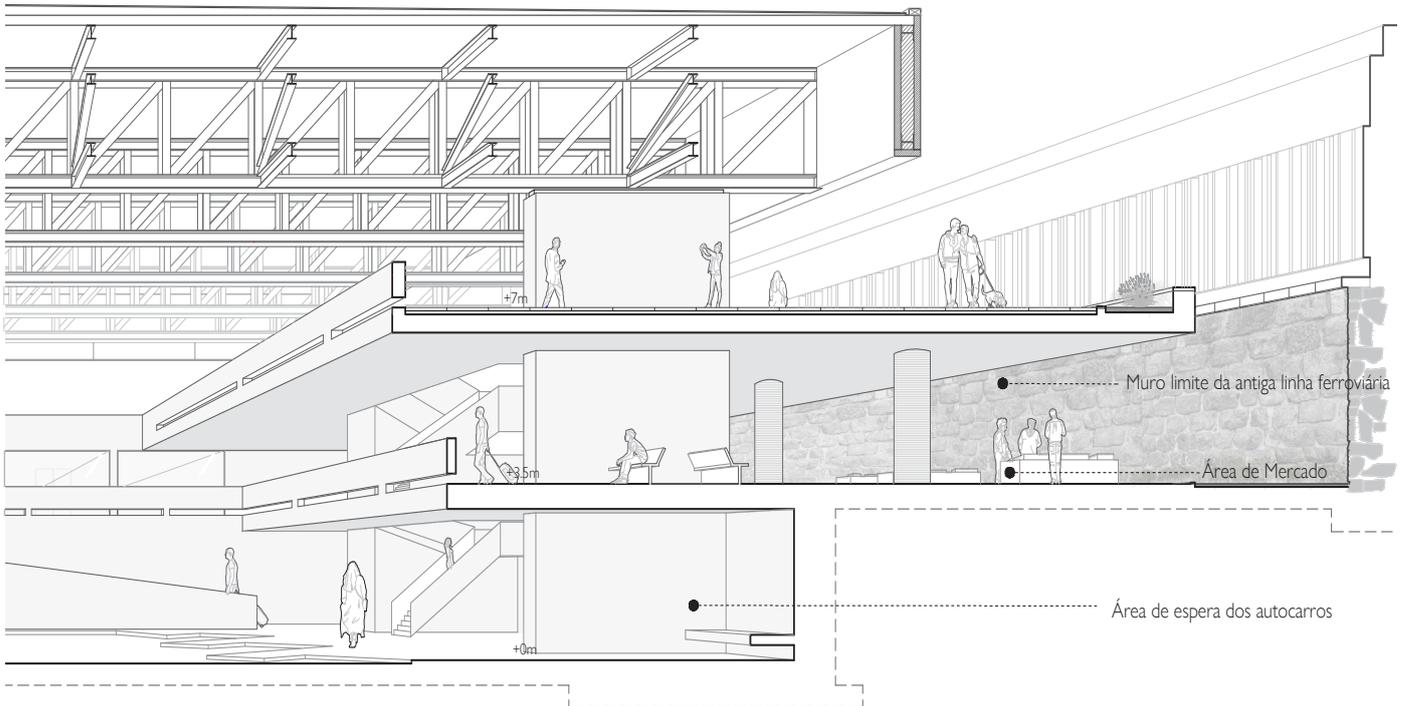
- 1.1.1 - Bilheteira 1;
- 1.1.2 - Bilheteira 2;
- 1.1.3 - Bilheteira 3;
- 1.1.4 - Depósito de Malas e Mercadorias;
- 1.1.5 - Sala Administrativa 1;
- 1.1.6 - Sala Administrativa 2;
- 1.1.7 - Sala Administrativa 3;
- 1.1.8 - Sala Administrativa 4;
- 1.1.9 - I.S Feminino;
- 1.1.10 - I.S Masculino;
- 1.2.1 - Banca de mercado 1;
- 1.2.2 - Banca de mercado 2;
- 1.2.3 - Banca de mercado 3;
- 1.2.4 - Loja de comércio 4;
- 1.2.5 - Loja de comércio 5;
- 1.2.6 - Loja de comércio 6;
- 1.2.7 - Loja de comércio 7;



Corte Prespetivado do Terminal Rodoviário



Axonometria do Terminal Rodoviário



Expansão do jardim do Tabolado

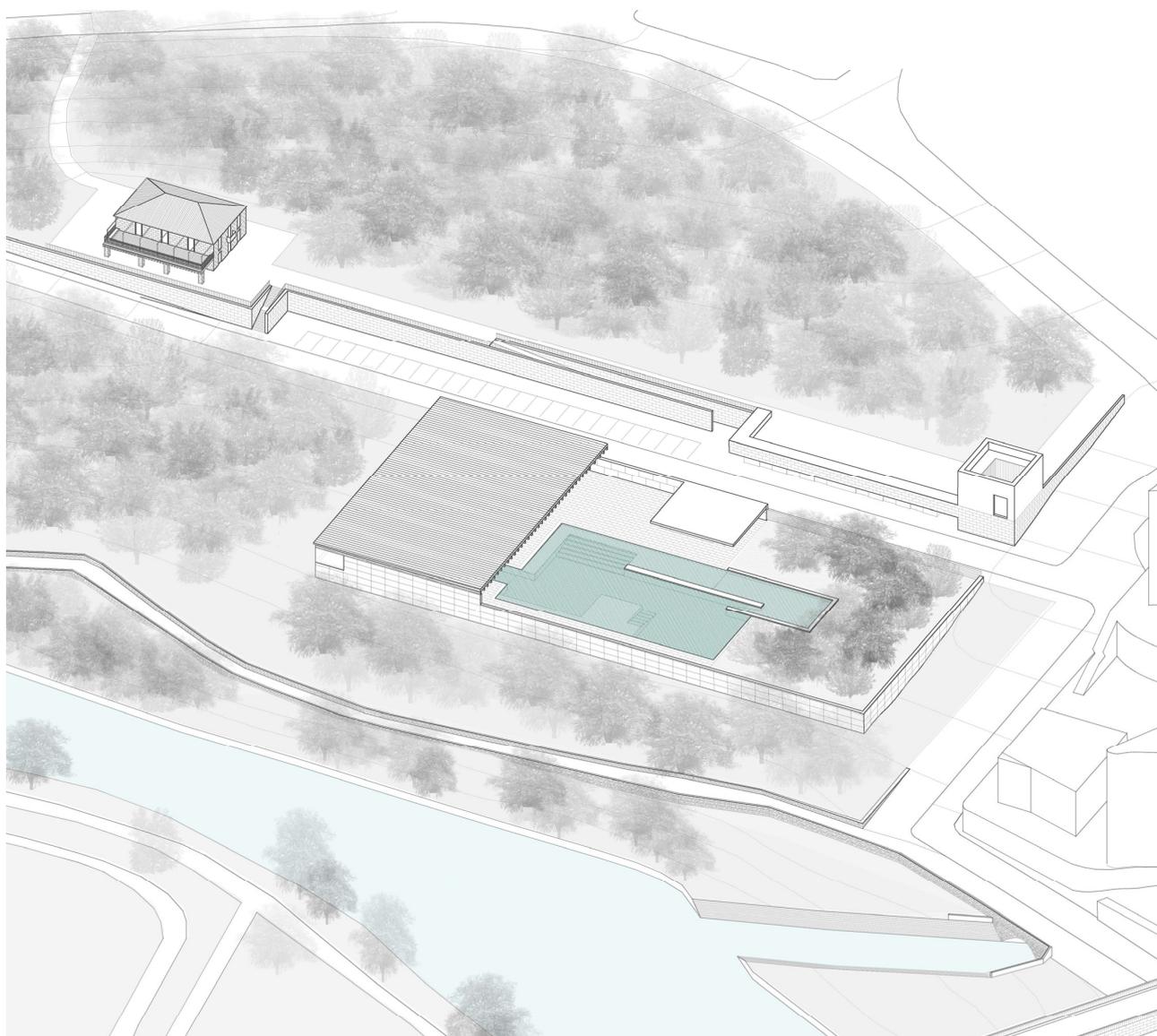
Bárbara Monteiro

O projeto propõe a expansão do jardim do Tabolado, tomando partido de um terreno localizado nas traseiras do Edifício Golfinho. Aproveitado o eixo já existente, paralelo ao rio, prolongando-o de modo a reintegrar a habitação senhorial existente na malha urbana.

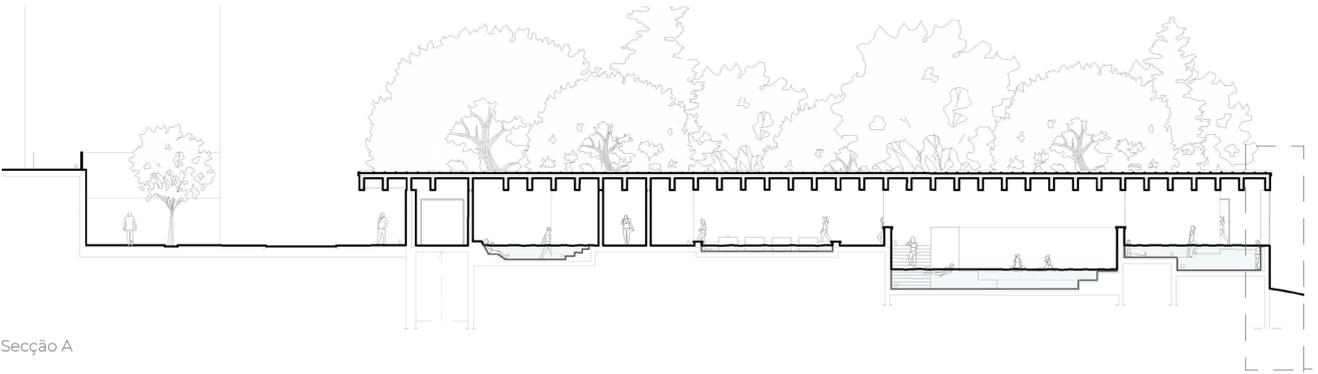
A partir de um eixo que se torna estruturador do lugar, ladeado por dois muros. Um muro de contenção em pedra, do lado este, que estabiliza o terreno à cota de acesso aos “Banhos Públicos”, que se propõem, e à cota térrea da habitação e um outro muro de betão, do lado oeste, delimitador de um recinto, que procura enquadrar a escala dos embasamentos do “Edifício Golfinho” e do Hotel “Aquae Flaviae”, de onde surge o edifício dos novos Banhos Públicos.

O primeiro desenha o espaço de receção, o estacionamento e acessos pedonais à habitação, enquanto que o segundo permite desenhar um novo jardim murado, com um ambiente protegido em relação ao entorno nem sempre qualificado, em particular as traseiras do “Edifício Golfinho”.

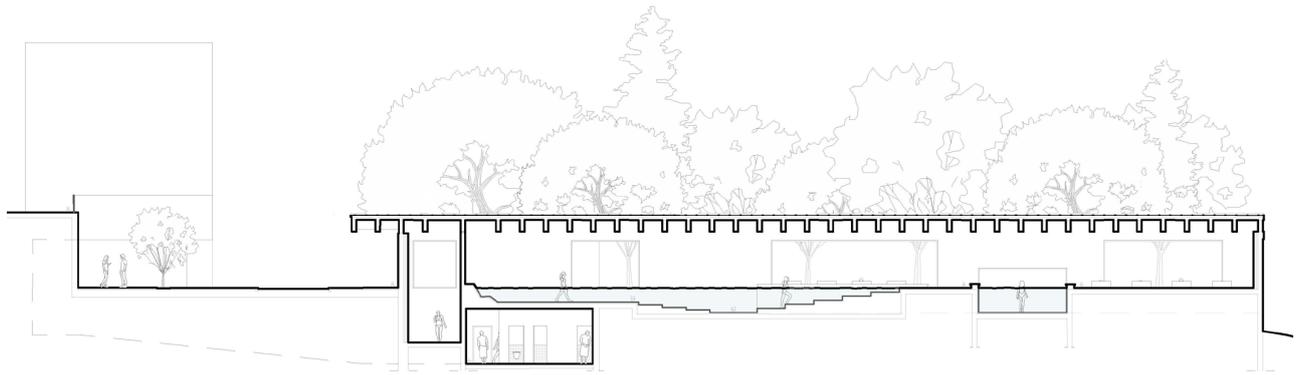
De uma forma geral, o projeto está orientado nordeste-sudoeste e estrutura-se em duas frentes, perante um eixo viário já existente. Na ligação a uma cota inferior, estabelece-se o espaço de receção e balneários dos banhos públicos. Já no recinto retangular, as piscinas interiores e exteriores entram em harmonia para com o novo jardim murado - inspirado num Hortus Conclusus.



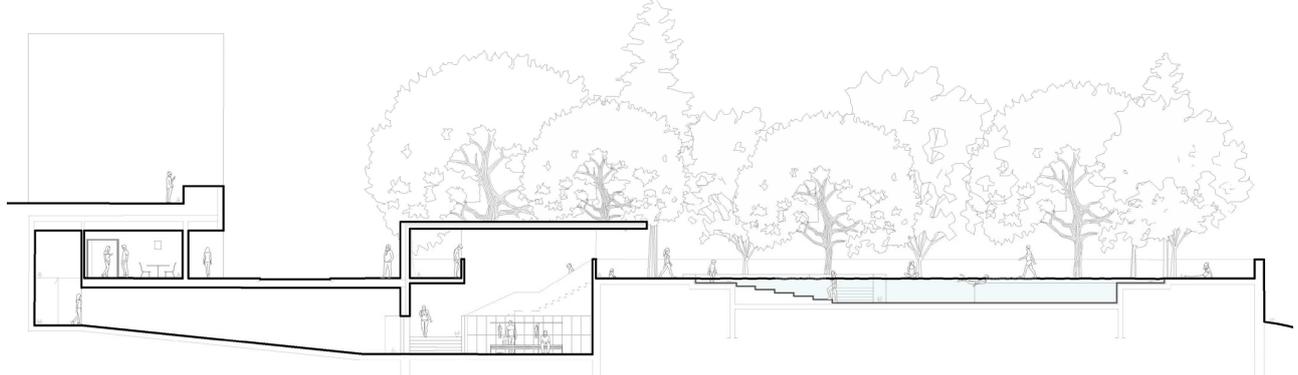
Perspetiva dos novos “Banhos Públicos”



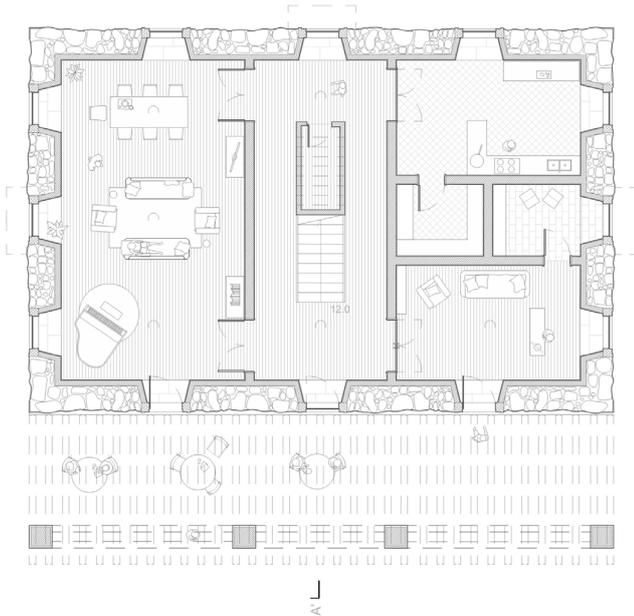
Secção A



Secção B



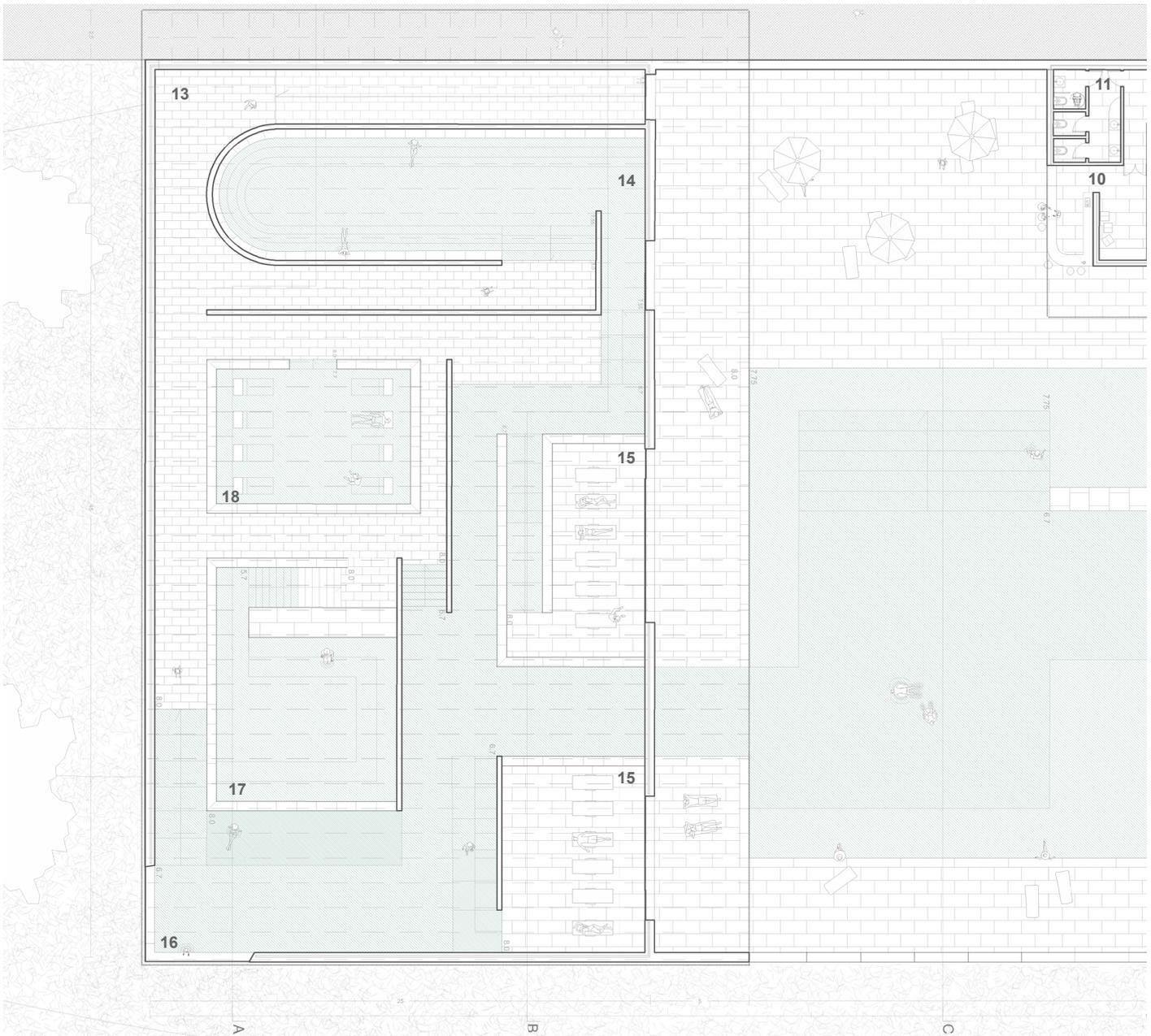
Secção C

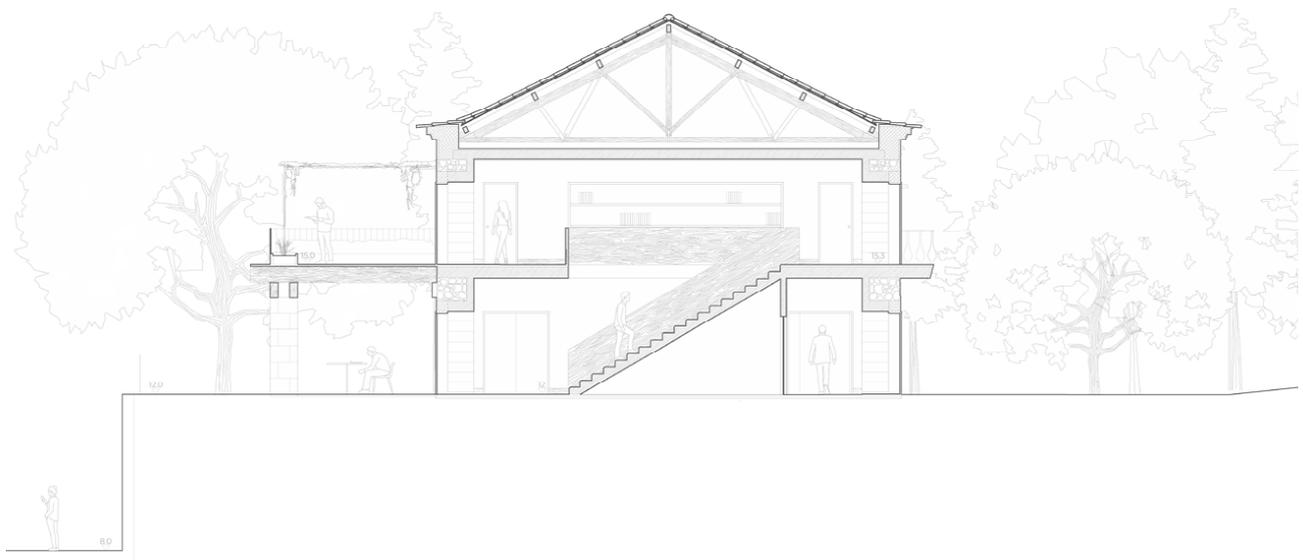


Planta do piso térreo da nova "Pousada"

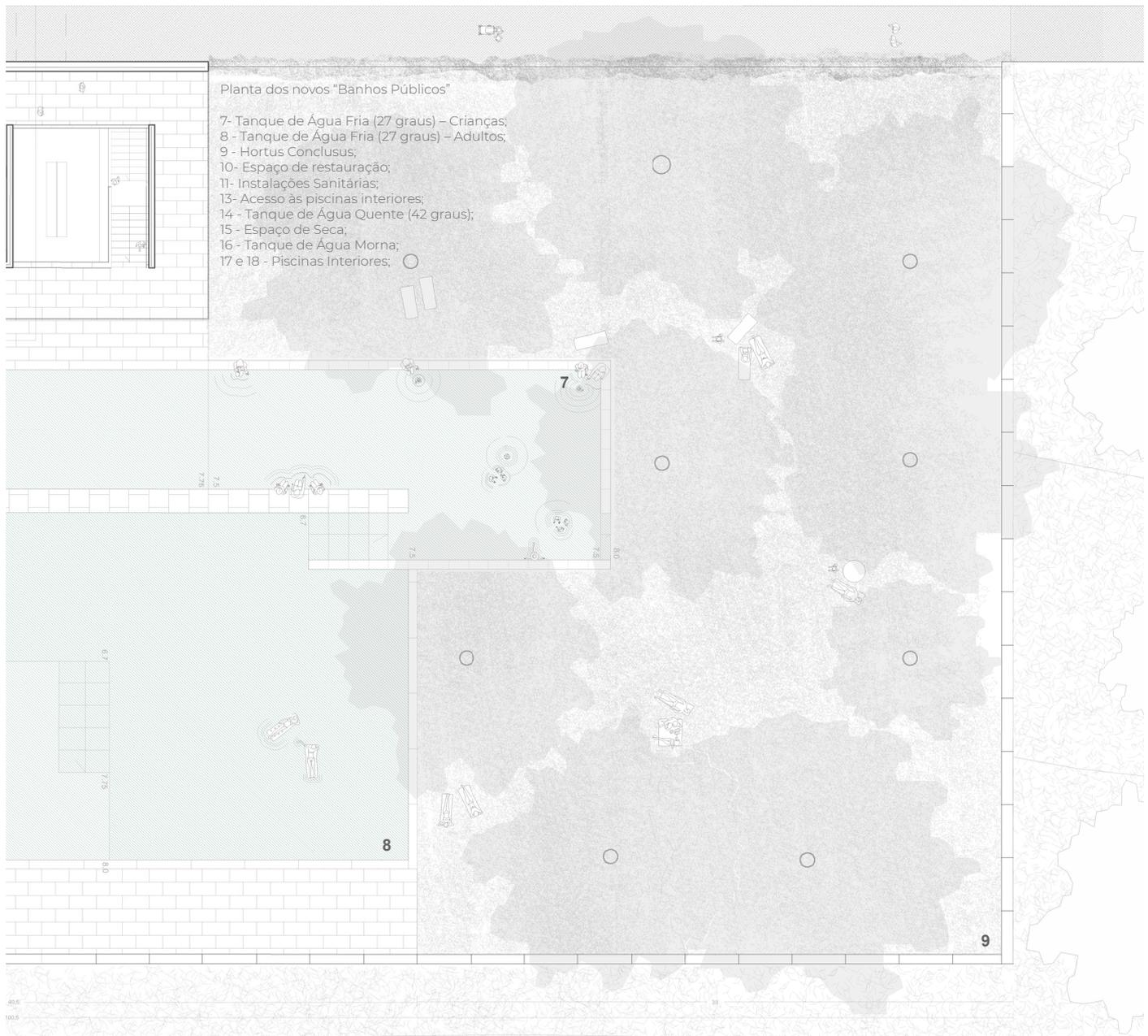


Planta do primeiro piso da nova "Pousada"





Secção A' da nova "Pousada"



O novo recinto da Feira

Marta Vieira da Fonte

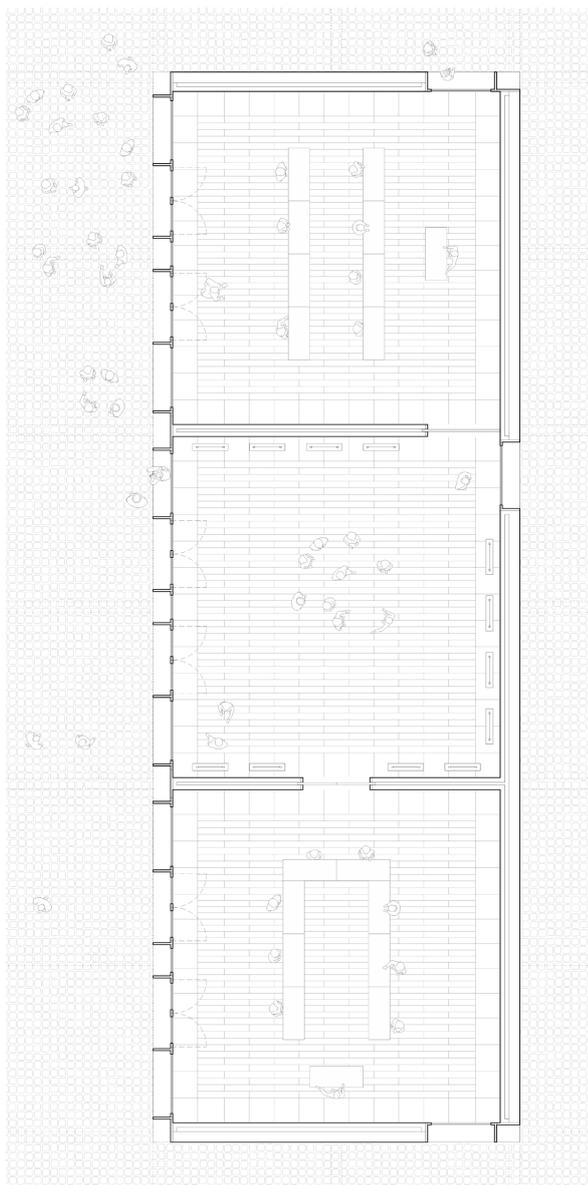
Fundamentada num trabalho de análise e reflexão sobre o território de Chaves, é desenvolvida uma estratégia de atuação individual que pretende dar continuidade à estratégia desenvolvida em 2001 pelo programa Polis em Chaves. Tirando partido de algumas das intervenções previstas, mas não executadas, nomeadamente a requalificação da zona da Galinheira, a montante da ponte de S. Roque.

Nesse sentido, são propostas um conjunto de intervenções, complementares entre si, que visam a disponibilização, requalificação e valorização ambiental da margem do rio, com o objetivo de contribuir para uma continuidade territorial mais alargada, e para o estreitamento das relações de proximidade e complementaridade entre as duas margens e as suas identidades.

A estratégia proposta é igualmente motivada por uma reflexão sobre as atuais práticas de produção e consumo urbanas, e na necessidade de promover uma reaproximação entre produtor e consumidor. Para tal propõe-se o desenvolvimento de agricultura urbana sustentável de base ecológica para a comunidade local e ainda a criação de um recinto capaz de receber eventos gastronómicos e atividades de cariz cultural.

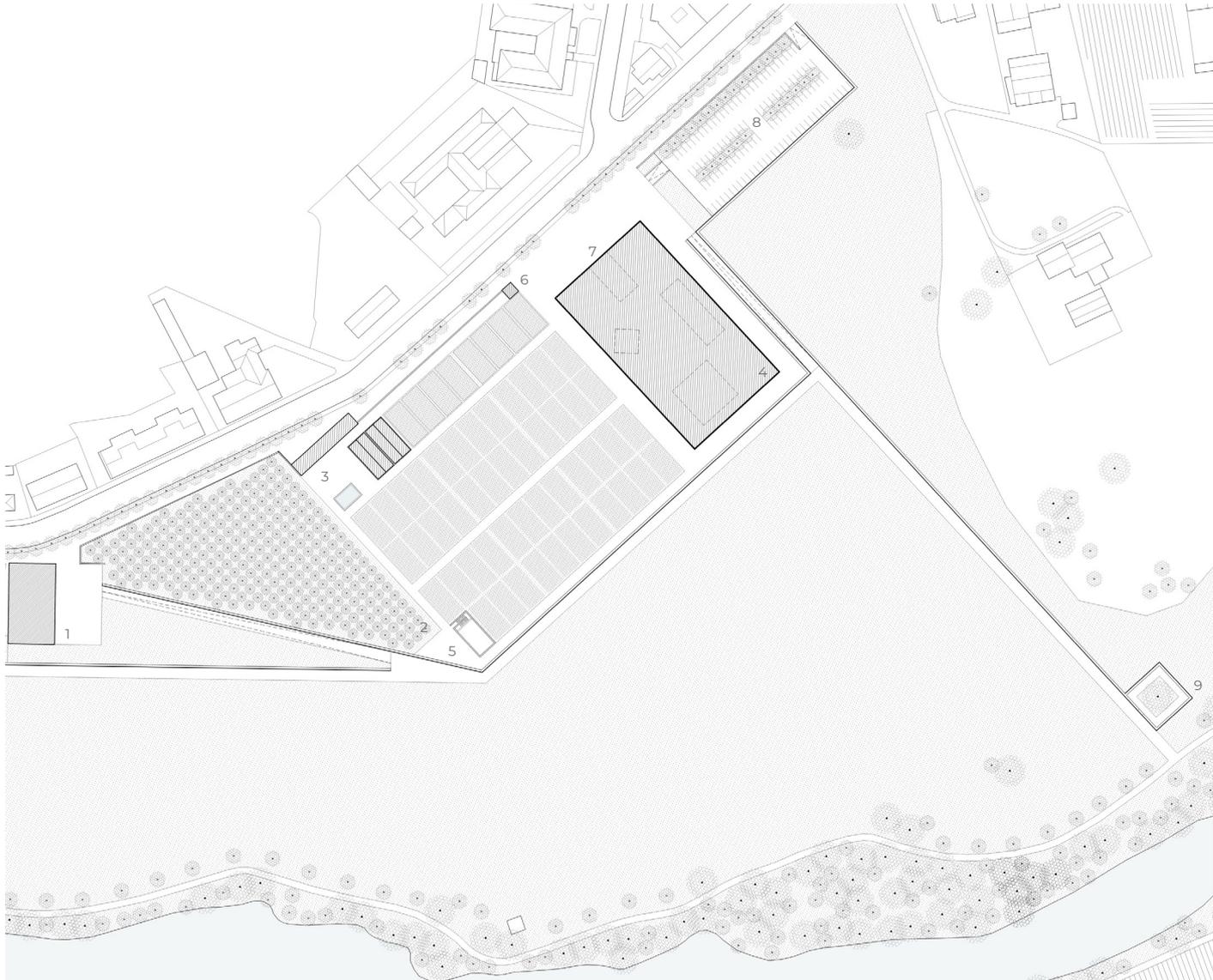
Planta de Implantação da proposta

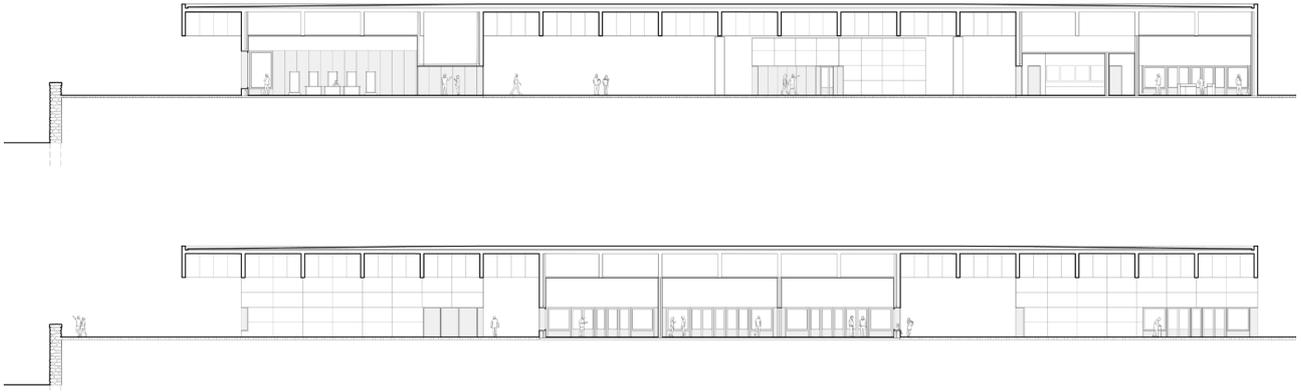
1. Espaço de Restauração
2. Pomar
3. Centro de Apoio ao Parque Hortícola
4. Horta comunitária, recreativa e pedagógica
5. Pátio de acesso ao prado
6. Casa do Segurança
7. Recinto da Feira
8. Estacionamento
9. Pavilhão exterior



Planta do espaço de exposições e workshops



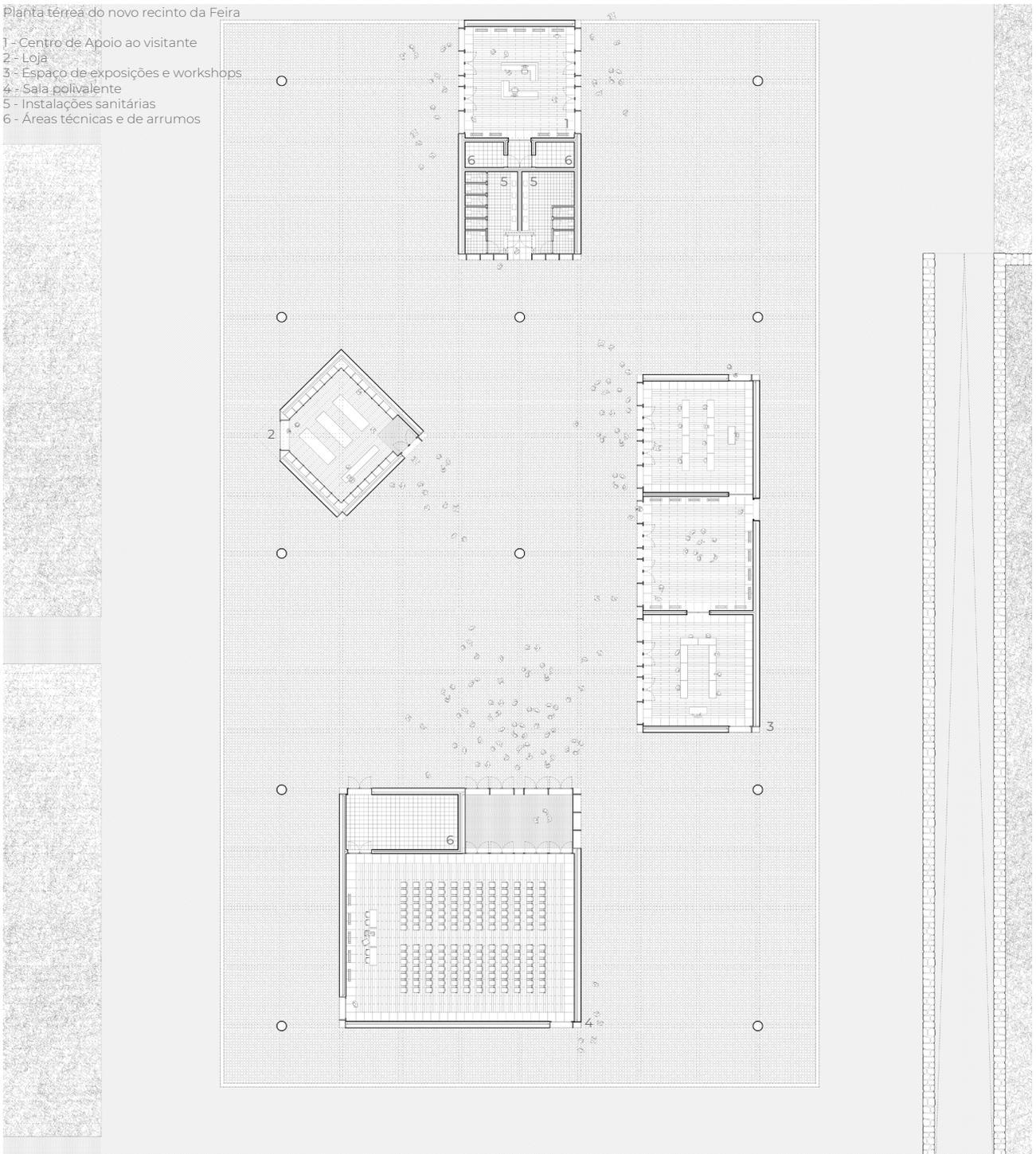


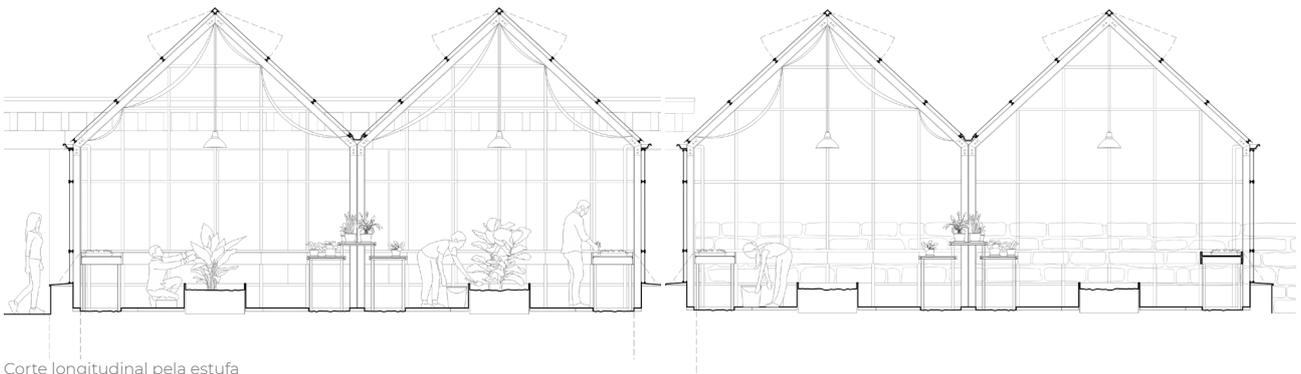


Cortes longitudinais pelo novo recinto da Feira

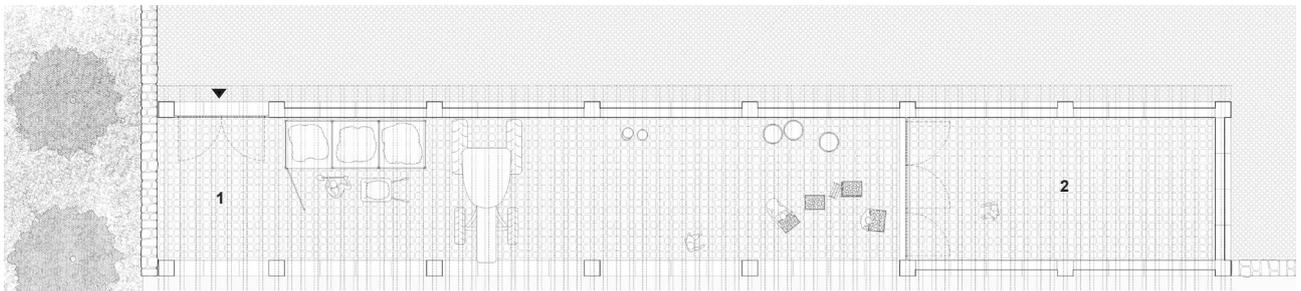
Planta térrea do novo recinto da Feira

- 1 - Centro de Apoio ao visitante
- 2 - Loja
- 3 - Espaço de exposições e workshops
- 4 - Sala polivalente
- 5 - Instalações sanitárias
- 6 - Áreas técnicas e de arrumos





Corte longitudinal pela estufa

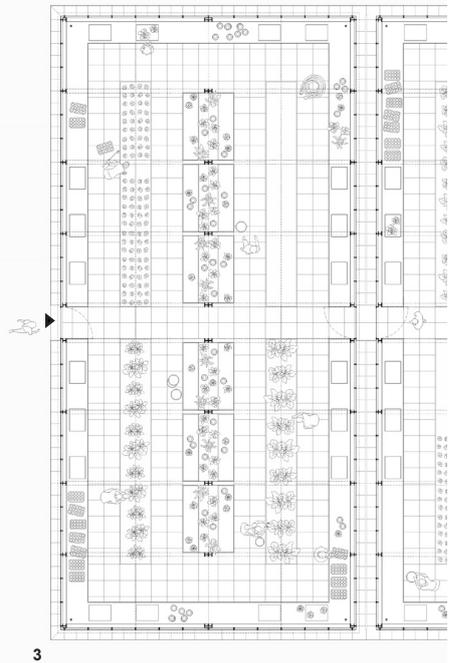


Planta do Centro de Apoio ao Parque Hortícola

- 1. Espaço de apoio e estação de compostagem
- 2. Biblioteca de Sementes
- 3. Estufas
- 4. Tanque agrícola
- 5. Pomar
- 6. Talhões de cultivo



4



3



7



6

Centro Interpretativo e Recreativo da Paisagem do Rio Tâmega

João Ovelheira

O projeto do Centro Interpretativo e Recreativo das Lagoas de Chaves tem como objetivo reintegrar uma nova paisagem e espaços de lazer que apoiam a cidade na sua proximidade.

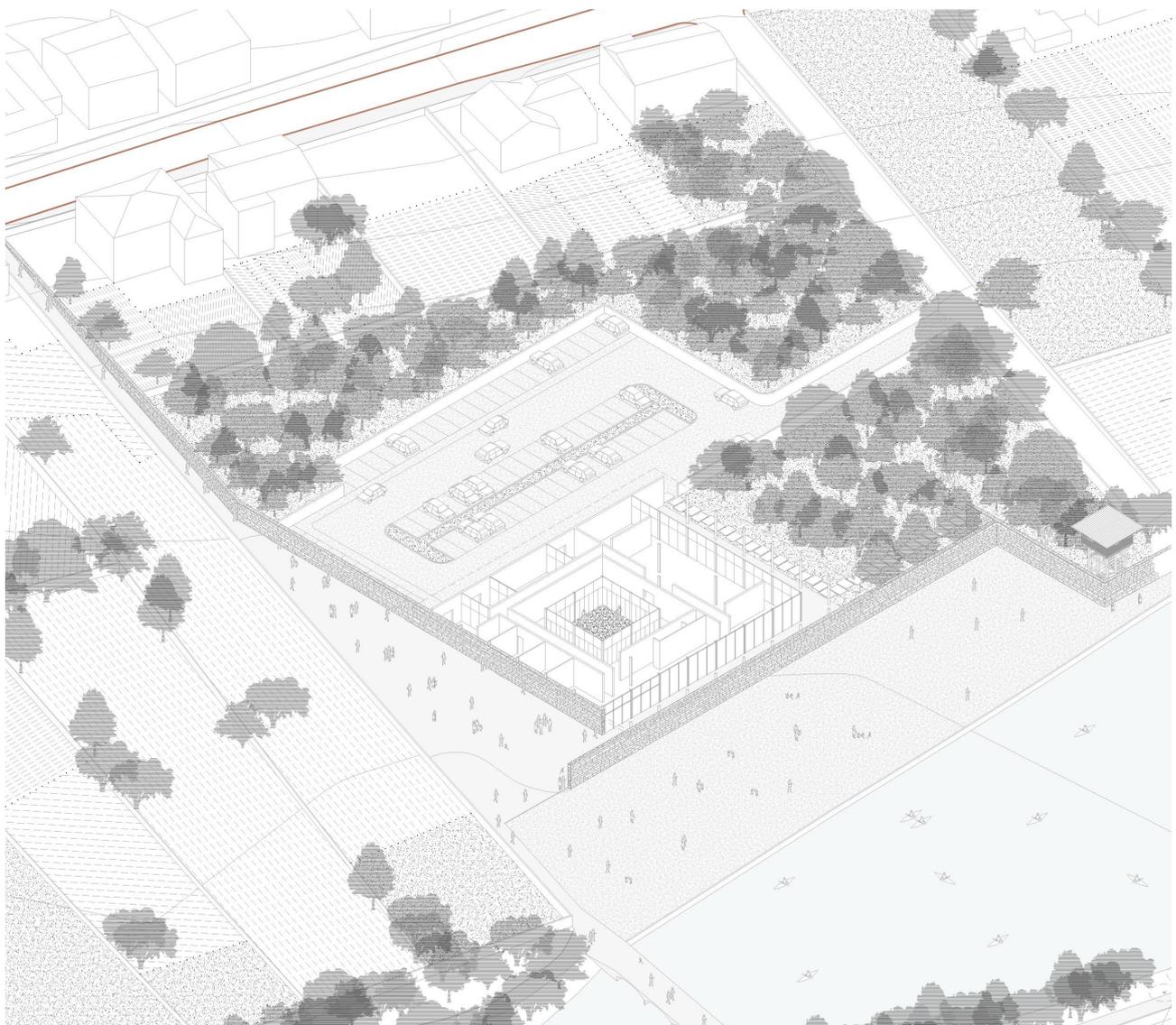
Houve a vontade de criar vários espaços que contornam toda a Lagoa que são interligados por um percurso que abraça o local por completo.

Através de um gesto rigoroso propõe-se trabalhar a topografia do terreno e criar um muro de contenção de pedra irregular granítica, própria região, de forma a proteger as habitações na sua proximidade.

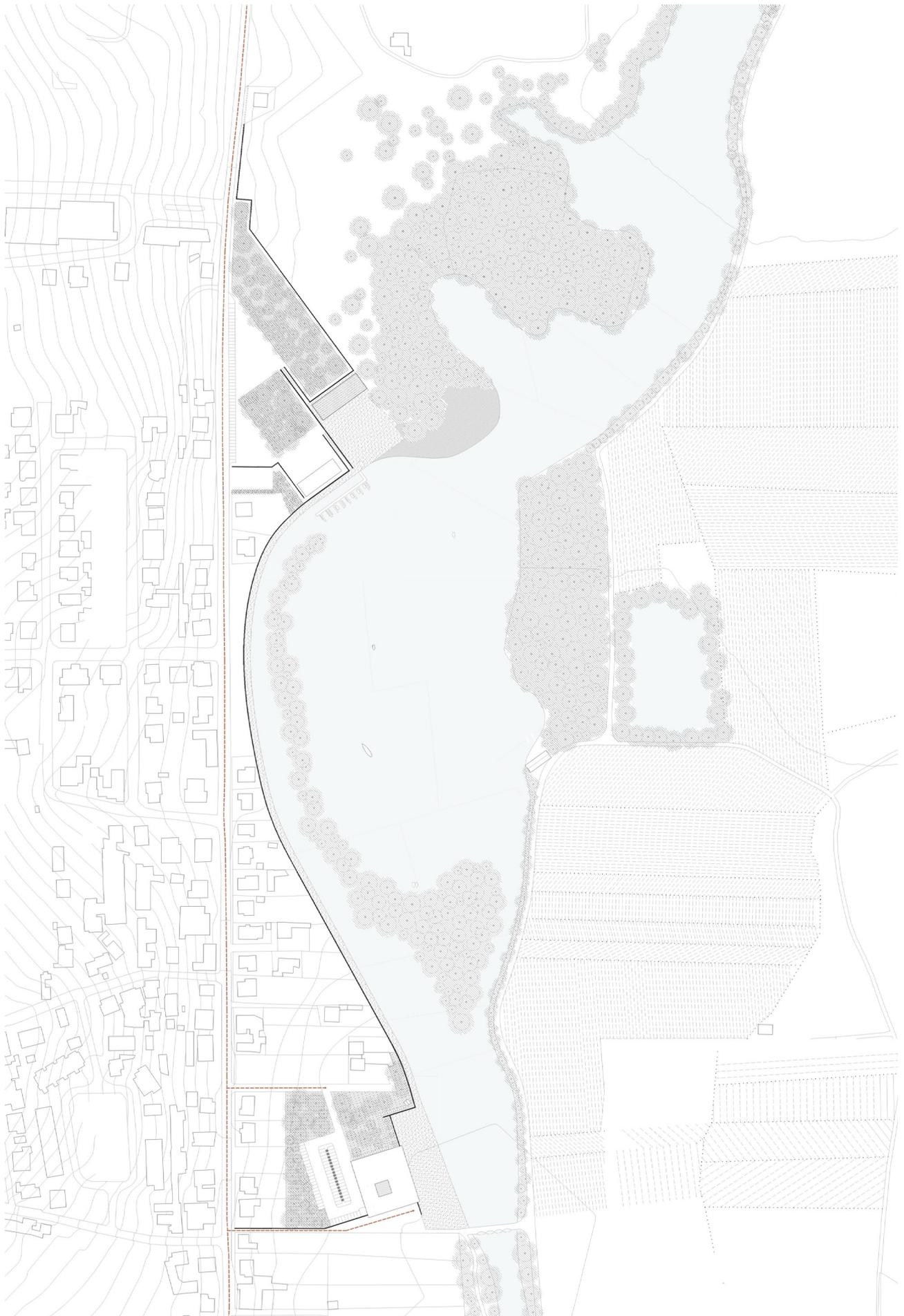
O centro interpretativo pretende promover as rotas de observação de aves e a própria natureza que as Lagoas oferecem. Propõe-se um restaurante/bar, justificado pela ausência de serviços de restauração na sua proximidade.

Já na cota inferior, e ao nível da água, foi pensado um objeto ligado aos interesses de lazer. Foi desenhado um conjunto de balneários juntamente com um armazém de barcos, fazendo frente com o muro de pedra e uma praça em saibro. Estes dois espaços são fundamentais para apropriar uma praia fluvial (que outrora existiu no Açude do Tâmega), e uma zona de ancoragem que permite a acesso náutico para as Lagoas.

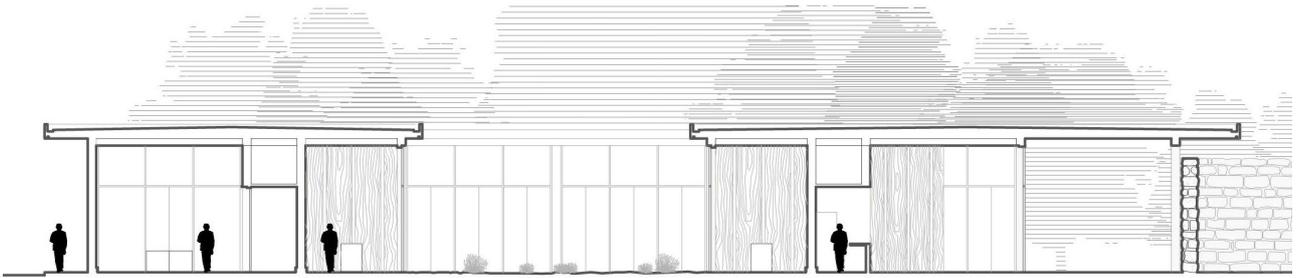
Já na margem esquerda, foi criado um pavilhão livre e aberto de contemplação que fará uma conexão visual panorâmica de paisagem com as áreas interpretativas e recreativas.



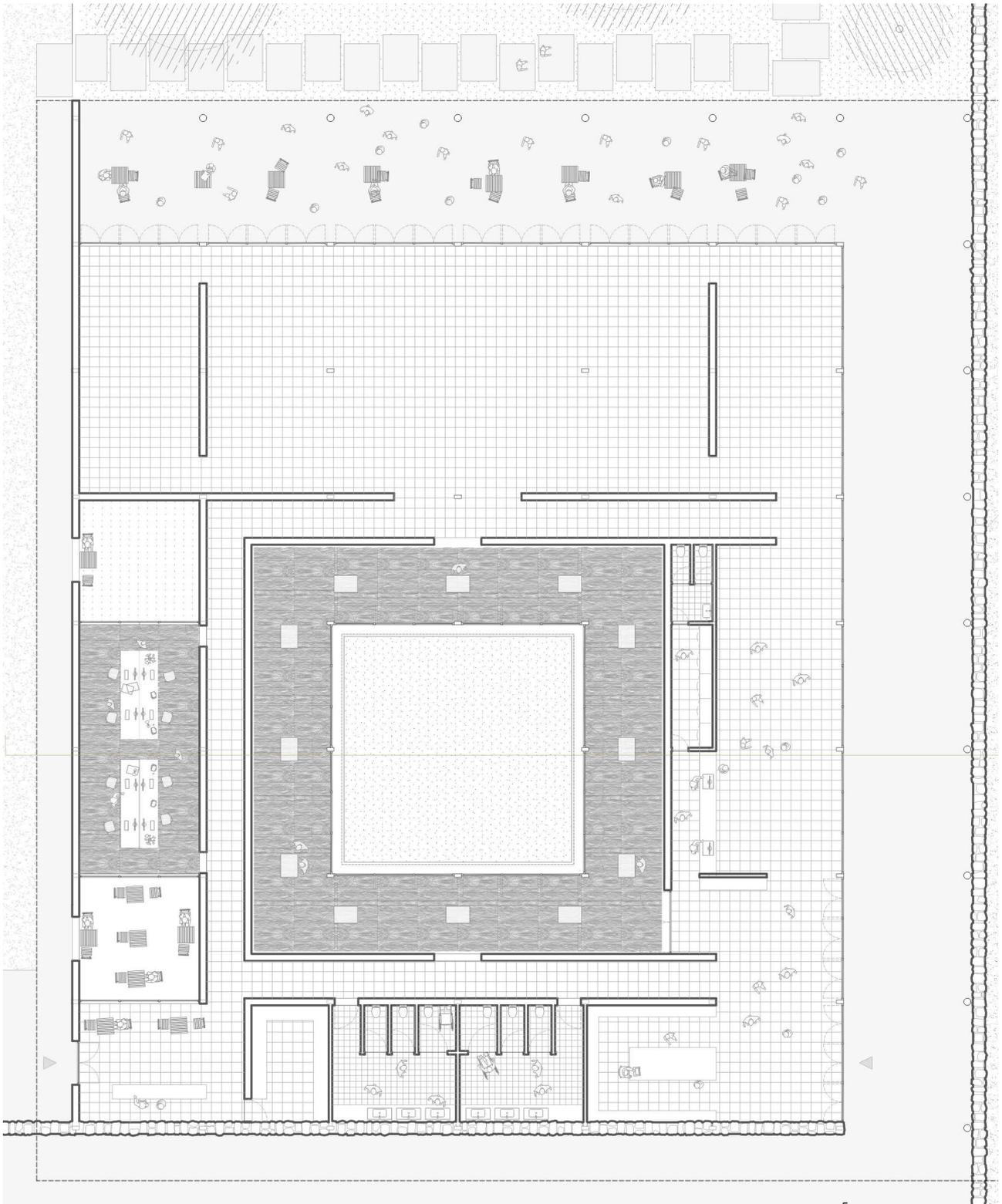
Perspectiva axonométrica do Centro Interpretativo



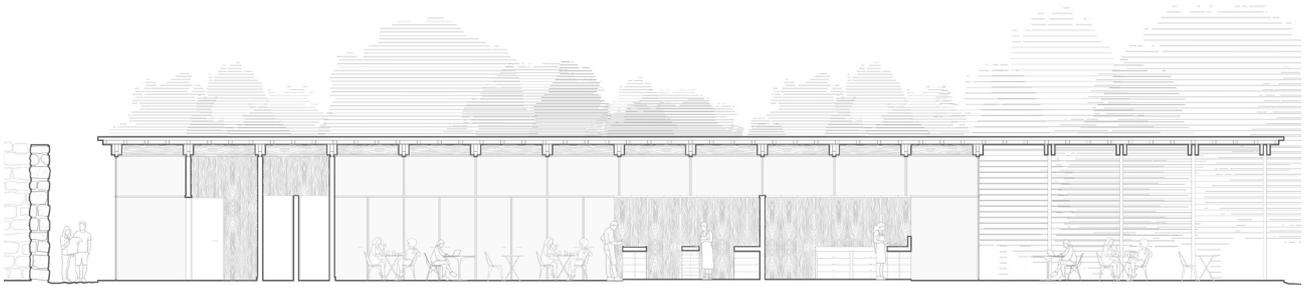
Planta de implantação do projeto



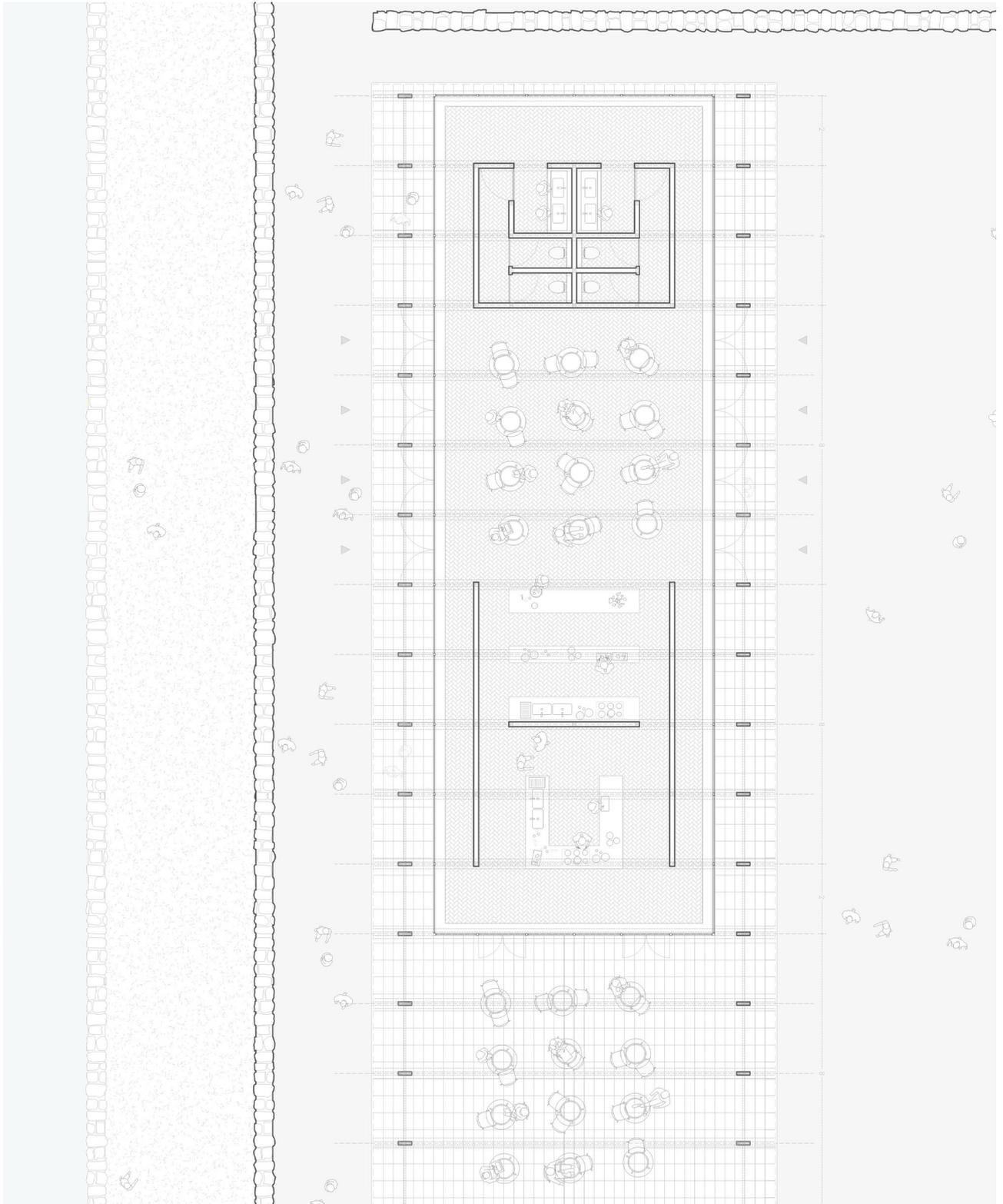
Corte pelo Centro Interpretativo



Planta do Centro Interpretativo



Corte pelo restaurante das Lagoas



Planta do restaurante das Lagoas

Agradecimentos

Esta edição não teria sido possível sem o generoso apoio do Atelier Álvaro Siza, do Canadian Center for Architecture, da Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte e Arquivos, da Câmara Municipal de Matosinhos, da Câmara Municipal de Vila do Conde, da Câmara Municipal de Viana do Castelo, da Câmara Municipal de Chaves, da Casa da Arquitectura, do DINÂMIA'CET_Iscte - Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território do Iscte, e da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Particulares palavras de agradecimento, no debate crítico a: Alexandra Saraiva, Ana Tostões, António Madureira, Gabriela Gonçalves, Gonçalo Byrne, Helena Botelho, Inês d'Orey, Inês Lobo, Inês Moreira, João Paulo Delgado, João Paulo Rapagão, João Pedro Falcão de Campos, Jorge Figueira, José Luís Saldanha, Magda Seifert, Marta Marques de Aguiar, Marta Sequeira, Miguel Gomes, Miguel Judas, Nuno Valentim, Pedro Baía, Raquel Paulino, Rui Fernando Povoas, Sandra Marques Pereira.

Em especial, a Álvaro Siza.



Último dia da defesa dos projetos finais de arquitetura, Iscte - Instituto
Universitário de Lisboa, 16 de dezembro de 2022